



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM SERVIÇO
SOCIAL

Juliana Garcia de Brito de Lima e Silva

A função social da poesia e o seu lugar no cotidiano profissional da assistente social

Mestrado em Serviço Social

SÃO PAULO

2023

Juliana Garcia de Brito de Lima e Silva

A função social da poesia e o seu lugar no cotidiano profissional da assistente social

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como exigência parcial para a obtenção do título de MESTRE em Serviço Social, sob orientação da Profa. Dra. Maria Lúcia Martinelli.

SÃO PAULO

2023

Sistemas de Bibliotecas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo -
Ficha Catalográfica com dados fornecidos pelo autor

Silva, Juliana Garcia de Brito de Lima e
A função social da poesia e o seu lugar no
cotidiano profissional da assistente social. /
Juliana Garcia de Brito de Lima e Silva. -- São
Paulo: [s.n.], 2023.
137p. il. ; cm.

Orientador: Maria Lúcia Martinelli.
Dissertação (Mestrado)-- Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós
Graduados em Serviço Social.

1. poesia. 2. cotidiano. 3. escrevivência. 4.
assistente social. I. Martinelli, Maria Lúcia. II.
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social.
III. Título.

CDD

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Lúcia Martinelli – orientadora
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Profa. Dra. Olegna de Souza Guedes
Universidade Estadual de Londrina

Profa. Dra. Maria Beatriz Costa Abramides
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Dedico aos meus pais, Marino, Regina e Luizão.

À minha terapeuta, Dra. Francisca Keiko.

Aos meus psiquiatras, Dr. Wellington Carvalho e Dr. Ernindo Sacomani.

À minha co-orientadora, Profa. Dra. Ana Katrina Cabrini.

À minha orientadora, Profa. Dra. Maria Lúcia Martinelli.

Agradeço à CAPES pelo apoio e bolsa de estudos parcial. Este estudo foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- Brasil (CAPES). Código de financiamento 001. Número de processo: 88887680369/2022-00.

Grateful to CAPES for the support and partial educational sponsorship. This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- Brasil (CAPES). Finance Code 001. Process Number: 88887680369/2022-00.

AGRADECIMENTOS

À deusa natureza, pelo pão de cada dia em minha mesa
À Lua, pelo silêncio das madrugadas
Ao vinho, bebida sagrada dos deuses e fadas sensatas
Ao Ketinho, pela inspiração e contribuição nesta escrita
Aos professores, meus grandes amores
À família, pelo apoio e a partilha
Aos amigos, que caminharam comigo
Ao “Terceirão”, que não soltou minha mão
Ao Wellington, pela cuidadosa revisão
Ao Bar Tradição, pela diversão
À Ritalina, pelo foco e atenção artificiais
Aos meus animais, que me amaram demais
Ao Gui, quem me fez sorrir
Ao Arthur, em quem me espelhei
Ao Rei, quem tanto amei
Às trabalhadoras “Norteanas”, que foram tão bacanas
À Rodrigues, pelo acolhimento
À Yazbek, por cada maçã entregue
À Bibi, pelos beijinhos
À Olegna, pelo carinho
À Lélica, pela luta
À katrina, pela escrita e a escuta
À CAPES, pela bolsa parcial
À Maria, fada do Serviço Social, mãe da poesia
Às participantes da pesquisa, é nossa esta conquista!

Canta, poeta, teu cantar singelo
Meigo, sereno como um riso d'anjos;
Canta a natura, a primavera, as flores,
Canta a mulher a semelhar arcanjos...

Canta, poeta, à liberdade, — canta,
Que fora o mundo sem fanal tão grato;
Anjo baixado da celeste altura,
Que espanca as trevas deste mundo ingrato;
Oh! sim, poeta, liberdade e glória
Toma por timbre, e viverás na história.
(Reis, 2017, p. 33)

RESUMO

LIMA E SILVA, Juliana Garcia de Brito de. **A Função social da poesia e o seu lugar no cotidiano profissional da assistente social.**

A presente dissertação possui como objeto de estudos a função social da poesia e o seu lugar no cotidiano profissional das assistentes sociais. Para aprofundar o objeto proposto, realizou-se pesquisa qualitativa de campo apoiada na metodologia da “Pesquisa-ação” proposta por René Barbier, autor que apresenta o instrumental técnico “Diário de itinerância” como ferramenta de coleta de dados. Para a captação de narrativas escritas nestes diários, utilizou-se o conceito de “escrevivência” proposto pela escritora Conceição Evaristo. O estudo constitui-se de referenciais teórico-científicos advindos de autores marxistas que debatem sobre a função social da poesia, como Carlos Felipe Moisés e fontes advindas de obras literárias de diversificados gêneros, de escritores como Lygia Fagundes Telles. Todavia, o texto da dissertação é composto pelas escrevivências das participantes da pesquisa, como fontes centrais de conhecimento acerca do objeto. O trabalho contém introdução, três capítulos que preenchem o seu desenvolvimento e considerações finais. O primeiro capítulo discorre sobre a dimensão do afeto evidenciada na escrita poética de uma das participantes que manifesta intensa relação com a profissão, bem como com as pessoas atendidas em seu cotidiano. O segundo capítulo evidenciará a “poesia do dia a dia” revelada nas escrevivências das outras duas participantes que exploram o “olhar e o ouvir” como lugares de solo fértil para o uso da poesia como forma de mediação das ações profissionais. O terceiro capítulo apresenta, através de escrita em primeira pessoa, a escrevivência da pesquisadora. Serão expostos quatorze textos em forma de poemas, contos e cartas que foram organizados em “Estações da Via Mestra” e que fazem menção ao caminho percorrido durante o curso de mestrado no Programa de Pós-graduação em Serviço Social da PUC-SP. As considerações finais trazem uma reflexão entre liberdade, princípio previsto no código de ética profissional da assistente social, e o estado poético, contribuindo para a expansão do tema no qual aborda-se a poesia como recurso potente para o desenvolvimento de atributos importantes aos avanços e enfrentamentos cotidianos e para o abraçar de um novo projeto societário trilhado no cotidiano das profissionais assistentes sociais.

Palavras-chave: poesia. cotidiano. escrevivência. assistente social.

ABSTRACT

LIMA E SILVA, Juliana Garcia de Brito de. **The social function of poetry and its place in the professional daily life of social workers.**

The study object for this presentation is the social function of poetry and its place in the professional routine of social workers. Qualitative field research, supported by the methodology of "research-action" proposed by René Barbier, the author who presents the technical instrument "journey of roaming," was realized as a data collection tool to deepen the proposed object. In order to capture the narratives written in these diaries, the concept of "writing" was used as proposed by the writer Conceição Evaristo. The study consists of theoretical-scientific references from Marxist authors who debate the social function of poetry, such as Carlos Felipe Moises, and sources from literary works of diverse genres, by writers such as Lygia Fagundes Telles. The work contains an introduction, three chapters that complete its development, and final considerations. The first chapter discusses the dimension of affection evidenced in the poetic writing of one of the participants, who manifests an intense relationship with the profession, and the people assisted in her daily life. The second chapter will highlight the "poetry of everyday life" revealed in the writings of the other two participants who explore the "look and listen" as places of fertile soil for using poetry to mediate professional actions. The third chapter will present, through writing in the first person, the researcher's writing. Fourteen poems, short stories, and letters texts will be exposed and organized in "Estações da Via Mestra," which mentions the path taken during the master's course in the Graduate Program in Social Work at PUC-SP. The final considerations bring a reflection between freedom, a principle foreseen in the professional code of ethics of the social worker, and the poetic state, which contributes to the expansion of the present theme where it approaches poetry as a powerful resource for the development of essential attributes for advances and daily confrontations and the embrace of a new societal project trodden in the daily life of professional social workers.

Keywords: poetry. daily. escrivência. social worker

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Diário de Itinerância de Clarice Lispector	32
Imagem 2 - Caixa Poética de Clarice Lispector.....	32
Imagem 3 - Diário de Itinerância de Carolina Maria de Jesus	33
Imagem 4 - Caixa Poética de Carolina Maria de Jesus.....	33
Imagem 5 - Diário de Itinerância de Conceição Evaristo.....	34
Imagem 6 - Caixa Poética de Conceição Evaristo	34
Imagem 7 - Escrevivência da participante Conceição Evaristo	42
Imagem 8 - Escrevivência da participante Conceição Evaristo	43
Imagem 9 - Escrevivência da participante Conceição Evaristo	43
Imagem 10 - Escrevivência da participante Conceição Evaristo	46
Imagem 11 - Escrevivência da participante Conceição Evaristo	48
Imagem 12 - Escrevivência da participante Conceição Evaristo	49
Imagem 13 - Escrevivência da participante Conceição Evaristo	50
Imagem 14 - Escrevivência da participante Conceição Evaristo	51
Imagem 15 - Escrevivência da participante Conceição Evaristo	53
Imagem 16 - Escrevivência da participante Conceição Evaristo	54
Imagem 17 - Escrevivência da participante Conceição Evaristo	55
Imagem 18 - Escrevivência da participante Conceição Evaristo	56
Imagem 19 - Escrevivência da participante Conceição Evaristo	57
Imagem 20 - Escrevivência da participante Conceição Evaristo	58
Imagem 21 - Escrevivência da participante Conceição Evaristo	59
Imagem 22 - Capa do diário da participante Conceição Evaristo.....	61
Imagem 23 - Capa do diário da participante Conceição Evaristo.....	61
Imagem 24 - Capa do diário da participante Conceição Evaristo.....	62
Imagem 25 - Capa do diário da participante Conceição Evaristo.....	62
Imagem 26 - Capa do diário da participante Conceição Evaristo.....	63
Imagem 27 - Capa do diário da participante Conceição Evaristo.....	63
Imagem 28 - Capa do diário da participante Conceição Evaristo.....	64
Imagem 29 - Escrevivência da participante Carolina Maria de Jesus	68
Imagem 30 - Escrevivência da participante Carolina Maria de Jesus	69
Imagem 31 - Escrevivência da participante Carolina Maria de Jesus	71
Imagem 32 - Escrevivência da participante Carolina Maria de Jesus	72

Imagem 33 - Escrevivência da participante Clarice Lispector	73
Imagem 34 - Escrevivência da participante Clarice Lispector	75
Imagem 35 - Escrevivência da participante Clarice Lispector	76
Imagem 36 - Escrevivência da participante Clarice Lispector (continuação...)	77
Imagem 37 - Escrevivência da participante Clarice Lispector	81
Imagem 38 - Escrevivência da participante Clarice Lispector	82
Imagem 39 - Escrevivência da participante Clarice Lispector (continuação...)	83
Imagem 40 - Escrevivência da participante Clarice Lispector	85
Imagem 41 - Escrevivência da participante Carolina Maria de Jesus	87
Imagem 42 - Escrevivência da participante Carolina Maria de Jesus	88
Imagem 43 - Escrevivência da participante Carolina Maria de Jesus	91
Imagem 44 - Escrevivência da participante Carolina Maria de Jesus	91
Imagem 45 - Jesus carrega a cruz nas costas	97
Imagem 46 – Entrega da dissertação.....	132
Imagem 47 - Escrevivência da participante Clarice Lispector	130
Imagem 48 - Escrevivência da participante Carolina Maria de Jesus.....	133
Imagem 49 - Escrevivência da participante Carolina Maria de Jesus	134
Imagem 50 - Escrevivência da participante Carolina Maria de Jesus.....	135
Imagem 51 - Escrevivência da participante Carolina Maria de Jesus	136

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CFESS - Conselho Federal de Serviço Social

CREAS - Centro de Referência de Assistência Social

LGBTQIAPN+ - Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Poli, Não-binárias e mais

PAEFI - Serviço de Atendimento Especializado a Famílias e Indivíduos

PUC-SP - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

SUAS - Sistema Único de Assistência Social

UEL - Universidade Estadual de Londrina

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFScar - Universidade Federal de São Carlos

UNB - Universidade de Brasília

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 A ESCOLHA DO MÉTODO	27
2.1 Metodologia ativa: por um modo de fazer pesquisa que transpareça a práxis.....	27
3 A FUNÇÃO SOCIAL DA POESIA	38
3.1 Cotidiano poético: o afeto e a escrevivência da assistente social Conceição Evaristo	38
4 O LUGAR DA POESIA NO COTIDIANO PROFISSIONAL DA ASSISTENTE SOCIAL.....	67
4.1 A “poesia do dia a dia” das assistentes sociais Carolina Maria de Jesus e Clarice Lispector	67
4.2 O melhor lugar onde “ela” possa estar, é nos olhos daqueles que irão nos ver, nos ouvidos daqueles que nos irão escutar.....	79
4.3 “Quando a luz dos olhos meus e a luz dos olhos seus resolvem se encontrar.” (Vinícius de Moraes).....	80
4.4 “Ouve-me, ouve o meu silêncio. O que falo nunca é o que falo e sim outra coisa.” (Clarice Lispector)	89
5 A ESCREVIVÊNCIA DE UMA TRAJETÓRIA ACADÊMICA POÉTICA	95
5.1 As 14 estações da “Via mestra”	99
5.2 A estação Pascoal.....	128
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	131
6.1 Conclusão “eletrizante”: a deseducação poética e sua relação com o código de ética.	131
REFERÊNCIAS.....	139
APÊNDICES.....	143

1 INTRODUÇÃO

Mais poético que dar uma flor
É dar uma flor sem flor
Assim, desafia a imaginação- curiosa
E, a cada momento, ali se faz nascer uma flor
Cores, texturas, cheiros diferentes
Da ausência- concreto- surgem as possibilidades
Na ausência, germinam as flores.
(Hanashiro, 2022)¹.

A Poesia tem sido um recurso de alívio aos sofrimentos humanos causados nestes tempos de demasiada opressão e violência. Não somente ela. Observa-se, a partir de vivências cotidianas em meios acadêmicos que, muitas das manifestações de atividades humanas, sejam estéticas ou comunicativas, aplicadas por meio de expressões da arte como o cinema, a música, a prosa, a pintura, o teatro entre outros, têm sido apropriadas com mais intensidade nas ações cotidianas das profissionais que atuam em diversas áreas das ciências humanas, incluindo o Serviço Social. Um exemplo desta intensificação são os momentos poéticos que se fazem cada vez mais intensos e emocionantes em aberturas e finais de eventos acadêmicos, científicos, sejam eles lives, palestras, oficinas, seminários, cursos, aulas virtuais remotas ou presenciais².

¹ Assistente social; trabalhadora do SUAS de São Bernardo do Campo; especialista em Economia Urbana e Gestão Pública. Atualmente, pesquisadora de temas sobre a pessoas LGBTQIAPN+ e a Política de Assistência social sendo aluna do curso de Mestrado do Programa de Estudos Pós-graduados em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. A autora do poema, mulher forte, de olhos nipo-brasileiros e boca contornada em formato de coração, Mariko Hanashiro, divide suas belas tardes de aprendizado com o coletivo de pesquisadores do Núcleo Estudos e Pesquisas sobre Identidade o qual faço parte. Em uma quarta-feira fria, datada 06 de abril de 2022, a jovem presenteou-me com este escrito feito em pedacinho de singela folha de papel amarelo contendo letras miúdas, mas com sentidos grandiosos. Na oportunidade, o poema aqueceu-me o coração em surpresa, choro de agradecimento e honra pelo gesto poético tão delicado e generoso direcionado a mim.

² Para embasamento da reflexão, aponta-se o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Aprofundamento Marxista. Trata-se de um espaço histórico de grande potencial e contribuição na concretização da produção científica do Programa de Estudos Pós-graduados em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, que promoveu nas datas de 16, 23 e 30 de novembro, os últimos Seminários Acadêmicos do segundo semestre de 2022 contendo em suas aberturas, momento de expressão de arte em diversos gêneros. Para visualização das aberturas culturais e dos seminários, cf.: NEAM PUC-SP. **Home**. [2022]. Disponível em: <https://youtube.com/@neampucsp>. Acesso em: 04 set. 2023. YouTube Canal.

Na medida em que as práticas cotidianas da assistente social³ passam por intensos desafios e mudanças advindas da maior crise sanitária mundial, bem como a crise política vivida atualmente no país, o uso da poesia na mediação do trabalho passa a se tornar latente.

Mas, o que revelam estas intensificações de ações poéticas em tempos tão sombrios? Será que esta “arte de começar ou finalizar algum momento” chamada poesia possui poder revolucionário e afetuoso capaz de expandir as possibilidades emancipatórias das profissionais ou ampliar ainda mais os estranhamentos cotidianos dentro do campo do Serviço Social? Afinal de contas: poderá uma assistente social ser uma poeta, ou, uma poeta, ser uma assistente social?

É fato que, as assistentes sociais, narram de dentro para fora, e acolhem, também, histórias de fora para dentro em suas ações cotidianas nos vários locais de trabalho onde atuam.

Assim, refletir sobre a função social da poesia e sobre o lugar que esta ocupa no cotidiano de trabalho da assistente social é o objetivo do trabalho que se propõe na presente dissertação. Sendo um dos objetivos específicos, encontrar seu lugar no cotidiano de trabalho desta profissional com o desvelar do estado poético presente nas narrativas escritas destas profissionais.

Aqui, refere-se ao estado poético que nasce das poéticas expressões das relações sociais que as pessoas estabelecem enquanto sujeitas, umas na convivência real com as outras, no cotidiano, seja das assistentes sociais com seus atendidos, seja nas relações que mantém nos espaços institucionais com eles, com a comunidade em geral ou a equipe de trabalho. Nesta pesquisa, pretende-se o aprofundamento sobre a poesia, não em seu sentido literário, como a escrita de belos

³ Em toda a extensão da narrativa escrita desta dissertação utilizar-se-á o artigo definido feminino “a” antes ao termo assistente social para se referir as profissionais desta categoria que tem se manifestado predominante ocupada por pessoas do sexo feminino, ou seja, mulheres que compõe em sua maioria os espaços profissionais como assistentes sociais no cotidiano desta profissão. São elas, as assistentes sociais que, em nossa análise, serão a maioria das leitoras que terão acesso ao texto que procurará assim, respeitar e se tornar acessível, confortável, inclusivo e adaptado. A última pesquisa do CFESS (Conselho Federal de Serviço Social) sobre o perfil de assistentes sociais brasileiros apontou um total de 41.083 profissionais (92,92%) que se identificam com o gênero feminino, enquanto 3.083 dos participantes pesquisados, ou seja, apenas 6,97%, têm identificação com o sexo masculino. São dados que reforçam a urgência de considerarmos a utilização do artigo definido “a” em textos que se referem a esta as profissionais desta profissão. Cf.: CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL – CFESS. **Perfil de assistentes sociais no Brasil:** formação, condições de trabalho e exercício profissional. Brasília, DF: CFESS, 2022. *E-book*. Disponível em: <https://www.cfess.org.br/arquivos/2022Cfess-PerfilAssistentesSociais-Ebook.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2023.

e rebuscados poemas, mas associá-la a um estado de vigília, de sensibilidade para atentar-se ao belo, ou ao trágico, de forma a ampliar formas de capturar as objetividades carregadas de atenção as singularidades das historicidades humanas, aprimorando técnicas e habilidades cotidianas que são utilizadas nas ações como a escuta qualificada, a observação atenta, entre outros. Segundo o autor Moisés (2019) é preciso ater-se a poesia como algo que:

...nos ajuda a conviver com nossa interioridade, não como forma de isolamento nem como repúdio à realidade de fora, mas como experiência decisiva, que conduz a sintonia com o mundo ao redor. Com sua ajuda, podemos aprender a ver como se víssemos pela primeira vez a fim de repor em circulação a imaginação e o mito, mas de tal modo que isso não nos leve a perder de vista a realidade pedestre ou terra firme onde nos situamos (Moisés, 2019, p. 121).

Desta forma, deseja-se ter contato com as narrativas em forma de escrita das assistentes sociais para identificar expressões das particularidades vivenciadas por elas, situadas nos estratos da realidade que desfilam em seu cotidiano profissional.

Assim, analisa-se que a evidência do estado poético nas narrativas das sujeitas buscará também desvelar um fazer profissional mais livre, forte e revolucionário envolvendo processos de criação, portanto, associado a uma série de outras formas que asseguram autonomia e emancipação desta trabalhadora.

Entende-se que, ao aproximar-se da arte poética, a assistente social poderá ter na poesia uma forma de traduzir expressões da realidade dos sujeitos sociais que comparecem em seu cotidiano, na condição de usuários das políticas que ela viabiliza, ampliando formas de vinculação entre as dimensões técnico operativas e ético políticas. Leão (2022) é quem traz uma reflexão sobre tais dimensões existentes no interior do exercício profissional das assistentes sociais

a intervenção de natureza técnico-operativa não é neutra, mas está travejada pela dimensão ético-política e esta, por sua vez, encontra-se aportada em fundamentos teóricos, donde a capacidade de o profissional vir a compreender os limites e possibilidades não como algo interno ou inerente ao próprio exercício profissional, mas como parte do movimento contraditório constitutivo da realidade social. Se esta dimensão que é a forma de aparecer, de se colocar no cotidiano como uma forma de intervenção no âmbito das expressões da questão social, a qual esconde os fundamentos econômicos, políticos, apesar de necessária, ser considerada de maneira autônoma, será insuficiente para dar respostas qualificadas à realidade social" (Leão, 2022 , p. 23).

Aponta Lacerda (2017), que é preciso conhecer a fundo novos formatos de atuação profissional. Isto poderá tornar nítido como se estabelece a relação de liberdade, que possui no afeto entre os atendidos e os trabalhadores, uma de suas expressões.

Lacerda (2017) é uma autora que reflete sobre a relação entre estas dimensões constitutivas da profissão, ao discorrer sobre a autonomia da profissional assistente social. Ela alerta para uma reciprocidade social indispensável durante a realização de práticas que devem vir de encontro à perspectiva de emancipação dos sujeitos:

Ser capaz de fazer algo por meio da autonomia implica “o outro”. Assim, falar em autonomia humanamente significativa, não se difere de falar da reciprocidade social, na qual os indivíduos envolvidos uns com os outros, mutuamente se adaptam às condições de intercâmbio dadas e, ao mesmo tempo, mantêm capacidade de tomar novas iniciativas. Não cabe aqui a cidadania apassivada (profissional sujeito e usuário, objeto da ação), nesta perspectiva, profissional e usuário são sujeitos e objetos da intervenção profissional (Lacerda, 2017, p. 277).

Analisa-se que, ao assumir postura voltada para relações e construções conjuntas (feitas junto as pessoas atendidas) e para uma mediação que envolva várias formas da arte, na qual a poesia é uma delas, a profissional terá apoio no desenvolver ações emancipatórias, de luta constante e de rebeldia contra o sistema opressor em tempos de tamanha ameaça à sua autonomia.

Dentro das variadas formas de linguagem aplicadas pelas artes como mediação do trabalho, reforça-se o entendimento sobre a poesia, manifestada através de um “estado poético”, como um importante caminho que pode trazer experiências de liberdade, tanto à profissional, quanto à pessoa ou o coletivo por ela atendidos. Segundo Moisés (2019, p. 18):

A exemplo da Pedagogia, a poesia, que igualmente não é uma ciência, também ensina a ver, mas ver o quê? Nada específico, nada adstrito a nenhum ramo do saber. A poesia, bem a dizer, não ensina a ver nada; ou então, o que daria o mesmo, ensina a ver tudo. O que a poesia ensina é apenas um *modo de ver*. A coisa vista, ou por ver, ficará a cargo de quem lê. Digamos que a ensinância poética está mais interessada no *processo* da aprendizagem do que a variedade de seus resultados (Moisés, 2019, p.18 grifo do autor).

Desta forma, a presente dissertação propõe evidenciar a poesia explícita nas narrativas escritas das profissionais assistentes sociais sobre seus cotidianos nos

diversos espaços onde esta possa atuar como um meio de contribuição para o desenvolvimento de intervenções emancipatórias.

O tema pretende ser explorado à luz de estudos de natureza literária e científica, bem como através da análise de dados coletados em campo.

Quando defende a insubmissão e a liberdade, Moisés (2019) nos aponta sobre o primeiro princípio (a insubmissão) da poesia e do poeta:

O espírito de rebeldia, entrevisto na hipótese de que ‘a poesia nos ensina a ver como se víssemos pela primeira’, deve ser entendido não como em termos do libelo ostensivo contra a desolação reinante no mundo desumano que a globalização vem construindo, mas como insubmissão ontológica, recusa radical em aceitar os fundamentos que possibilitam essa construção. Vale dizer que toda poesia genuína, e não apenas aquela que explora tematicamente a denúncia, o protesto, a indignação, é subversiva. Insubmissão designa a condição intrínseca e não premeditada que enforma a autêntica postura poética, desde tempos autorais, e não a reação deliberada, pontual, contra esta ou aquela tirania, esta ou aquela ignomínia (Moisés, 2019, p. 29).

Ainda ao que pretende tratar como ponto fundamental, a dissertação tratará em suas considerações finais, uma perspectiva emancipatória dentro no serviço social, visto que ela possui como princípio primeiro de seu código de ética⁴, a liberdade e a emancipação.

Para isso, é importante contextualizar que, na atual crise capitalista, há uma forte situação de irracionalidade vivenciada nestes tempos pela humanidade. Segundo Lukács (2015), este irracionalismo que,

como concepção do mundo fixa este esvaziamento da alma humana de qualquer conteúdo social, contrapondo-o rígida e exclusivamente ao esvaziamento, igualmente mistificado, do mundo do intelecto. Assim, o irracionalismo não se limita a ser a expressão filosófica da barbárie que cada vez mais intensamente domina a vida sentimental do homem, mas a promove diretamente. Paralelamente à decadência do capitalismo e ao aguçamento das lutas de classes em decorrência de sua crise, o irracionalismo apela – sempre mais intensamente – aos piores instintos humanos, às reservas de animalidade e de bestialidade que necessariamente se acumulam no homem em regime capitalista (Lukács, 2015, p. 114).

É importante frisar que, a profissional assistente social, trabalhadora inserida na divisão social e técnica do trabalho, é, em seu cotidiano, chamada a dar respostas

⁴ Refere-se a Lei n. 8662/1993, intitulada Código de Ética do/a Assistente Social que prevê como primeiro princípio fundamental, o “I- Reconhecimento da liberdade como valor ético central e das demandas políticas a ela inerentes - autonomia, emancipação e plena expansão dos indivíduos sociais” (Conselho, 1993, p. 23).

às demandas mais emergentes da questão social. Tais questões, recheadas desta irracionalidade que faz acirrar desumanidades, conforme citação do autor Lukács exposta acima, têm extrapolado os limites das opressões vividas nos mais diversificados contextos e espaços de trabalho onde ela se insere em seu cotidiano profissional.

A pesquisa poderá contribuir, neste sentido, com a reflexão de que, através da arte, por intermédio da poesia, é possível que haja uma ferramenta, uma forma de enfrentamento a reprodução socialmente imposta⁵ através da qual a irracionalidade se multiplica cada vez mais.

Para isso será preciso desmistificar o “fazer poético”, não somente vê-lo como obra de Belas Artes, mas como um ato propriamente humano. Portanto, entendendo poetas como pessoas humanas atuantes em seus cotidianos profissionais, associando as figuras das assistentes sociais. Visualizando-as como profissionais que desenvolvem no cotidiano, inúmeras formas de ações que estão carregadas de encontros de afeto, resistência, questionamentos, de insubmissão e de revolta em consonância com o projeto de sua profissão, em suas lutas imediatas e históricas como classe trabalhadora a qual é pertencente.

E será neste sentido que uma atuação profissional mediada por esta vertente da arte, poderá promover práticas de sentido emancipatório. Em referência ao debate sobre emancipação, o autor Netto (2012) nos traz o seguinte trecho em referência a Marx:

Só quando o homem individual real retoma em si o cidadão abstrato e, como homem individual – na sua vida empírica, no seu trabalho individual, nas suas relações individuais –, se tornou ser genérico; só quando o homem reconheceu e organizou as suas ‘forces propres’ como forças sociais, e, portanto, não separa mais de si a força social na figura da força política – [é] só então [que] está consumada a emancipação humana (Netto *apud* Marx, 2012, p. 71).

E, é nesta perspectiva da emancipação humana a qual a presente dissertação pretende se apoiar, tendo a arte, através da poesia (refletida como um estado poético) uma mediação que traz a possibilidade de enfrentamento do estranhamento, como

⁵ O termo reprodução social, na tradição marxista, normalmente indica o processo de reprodução de uma sociedade em sua totalidade, (...). Na tradição marxista feminista, entretanto, reprodução social significa algo mais preciso: a manutenção e reprodução da vida, em nível diário e geracional. Neste contexto, a reprodução social designa a forma na qual o trabalho físico, emocional e mental necessário para a produção da população é socialmente organizado (Arruzza, 2015. p. 55).

um campo amplo de ação em relação à outras formas de expressão as quais vão de encontro a emancipação do ser social. Isso porque a arte pode criar figuras humanas que se movem de modo diferente, na direção contrária à da média. Lukács (2013), nesta perspectiva, traz que o artista não apresenta outra ideologia como contraponto à ideologia dominante, mas, simplesmente,

confronta o homem que supera a sua particularidade, que luta contra os seus estranhamentos, com a sua conduta de vida e sua ideologia. Com a ajuda desse apelo figurado ao homem que busca ultrapassar a sua própria particularidade, a arte pode, dependendo das circunstâncias, tornar-se pioneira da genericidade para si, livre da pressão de uma ideologia oposicionista política ou social- francamente declarada (Lukács, 2013, p. 774).

Assim, Lukács (2013) sinaliza o papel da arte na luta contra o estranhamento. O autor cita, inclusive, obras de Tolstói nas quais sinaliza as ações de personagens que evidenciam a superação deste estranhamento na “luta contra a genericidade em si, visando transformá-la num ser-para-si” (2013, p. 775). Ele enfatiza que “a grande arte” “consegue abrir caminhos nas situações mais desfavoráveis” e pode levar a superação de “fetiches mais petrificados do estranhamento” (2013, p. 775).

Neste sentido, faz-se imprescindível também conceber a arte em seu papel histórico e revolucionário de conquistar uma humanização dos sentidos, ou seja, trazer a arte como forma de reflexo da realidade humana que nos revela o que é essencial à vida. Em Marx (2010 *apud* Lukács, 2013), também se encontra a reflexão sobre a humanização dos sentidos como tarefa exclusiva dos homens a partir que estes se percebem enquanto objeto:

[...] (é) apenas pela riqueza objetivamente desdobrada da essência humana que a riqueza da sensibilidade humana subjetiva, que um ouvido musical, um olho para a beleza da forma, em suma as fruções humanas todas se tornam sentidos capazes, sentidos que se confirmam como forças essenciais humanas, em parte recém cultivados, em parte recém engendrados. Pois não só os cinco sentidos, mas também os assim chamados sentidos espirituais, os sentidos práticos (vontade, amor etc.), numa palavra o sentido humano, a humanidade dos sentidos, vem a ser primeiramente pela existência do seu objeto, pela natureza humanizada. A formação dos sentidos é um trabalho de toda a história do mundo até aqui. [...] O olho se tornou humano, da mesma forma como o seu objeto se tornou um objeto social, humano, proveniente do homem para o homem. Por isso, imediatamente em sua práxis, os sentidos se tornaram teóricos. Relacionam-se com a coisa por querer a coisa, mas a coisa mesma é um comportamento humano objetivo consigo própria e com o homem, e vice-versa (Lukács, 2013, p.109, grifos do autor).

É neste sentido que se pretende fazer um paralelo entre a potência da mediação da arte através da poesia e a direção ético política das ações desenvolvidas

pela assistente social dentro da dimensão denominada técnico operativa desenvolvida no dia a dia de trabalho.

Esta dimensão está intrinsecamente ligada à produção e reprodução de sua imagem dentro de si, de sua categoria e da sociedade. Guerra (2017) é quem nos aprofunda sobre a cultura profissional e a representação desta dimensão exercida no cotidiano pela assistente social:

A dimensão técnico operativa é a forma de aparecer na profissão, pela qual é conhecida e reconhecida. Dela emana a imagem social da profissão e sua autoimagem. Ela encontra-se carregada de representações sociais e da cultura profissional. É a dimensão que dá visibilidade social à profissão, já que dela depende a resolutividade da situação, que, às vezes, é mera reprodução do instituído, e em outras constitui a dimensão do novo (Guerra, 2017, p. 50).

Reflete-se que, tratar do “estado poético” como forma de fortalecer as capacidades e competências que as assistentes sociais desenvolvem para o aprimoramento do trabalho cotidiano é poder tratar de “algo novo”, saindo de reproduções meramente instituídas dentro da dimensão técnico operativa da profissão, como descreve a autora do trecho acima.

Mas, o debate não pretende tratar de uma visão simplista a respeito da incorporação da poesia de forma competente por estas profissionais como uma saída única para solução de tantos dilemas e questões complexas impostas dentro desta dimensão tão pouco discutida. Pretende sim, alertar sobre o aprimoramento do uso de tais recursos para vislumbrar respostas perante as novas realidades de trabalho.

Iamamoto adverte:

Possibilidades novas de trabalho se apresentam e necessitam ser apropriadas, decifradas e desenvolvidas; se os assistentes sociais não o fizerem, outros farão, absorvendo progressivamente espaços ocupacionais até então a eles reservados. Aqueles que ficarem prisioneiros de uma visão burocrática e rotineira do papel do assistente social e de seu trabalho entenderão como ‘desprofissionalização’ ou ‘desvio de funções’ as alterações que vêm se processando (Iamamoto, 2003, p. 48).

E, neste desafio de tratar o novo (a poesia dentro do cotidiano serviço social) sempre surgirá a dúvida sobre os processos de inspiração que cercam o ser e fazer deste estado poético. Paz (1982), em uma busca incessante de discorrer sobre o *problema da inspiração* como algo que cerceia muitas pessoas de se reconhecerem em formas e vozes poéticas nos revela que, ao contrário de que muitos acreditam, “O poeta não escuta uma voz estranha; sua palavra e sua voz é que são estranhas:

são as vozes do mundo, às quais ele dá um novo sentido.” (Paz, 1982, p. 217). Em seus pensamentos mais aprofundados sobre este tema tão cercado de conceitos e pré-conceitos, o autor convida a recriar a imagem que se cria acerca da inspiração e afirma que esta:

Não está dentro, em nosso interior, nem atrás, como algo que surgisse subitamente do limo do passado; está, por assim dizer, adiante: é algo (ou melhor: alguém) que nos convida a sermos nós mesmos. E esse alguém é nosso próprio ser. Na verdade, a inspiração não está em parte alguma, ela simplesmente não está, nem é algo: é uma aspiração, um ir, um movimento para a frente: para aquilo que nós mesmos somos (Paz, 1982, p. 218).

Assim, finaliza o autor que, a criação poética é exercício de nossa liberdade e de nossa própria decisão de ser. “Essa liberdade, conforme já dito muitas vezes, é o ato pelo qual vamos mais além de nós mesmos, para sermos mais plenamente.” (Paz, 1982, p. 218).

Tal abordagem sobre o poeta e o ato de criação da poesia que nesta pesquisa será evidenciada através de narrativas escritas das assistentes sociais sobre a poesia em seu dia a dia, entrega o fôlego e a esperança de que, enquanto sujeitas ativas de nossa própria história, as assistentes sociais são constituintes de uma arte inspiradora. Elas escrevem suas vivências em estado poético, em escritas que refletem a síntese entre o particular e o universal, manifestada através da descrição potente de ações encharcadas de afeto e perspectivas emancipatórias que desenvolvem no cotidiano em prol de sua liberdade e autonomia.

Compreende-se que, reconhecer a fundo esta particularidade de atuação profissional poderão se revelar da relação da assistente social com os sujeitos os quais se relaciona em seu cotidiano. Este será um segundo objetivo específico de tal estudo: analisar as narrativas através das escritas realizadas por assistentes sociais mulheres atuantes em diferentes áreas, com foco no desvelar de uma atuação em estado poético e crítico pautado no projeto ético político profissional. Isto poderá aproximar-se de práticas emancipatórias onde a profissional se posiciona para além da dimensão técnico operativa mencionada anteriormente neste projeto.

Este objetivo pretende explorar temas que envolvem o “afeto” como um caminho na construção de narrativas sociais fortalecidas, as quais podem ser desenvolvidas nos convívios e convivências impostas a qualquer ambiente de trabalho no cotidiano.

A poesia como gênero oral ou escrito revela-se repleta da dimensão da subjetividade, algo muito pouco discutido e desbravado dentro do Serviço Social, apesar de apresentar-se latente em todas as suas ações desde o tão importante e histórico momento pelo qual passou o Serviço Social, o chamado Movimento de Reconceituação da profissão. Segundo Moraes (2021):

O modelo teórico- metodológico e técnico-operativo do serviço social tradicional, destinatário das críticas do movimento de reconceituação, não recebeu nenhum tratamento teórico específico no que concerne à intrínseca entre os *processos de subjetivação social e as desigualdades sociais* na órbita de dominação do capital; havendo, de fato, uma deliberada e incompreensível '*intenção de ruptura*' no sentido *lato* da palavra. [...] A rejeição ou 'recalcamento' geral da temática da subjetividade (cf. Vasconcelos, 2002), deságua inevitavelmente na prática do assistente social e se manifesta em suas dificuldades reais em lidar com temas inerentes à sua formação e intervenção profissional nas relações sociais com seres humano (Moraes, 2021, p. 62, grifo do autor).

O autor (Moraes, 2021), reforça que esta rejeição da subjetividade, no presente momento, se mostra completamente desnecessária e cita (Duarte, 2010, p. 17) "...pois a crítica ao psicologismo com o qual concordamos não pode descartar por completo, toda a dimensão subjetiva do trabalho profissional".

A esta abordagem da subjetividade humana, também pretende-se evidenciar as narrativas escritas enquanto atos revolucionários e, por consequente, políticos. Compreende-se que, a assistente social que assume postura militante e de luta política em desenvolvimento de ações da dimensão proposta em seu projeto de profissão, pode tornar-se enfim sujeita que também ergue a voz aos seus sofrimentos, direitos entre outros. Terão a possibilidade de produzir assim, uma "arte não neutra" e tais poesias do dia a dia poderão ser reconhecidas em si como atos políticos em busca da emancipação enquanto sujeitas de sua própria história. Portanto, despidas de neutralidade, tais artes:

'Em nossa época', afirma-o W. H Auden, poeta inglês naturalizado norte-americano, 'a mera criação de uma obra de arte é em si um ato político' (Auden, 1965, p. 182). E 'política', no caso, diz respeito mais à *atitude* exemplificada no gesto do que aos temas ou ao conteúdo programático exposto na obra (Moisés, 2019, p. 29, grifo do autor).

Em sua estética textual, a dissertação decorrente da pesquisa pretendeu firmar um trato entre uma linguagem científica e literária, entendendo que, nestes tempos, ambas podem e devem caminhar juntas. A escrita literária poderá contar com

contribuições de autores e pensadores deste campo, que com suas obras manifestadas em poesia, contos e outros gêneros, muito contribuem para a manifestação da realidade e para um formato criativo e concreto, além de uma linguagem que se torna acessível e fluida as leitoras e leitores de diversas áreas e perfis.

2 A ESCOLHA DO MÉTODO

2.1 Metodologia ativa: por um modo de fazer pesquisa que transpareça a práxis

As balas são de borracha porque a intenção é apagar palavras de revolução
(Rodrigues, 2013, p. 55).

Percebe-se que a área de Estudos Literários fornece valiosa contribuição que deve ser levada em consideração para a metodologia desta pesquisa, a começar pelo próprio conceito de poesia como produto e como processo de conhecimento.

A poesia, tal como a entende-se hoje, é um gênero oral ou escrito que utiliza a linguagem para expressar subjetividades.

Será interessante assim, partir da palavra Poesia de modo a desmistificar o que seja o “estado poético”, já que não se quer vê-lo apenas como obra de Belas Artes e sim, como um ato propriamente humano no qual se destacam na história, figuras de bardos e cantores, ou seja, o que designamos hoje como poetas, mas também, pessoas humanas atuantes em seus cotidianos profissionais de forma afetiva, revolta, insubmissa, questionadora.

Pretende-se desta forma, realizar reflexões sobre o lugar da poesia no cotidiano profissional das assistentes sociais com o início de tais estudos desvelando o significado desta “poesia” composta no título, trazendo à tona o conceito de “estado poético” conectado às ações cotidianas desta categoria profissional.

Pretende-se desenvolver uma escrita que aborde de forma metafórica, a poesia incluída nas ações profissionais através do afeto, do “olhar” e do “ouvir” ao outro, como uma fonte de acolhimento de suas necessidades, sofrimentos e dores.

Deste modo, o autor Carlos Felipe Moisés (2019) trará fundamentação base sobre tal função social da poesia no segundo capítulo como a arte de se manifestar a insubmissão, a revolta e o espírito de liberdade.

O ato de escrever é pedra fundamental do Serviço Social. Ouve-se as narrativas e as descrevem-se. Mas, pode-se exercer a “poesia do dia a dia” ao vivenciar momentos de genericidade humana, nos quais somos tocados em nossa singularidade de forma a experimentar a alteridade que a alcance sob a forma de afeto?

Assim, deseja-se propor que as assistentes sociais participantes possam escrever sobre seus cotidianos profissionais com a sua compreensão e própria manifestação de estado poético, como síntese entre particularidade/universalidade.

Nesta perspectiva, irá utilizar-se como metodologia, o conceito de escrevivência criado pela escritora e professora Dra. Conceição Evaristo. Em sua obra *Becos da Memória* (2006), Conceição Evaristo reflete que, em uma escrevivência, "as histórias são inventadas, mesmo as reais, quando são contadas". Isso se dá em um processo onde quem escreve coloca-se no espaço aberto entre a invenção e o fato, utilizando-se dessa profundidade para construir uma narrativa singular, carregada de coletividade. Escrever significa, nesse sentido, contar histórias absolutamente particulares, mas que remetem a outras experiências coletivizadas. Evaristo (2006), autora deste conceito, considera que "o sujeito da literatura negra tem a sua existência marcada por sua relação e por sua cumplicidade com outros sujeitos. Temos um sujeito que, ao falar de si, fala dos outros e, ao falar dos outros, fala de si".

Portanto, a abordagem de tal conceito será a base para o desenvolvimento da pesquisa da presente dissertação na qual pretende-se, através da metodologia da pesquisa-ação, coletar relatos de vivências de assistentes sociais mulheres atuantes em diversos campos em seus exercícios profissionais.

O trabalho, dentro da pesquisa bibliográfica, portanto, será muito mais reinterpretativo do que apenas numérico ou estatístico. Acredita-se que, assim, possibilitará o aprofundamento no tratamento de teorias efetivas à compreensão acerca da poesia como um estado poético presente no cotidiano profissional das assistentes sociais.

A pesquisa de campo também foi fundamentada em uma abordagem qualitativa. Conforme Minayo (2001), a pesquisa qualitativa é apropriada para compreensão do nível de intensidade das relações sociais e de fenômenos específicos e delimitáveis, adequando-se aos estudos de um grupo de pessoas.

Em campo, a pesquisa realizar-se-á através da metodologia da pesquisa-ação, proposta delineada pelo autor René Barbier (2003) que nos traz tal metodologia "considerada como essencialmente participativa e política, que deixa de lado dimensões do vir-a-ser do ser humano e conduz para a pesquisa-ação existencial, pessoal e comunitária". O autor enfatiza:

A pesquisa ação torna-se a ciência da práxis exercida pelos técnicos no âmago de seu local de investimento. O objeto da pesquisa é elaboração da dialética da ação num processo pessoal e único de reconstrução racional pelo ator social. Esse processo é relativamente libertador quanto às imposições dos hábitos, dos costumes e da sistematização burocrática. A pesquisa-ação é libertadora já que o grupo de técnicos se responsabiliza pela sua própria emancipação, auto-organizando-se contra hábitos irracionais e burocráticos de coerção (Barbier, 2002, p. 59).

Martinelli (1999, p. 21), ao considerar abordagens qualitativas nas pesquisas em Serviço Social como um “instigante desafio” traz que, “assim como a vida, também a pesquisa só é possível reinventada!”. Desta forma, a autora defende que a busca por novas metodologias de pesquisa poderão proporcionar, além do levantamento de dados, informações ou descrições acerca dos participantes envolvidos, o reconhecimento de suas interpretações, histórias e os significados que estes atribuem ao tema abordado. Quando traz a perspectiva da representação coletiva das pessoas participantes das pesquisas qualitativas, Martinelli (1999) aponta:

Um outro recurso metodológico extremamente valioso é que trabalhamos com a concepção de sujeito coletivo, no sentido de que aquela pessoa que está sendo convidada a participar da pesquisa tem uma referência grupal, expressando de forma típica o conjunto de vivências de seu grupo. O importante, nesse contexto, não é o número de pessoas que vai prestar a informação, mas o significado que estes sujeitos têm, em função do que estamos buscando com a pesquisa. A riqueza que isso traz para o pesquisador é muito importante, permitindo-lhe aprofundar efetivamente, na relação sujeito-sujeito, o seu objeto de análise (Martinelli, 1999, p. 26).

Desta forma, pretendeu-se realizar uma abordagem individual a três técnicas, assistentes sociais, atuantes em diferentes espaços e políticas para a coleta de dados com foco em alcançar perspectivas diferentes a respeito de vivências profissionais e a inserção da poesia nesse cotidiano.

A escolha destas profissionais aconteceu durante a convivência com as elas em algumas disciplinas e núcleos de pesquisas onde observou-se uma proximidade e afinidade com o tema, o que trará significativa contribuição para a presente pesquisa. Trata-se de uma escolha de determinação ontológica de sujeitas expressivas, as quais poderão compartilhar suas experiências de vida, seus relatos,

trazendo suas vivências cotidianas com significados que poderão fazer relação à temática. Tais participantes, através de suas narrativas escritas, exercerão a escrevivência enquanto sujeitas ativas de suas próprias histórias visto que são assistentes sociais que experienciem no cotidiano, momentos de síntese entre o

particular e o universal, manifestada através de ações de enfrentamento às questões sociais que vivenciam.

Para buscar manter o sigilo das participantes desta pesquisa de campo, serão utilizados os nomes de três escritoras, poetisas e autoras da literatura brasileira, para se referir às profissionais assistentes sociais. Serão elas: Conceição Evaristo⁶, Clarice Lispector⁷ e Carolina Maria de Jesus⁸.

A participante Conceição Evaristo é assistente social formada pela PUC-SP - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em 2006. Ela trabalhou no CREAS - Centro de Referência Especializado em Assistência Social do município de Vinhedo que se localiza no interior de São Paulo, do ano de 2015 ao ano de 2022, onde atuava no Serviço de Medida Socioeducativa e PAEFI – Programa de Atenção Especializado a Família e Indivíduo. Nesse Serviço realizava acompanhamento de situações de violação de direito a criança, adolescente, idoso, mulher e pessoas com deficiência. Atualmente, está como coordenadora neste mesmo município, de um equipamento denominado Centro Dia do Idoso “Quero Vida”, onde faz coordenação do espaço, lidera uma equipe responsável pelos cuidados dos idosos, articula as reuniões com as famílias e os atendimentos quando necessário.

⁶ Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em Belo Horizonte, em 1946. Graduada em Letras pela UFRJ, trabalhou como professora da rede pública de ensino da capital fluminense. É Mestre em Literatura Brasileira pela PUC do Rio de Janeiro, com a dissertação *Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade* (1996), e Doutora em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense, com a tese *Poemas malungos, cânticos irmãos* (2011), na qual estuda as obras poéticas dos afro-brasileiros Nei Lopes e Edmilson de Almeida Pereira em confronto com a do angolano Agostinho Neto. Escritora, cultiva a poesia, a ficção e o ensaio. A escritora participa de publicações na Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos. Seus trabalhos vêm sendo estudados em universidades brasileiras e do exterior. Até o momento, Conceição Evaristo publicou, além de inúmeros textos acadêmicos, as seguintes obras literárias: *Ponciá Vicêncio* (2003), *Becos da memória* (2006), *Poemas de recordação e outros movimentos* (2008), *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), *Olhos d'água* (2014), *Histórias de leves enganos e parecenças* (2016), *Canção para ninar menino grande* (2018). CONCEIÇÃO Evaristo. **Literafro**. Belo Horizonte: UFMG, 2009. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acesso em: 04 jun. 2023.

⁷ Clarice Lispector foi uma importante escritora brasileira nascida na Ucrânia que chegou ao Brasil quando tinha dois anos de idade. A autora, que faleceu em 9 de dezembro de 1977, no Rio de Janeiro, faz parte da terceira geração modernista (ou pós-modernismo). Suas obras apresentam fluxo de consciência, fragmentação e metalinguagem, características que podem ser observadas em *A hora da estrela*, um de seus livros mais conhecidos. SOUZA, W. **Clarice Lispector**. Brasil Escola, UOL, Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/biografia/clarice-lispector.htm>. Acesso em: 04 jun. 2023.

⁸ Carolina Maria de Jesus foi uma escritora mineira nascida em 14 de março de 1914. Apesar de ter apenas dois anos de estudo formal, tornou-se escritora e ficou nacionalmente e internacionalmente reconhecida em 1960, com a publicação de seu livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, no qual relatou o seu dia a dia na favela do Canindé, na cidade de São Paulo. Morreu em 13 de fevereiro de 1977. Hoje é considerada uma das mais importantes escritoras negras da literatura brasileira. SOUZA, W. **Carolina Maria de Jesus**. Brasil Escola, UOL, Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/carolina-maria-jesus.htm>. Acesso em: 04 jun. 2023.

A outra profissional participante trata-se da assistente social citada como Clarice Lispector. Ela possui graduação em Serviço Social pela UEL - Universidade Estadual de Londrina. Também possui especialização em Serviço Social pela UNB - Universidade de Brasília, mestrado em Sustentabilidade da Gestão Ambiental (linha de pesquisa de Conflitos Sócio Ambientais) pela UFSCar - Universidade Federal de São Carlos. Está atuante na área da educação há quatro meses, compondo uma equipe multidisciplinar que atende escolas, vinculada a uma divisão de educação especial e inclusiva, da prefeitura do município de Sorocaba, interior de São Paulo. Ela é servidora pública há 16 anos neste município onde atuou, na maior parte do tempo, na Política de Assistência Social, em diversos equipamentos da rede de proteção básica do SUAS - Sistema Único de Assistência Social.

A terceira profissional participante da pesquisa, representada pelo nome de Carolina Maria de Jesus, é formada em Serviço Social na Universidade Nove de Julho desde 2011 e atua como servidora pública da Secretaria de Administração Penitenciária desde 2015. No momento, ela trabalha na Penitenciária de Parelheiros na cidade de São Paulo, onde realiza intervenção social com os reclusos que cumprem pena em regime fechado por meio de orientações, encaminhamentos, trabalhos em grupos, contatos com rede de serviços, atendimentos à familiares e avaliações sociais para fins judiciais.

Para a concretização da coleta de dados das participantes, utilizou-se o instrumental metodológico de pesquisa-ação proposto por René Barbier denominado “diário de itinerância”, ferramenta utilizada como técnica de obtenção de narrativas escritas. O diário foi personalizado de forma artesanal com a técnica denominada “*scrapbooking*”⁹ e enviado dentro de uma “caixa poética” decorada a mão contendo um envelope com as orientações da pesquisa e textos que remetiam ao tema, além de alguns estímulos sensoriais como essências aromáticas, buquê de flores, poesias, doces e música. Seguem as fotos dos materiais da metodologia proposta e enviada às participantes com foco em uma participação ativa que estimulasse a coleta de uma variedade de dados sobre o assunto e promovesse momentos de escrituras produtivas, leves, agradáveis e criativos durante o processo.

⁹ Trata-se de técnica artesanal de colagem sobre superfícies como cadernos ou quadros, onde utiliza-se de vários instrumentos como colas, tesouras, fita banana, papéis, fotografias entre outros. Cf. GRAFITTI. **Scrapbooking: o que é isso?** 2018. Disponível em: <https://blog.grafittiartes.com.br/scrapbooking-o-que-e-isso/>. Acesso em: 17 jul. 2023.

Imagem 1 - Diário de Itinerância de Clarice Lispector



Fonte: Imagem da autora (2023).

Imagem 2 - Caixa Poética de Clarice Lispector



Fonte: Imagem da autora (2023).

Imagem 3 - Diário de Itinerância de Carolina Maria de Jesus



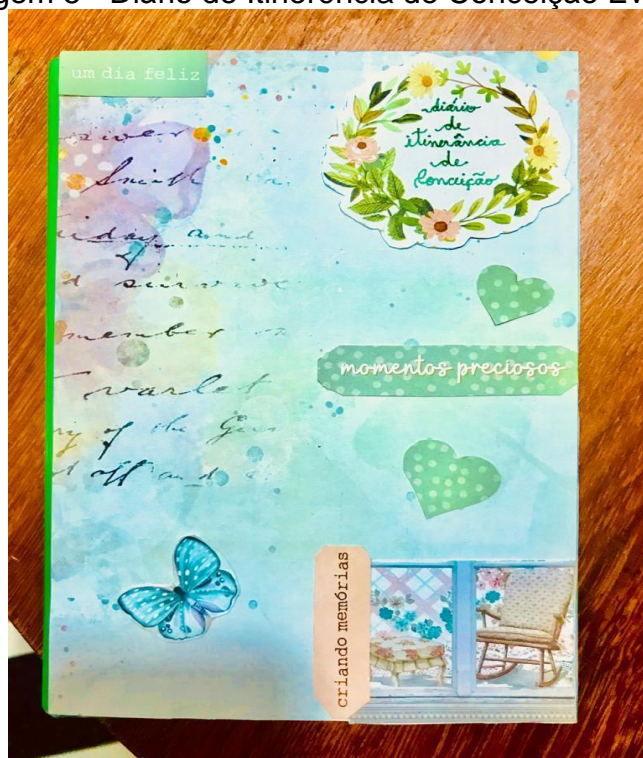
Fonte: Imagem da autora (2023).

Imagem 4 - Caixa Poética de Carolina Maria de Jesus



Fonte: Imagem da autora (2023).

Imagem 5 - Diário de Itinerância de Conceição Evaristo



Fonte: Imagem da autora (2023).

Imagem 6 - Caixa Poética de Conceição Evaristo



Fonte: Imagem da autora (2023).

Segundo Barbier (2002), diários de itinerância são “blocos de apontamentos, no qual cada um anota o que sente, o que pensa, o que medita, o que poetiza, o que retém de uma teoria, de uma conversa, o que constrói para dar sentido à vida”. Ao propor tal instrumento de coleta de dados como uma ferramenta da pesquisa-ação, o autor enfatiza que a construção deste diário permite ao participante, ao primeiro contato com o tema através de textos propostos, escrever um diário de suas trajetórias com os afetos, memórias, pensamentos e lembranças mobilizadas pela leitura.

Assim, desejou-se que a análise de dados se concentrasse nos conteúdos que emergissem na escrita feita pelas participantes. Pretendeu-se trabalhar os dados obtidos através da “análise de prosa” proposta por André (1983). Trata-se de:

[...] uma forma de investigação do significado dos dados qualitativos. É um meio de levantar questões sobre o conteúdo de um determinado material: o que é que este diz? O que significa? Quais suas mensagens? E isso incluiria, naturalmente, mensagens intencionais e não intencionais, explícitas ou implícitas, verbais ou não verbais, alternativas ou contraditórias. O material neste caso pode ser tanto o registro de observações e entrevistas quanto outros materiais coletados durante o trabalho de campo, como documentos, fotos, um quadro, um filme, expressões faciais, mímicas etc. (André, 1983, p. 67).

Sigalla e Placco (2022) são autores que também debruçam sobre análise de dados coletados a partir da escrita em prosa. Sugerem que, antes do uso ou elaboração de um “sistema de categorias definidas a priori”, sejam gerados “tópicos” e “temas”, a partir do exame dos dados e de sua contextualização no estudo. Também ressaltam que os tópicos e os temas gerados devem ser frequentemente revistos, questionados e reformulados, à medida em que a análise se desenvolve, em consonância com os princípios teóricos e os pressupostos da investigação.

A escrita da presente dissertação foi, desta forma, não somente realizada a partir de referenciais teóricos marxistas, mas utilizando também fotografias destes diários escritos pelas participantes da pesquisa desde o primeiro capítulo, como uma forma de trazer a materialidade da estética marxista bem como evidenciar as palavras escritas por estas como produto social do cotidiano. Assim, o conhecimento e sabedoria das participantes acerca do objeto são destacados do começo da presente dissertação até as suas considerações finais na intenção de valorizar e reconhecer tais elaborações, letras, palavras, estética e manifestações como ações efetivas de participação destas profissionais que as revelam como escritoras contribuintes da

presente pesquisa além fonte principal da mesma. A intenção é a junção da teoria e da prática (práxis) através de uma participação ativa, coletiva, onde o texto se revele escrito por diversas mãos que não apenas a da pesquisadora.

No último capítulo, apresenta-se a escrevivência construída pela própria pesquisadora da presente dissertação. O texto conta com a escrita de suas memórias no trilhar do curso de mestrado da pós-graduação em serviço social da PUC- Pontifícia Universidade Católica desde o início, até o mês de setembro de 2022. Serão apresentados textos em vários gêneros literários como poemas, contos, cartas os quais foram sendo criados e organizados em apresentação de quatorze estações que fazem referência à Via Sacra¹⁰, ou, ao caminho da paixão vivida por Cristo.

Martinelli (1999), traz que, na pesquisa qualitativa, o pesquisador também deve estar disposto a ser sujeito participante da pesquisa:

No que se refere às pesquisas qualitativas, é indispensável ter presente que, muito mais do que descrever um objeto, buscam conhecer a trajetória de vida, experiências sociais dos sujeitos, o que exige uma grande disponibilidade do pesquisador e um real interesse em vivenciar a experiência da pesquisa. Uma consideração importante nesse sentido, é que a pesquisa qualitativa é, de modo geral, participante, nós também somos sujeitos da pesquisa. Não podemos pensar que chegamos a uma pesquisa como um 'saco vazio'. Não! Temos vida, temos história, temos emoção! (Martinelli, 1999, p. 27).

E sobre essa perspectiva da emoção e o envolvimento de todos no processo da pesquisa, a autora afirma que,

não podemos pensar que, para mantermos a objetividade, devemos ocultar a emoção. Não existe vida sem emoção. O sujeito não pode ser oculto, nem o pesquisador, nem o pesquisado, ambos são saturados de história, são plenos de possibilidades! (Martinelli, 1999, p. 27).

Entende-se que, fortalecer o escrever das assistentes sociais sobre suas próprias histórias e reflexões sobre o objeto, materializa-se e traz-se para o concreto, a força da palavra escrita, da letra que evidencia a própria identidade única, particular e singular de cada um. Escrita esta, tão comumente apagada, desvalorizada e oprimida, que nesta dissertação será assim revelada em validação de suas congruências, formas únicas e com a própria realidade sob a qual está construída.

Esta escolha se coloca como uma opção política baseada na discussão sobre a arte da poesia inserida no cotidiano e seu papel, trazendo um compromisso efetivo

¹⁰ Série das 14 estações, constituídas de quadros ou esculturas que representam as principais cenas da Paixão de Cristo; caminho da cruz, *via crucis*, via dolorosa. OXFORD Languages. Oxford University Press, 2023. Disponível em: <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>. Acesso em: 23 jul. 2023.

de enaltecer a potência do ato de escrever das assistentes sociais e pesquisadoras do Serviço Social que tanto contribuem com resistência e força na produção do conhecimento.

3 A FUNÇÃO SOCIAL DA POESIA

3.1 Cotidiano poético: o afeto e a escrevivência da assistente social Conceição Evaristo

Aqueles que passam por nós,
 não vão sós,
 não nos deixam sós.
 Deixam um pouco de si,
 levam um pouco de nós.
 (Saint-Exupéry, 2009, p. 2).

Ricardo era alguém de sorriso ingênuo, porém de farta malícia no olhar. Era um rapaz de corpo jovial que, na entrada de um cemitério abandonado, aguardava ansioso a chegada de Raquel, sua ex-companheira. De repente, toda arrumada e esbaforida, ela chega. Muito brava e com os pés sujos de lama, aproxima-se brigando com ele. Era alguém que jamais imaginaria tamanha proposta curiosa do moço: ver o pôr do sol em um terreno macabro juntos e escondidos do resto do mundo (dos vivos).

O delicioso conto de Telles¹¹, parafraseado em um breve resumo no parágrafo anterior, faz a exata alusão a uma palavrinha de cinco letras, - “afeto” - que, segundo o dicionário, sendo um substantivo masculino, refere-se a um sentimento por uma pessoa ou animal. Já em sentido figurado, a palavra se transforma em objeto.

Voltando ao conto (que aqui está para ajudar a introduzir e fortalecer a compreensão sobre dimensão do afeto), é preciso esclarecer que a braveza de Raquel com Ricardo origina-se após ela descobrir que ele lhe propôs um último encontro amoroso em um lugar nada usual: dentro de um cemitério abandonado, um lugar distante e macabro. Por este motivo, ela se apresentava extremamente irritada com o moço durante toda a história. Contudo, durante toda a narrativa, percebe-se que o corpo da moça, mesmo reclamando da lonjura que andavam dentro daquele lugar “pobre e sujo” e, mesmo estarecida com Ricardo e sua atrapalhada proposta, o seguia em obediência andando cada vez mais longe, até ser levada de encontro a uma tumba macabra.

Então, está explícito e inegável o afeto de Raquel por Ricardo. Durante toda a trama, percebe-se que o afetar de Raquel pelo moço era tão grande que, a cada

¹¹ Trata-se do conto “Venha ver o pôr do sol”, da escritora Lygia Fagundes Telles. Cf.: TELLES, L. F. **Antes do Baile Verde**. São Paulo, Companhia das Letras, 2009.

passo daquele longo caminhar em terras sombrias, mesmo irritada com ele e em profundo desânimo, ela continua a segui-lo, atraída pela sua conversa, completamente afetada pelo mesmo, como sintetiza a autora (Telles, 2019, p. 138): “Amuada mas obediente, ela se deixava conduzir como uma criança. Às vezes mostrava certa curiosidade por uma ou outra sepultura com os pálidos medalhões de retratos esmaltados.” Entre os trechos mais fortes do conto, Telles ainda deixa claro a reciprocidade de Ricardo, em seu profundo amor pela bela moça:

Ela encarou-o um instante. Envergonhou a cabeça para trás numa risada.
 - Ver o pôr-do-sol?... Ah, meu Deus... Fabuloso, fabuloso!... Me implora um último encontro, me atormenta dias seguidos, me faz vir de longe para esta buraqueira, só mais uma vez, só mais uma! E para quê? Para ver o pôr-do-sol num cemitério.
 Ele riu também, afetando encabulamento como um menino pilhado em falta.
 - Raquel, minha querida, não faça assim comigo. Você sabe que eu gostaria era de te levar ao meu apartamento, mas fiquei mais pobre ainda, como se isso fosse possível. Moro agora numa pensão horrenda, a dona é uma Medusa que vive espiando pelo buraco da fechadura...
 - E você acha que eu iria?
 - Não se zangue, sei que não iria, você está sendo fidelíssima. Então pensei, se pudéssemos conversar um pouco numa rua afastada... - disse ele, aproximando-se mais.
 Acariciou-lhe o braço com as pontas dos dedos. Ficou sério. E aos poucos, inúmeras ruazinhas foram-se formando em redor dos seus olhos ligeiramente apertados. Os leques de rugas se aprofundaram numa expressão astuta. Não era nesse instante tão jovem como aparentava. Mas logo sorriu e a rede de rugas desapareceu sem deixar vestígios (Telles, 2009, p. 136).

E foi assim que a personagem principal deste conto se deixou levar, afetada e sem perceber as alterações corporais de Ricardo, muito menos a má intenção que este tinha ao propor de levar-lhe a uma tumba abandonada e extremamente distante para que ela pudesse assistir um belo pôr do sol, trancada naquele terrível lugar para todo o sempre, aguardando uma morte solitária e cruel.

Mas, o que este início de texto pretende trazer neste primeiro capítulo? Trata-se de uma introdução para que se possa refletir sobre a função social da poesia através da manifestação do afeto que é uma dimensão recorrente do cotidiano profissional das assistentes sociais. Tal dimensão evidenciará sua força e presença através da escrita poética da participante Conceição Evaristo que responde o que o estado poético tem a ver com este tema.

E são muitas perguntas as que se podem fazer sobre essa dimensão tão recorrente no cotidiano de trabalho.

Por quem me afeto? Que lugares me afetam? Que tipo de demanda me afeta quando estou no cotidiano do serviço social? Que assuntos me afetam a estudar? Quais as relações de afeto eu desenvolvo? Que instrumentos de trabalho utilizo com grande afeto em um momento de intervenção? São visitas domiciliares? Institucionais? São relatórios técnicos? Me afetam as entrevistas individuais? Ou as abordagens junto a coletivos? E as famílias? Tenho afeto por atendimentos a núcleos familiares? O atendimento familiar é um tipo de trabalho que me afeta ou não? Atendimentos conjuntos com outros profissionais de outras categorias, como ações multidisciplinares, interdisciplinares ou transdisciplinares, me afetam? Fecha-se esse alongado parágrafo de perguntas com uma rima no final: Afinal, o que me afeta enquanto profissional assistente social?

Antes de iniciar tentativas de respostas às perguntas acima, é preciso voltar-se ao debate sobre o cotidiano para compreensão de tal berço que carrega e balança uma rotina cheia de desafios e da tal dimensão que irá tratar neste capítulo, o afeto, como uma das funções sociais que cercam o estado poético. Carvalho e Netto (2012) traz que os traços da vida cotidiana estão sempre carregados de três perspectivas que devem ser consideradas: a realidade, a totalidade e as transformações. Assim, quanto a primeira perspectiva, ela menciona que, a partir dos estudos do autor Lefebvre¹², o desenvolvimento dos conhecimentos que envolvem o cotidiano deverão dizer respeito:

...à busca do real e da realidade. Nessa busca, é preciso ter claro que a vida cotidiana compreende o dado sensível e prático, o vivido, a subjetividade fugitiva, as emoções, os afetos, hábitos e comportamentos, e o dado abstrato, isto é, as representações e imagens que fazem parte do real cotidiano, sem no entanto, perder-se no imaginário (Lefebvre, 1981, p.11 *apud* Carvalho; Netto, 2012, p. 21).

Já quanto a segunda perspectiva que diz respeito à totalidade, a autora aponta:

Conforme Lukács, somente no contexto 'que integra os diferentes fatos da vida social (enquanto elementos do devir histórico) numa totalidade, se torna

¹² Lefebvre nasceu em 1901 em Hagetmau, França. Estudou filosofia na universidade de Paris (Sorbonne), graduando-se em 1920. Seu trabalho influenciou o desenvolvimento não somente da filosofia, mas também da sociologia, da geografia, da ciência política e da crítica literária. Lefebvre é reconhecido extensamente como um pensador marxista responsável por alargar consideravelmente o espaço da teoria marxista, abraçando a vida cotidiana, os significados e as implicações contemporâneas do alcance da expansão do urbano no mundo ocidental ao longo do século 20. Henri. LEFEBVRE, H. **Lefebvre publica "Le droit à la ville"**. Cronologia do pensamento urbanístico. [s.l.: LEU, UFBA, 2023. Disponível em: <http://cronologiadourbanismo.ufba.br/biografia.php?idVerbete=1556&idBiografia=37>. Acesso em 16 jul. 2023.

possível o conhecimento dos fatos como conhecimento da realidade'. As partes encontram no todo o seu conceito e a sua verdade. O todo não é a soma das partes (Lukács, 1974, p. 23 *apud* Carvalho; Netto, 2012, p.12).

Carvalho e Netto (2012), concluem suas reflexões sobre tais perspectivas, trazendo o conhecimento sobre a possibilidade da vida cotidiana enquanto geradora de transformações sociais globais, afirmando que

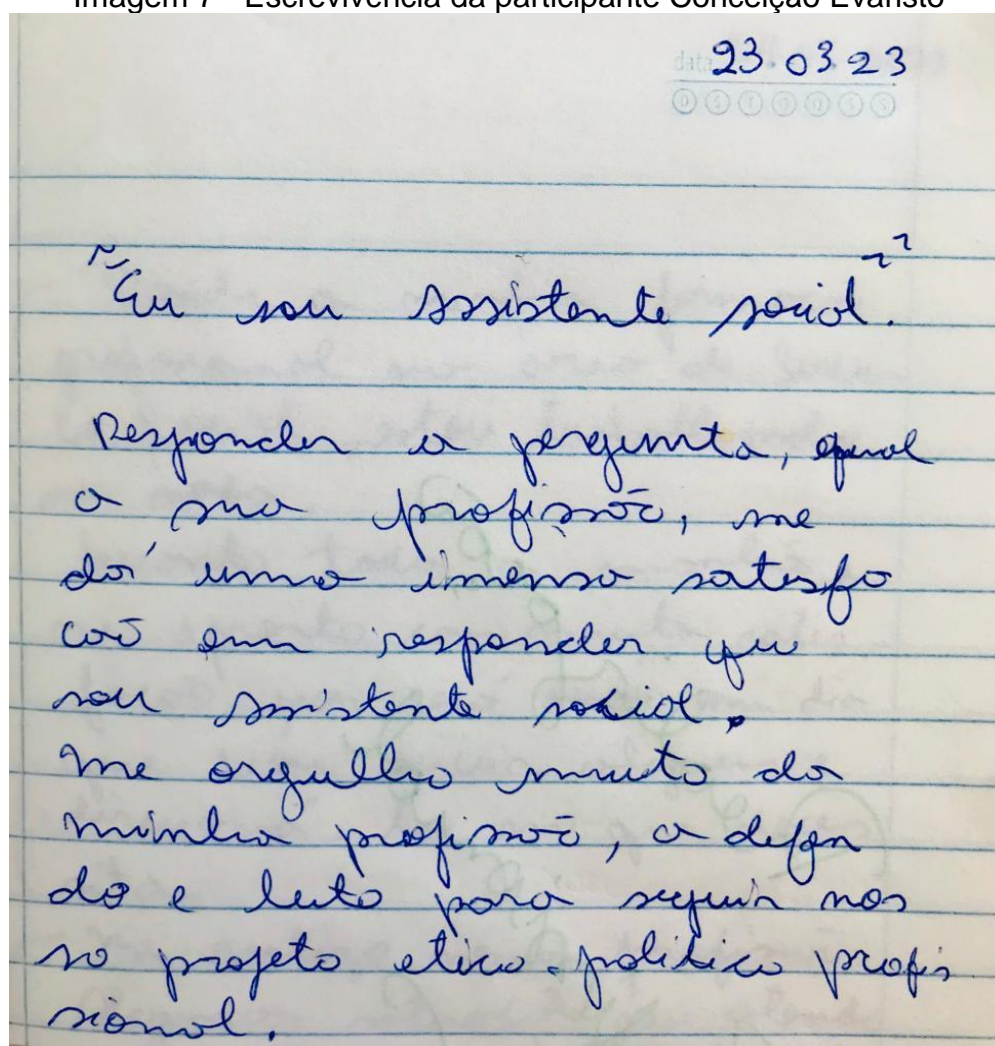
A vida cotidiana tem se insinuado como um dos centros motores das atuais possibilidades de transformação da sociedade. A raiz desta intuição está no fato de que não são as relações sociais de produção, mas sim as relações sociais de dominação e poder que têm sua primazia na modernidade. Sendo assim, um dos focos estratégicos da práxis revolucionária terá que ser o cotidiano vivido pelas classes e grupos sociais oprimidos (Carvalho; Netto, 2012, p. 21).

Ao fim, no discorrer o seu debate sobre a vida cotidiana ser um dos centros da atenção nos tempos de hoje, ela ainda enfatiza:

Antes, parecia que somente os poetas, pintores, teatrólogos e romancistas buscavam captar, expressar ou denunciar a vida cotidiana; ou então, jornalistas interessados em relatar algumas das banalidades, tragicidades ou situações cômicas (quando vistas do exterior) que atravessam a cotidianidade. Mas não é verdade (Carvalho; Netto, 2012, p. 17).

E, será a assistente social Conceição Evaristo, quem irá presentear este texto com sua escrita no presente capítulo, revelando que uma técnica da área do Serviço Social também capta, descreve e produz conhecimento sobre a vida cotidiana evidenciando tais perspectivas de totalidade, transformação e realidade. Com uma forma muito poética de apresentação de cada tema que escreveu, ela contribuirá daqui pra frente com algumas respostas das perguntas expostas um pouco acima, contando suas vivências do dia a dia. Inicia seu diário com uma forma potente que expressa desde o início, seu afeto por esta profissão:

Imagem 7 - Escrivência da participante Conceição Evaristo



Eu sou assistente social.²

Responder a pergunta, qual
a sua profissão, me
dá uma imensa satisfação
em responder que
sou assistente social.
Me orgulho muito da
minha profissão, e de
de e leito para seguir nos
no projeto ético-político profis-
sional.

Fonte: Imagem da autora (2023).

Ela ainda complementa, escrevendo sobre seu tempo de profissão e a forma que se sente ao acordar em seu cotidiano, manifestando afeto pela função tão utilizada no dia a dia, como pode-se ler em suas palavras nas seguintes fotografias:

Imagem 8 - Escrivência da participante Conceição Evaristo

Estudo como A. Social Hó
 16 anos, gosto do que fa
 ço. Quando recebo o agrade
 cimento de atendido, por
 conseguir resolver algum pro
 blema em sua vida, me
 alimenta a alma.

Fonte: Imagem da autora (2023).

Imagem 9 - Escrivência da participante Conceição Evaristo

data 24.03.2023
 (D) (S) (F) (O) (D) (S) (S)

Desde a minha formação
 profissional no área de Serui
 ço Social, estou trabalhando
 na área.

Levanto todos os dias e
 me aponto com muita satis
 ficação, pois sei que um dia
 que vou cuidar alguém e
 direcioná-lo no que neces
 sita.

Fonte: Imagem da autora (2023).

Deleuze (2019), traz Spinoza como relevante autor que aprofunda sobre o tema e discorre que afeto “é a variação contínua de existir, enquanto esta variação é determinada pelas ideias que se tem” (Deleuze, 2019, p. 41). Antes, ele nos explica sobre a noção de ideia e como o autor a diferencia do afeto. Afirma:

Sobre este ponto, Spinoza não é original; ele toma a palavra ideia no sentido em que todo mundo sempre a tomou. O que chamamos de ideia, no sentido em que todo mundo sempre a tomou na História e Filosofia, é um modo de pensamento que representa alguma coisa. Um modo de pensamento representativo. Por exemplo, a ideia do triângulo é um modo de pensamento que representa o triângulo. Sempre do ponto de vista da terminologia, é muito útil saber que desde a idade média esse aspecto da ideia é denominado ‘realidade objetiva’. Em um texto do século XVII ou anterior, quando vocês encontram a realidade objetiva da ideia, quer dizer sempre: a ideia considerada como representação de alguma coisa. A ideia, enquanto representa alguma coisa, é dita ter uma realidade objetiva. Esta realidade objetiva, é a relação da ideia com o objeto que ela representa (Deleuze, 2019, p. 34).

Assim, o autor traz uma forma simples da distinção que Spinoza realiza entre ideia e afeto. Pois, “a ideia é um modo de pensar definido pelo seu caráter representativo” (Deleuze, 2019, p. 35), já afeto, trata-se de todo modo de pensamento sem representatividade, ou seja, que não represente nada, como traz o autor a seguir:

Todo modo de pensamento, enquanto não representativo, será denominado afeto. Uma volição, uma vontade, implica a rigor que eu quero alguma coisa; o que eu quero, é objeto da representação, o que eu quero está dado em uma ideia, mas o fato de eu querer não é uma ideia, mas um afeto, porque é um modo de pensamento não representativo. Funciona, não é complicado (Deleuze, 2019, p. 35).

Assim, percebe-se que o cotidiano profissional das assistentes sociais, cercado dos desafios que as expressões que a questão social impõe, não é feito somente de ideias que se sucedem, mas de afetos os quais são apresentados pelas variações da força de existir ou da potência de agir. Deleuze (2019) expande sobre as paixões denominadas alegria e tristeza que se vive em nosso dia a dia e afirma:

E, sobre esta linha melódica da variação contínua constituída pelo afeto, Spinoza vai assinalar dois polos: alegria-tristeza, que serão para ele as paixões fundamentais. A tristeza será toda paixão, qualquer paixão, que envolva uma diminuição de minha potência de agir; e a alegria será toda paixão que envolva um aumento de minha potência de agir (Deleuze, 2019, p. 41).

E como será que este sentimento do afeto pode ser observado em nosso cotidiano?

Novamente, traz-se aqui, a escrevivência da participante Conceição Evaristo, que afirma sobre a importância dessa dimensão em seu cotidiano de forma potente e generosa. Ela escreve sobre como observa uma idosa atendida em seu local de atuação. Percebe-se uma descrição carregada de afeto e estado poético e de percepção desta dimensão no outro em uma escrita que nos inspira e convida a criar a imagem da senhora atendida em nossa mente:

Imagem 10 - Escrevivência da participante Conceição Evaristo

28.03.23

A importância do afeto na nossa vida. Faço o percurso uma das idosas que sente uma necessidade de estar com objetos no colo. Ela coloca travessinho, lençol ou amo foda por baixo da roupa, como se estivesse grávida. Temos uma boneca para ela, nos últimos meses ela chegou e já pegou aquela boneca, que é na companhia.

Essa idosa perdeu seu filho há 8 anos, ele era deficiente. A partir daí ela não teve mais quem cuidar e com o tempo foi demenciando. Ela é muito corinthosa, atenciosa com todos, já não tem mais consciência do que faz, devido a demência. A

nos tem guardado nela muito afeto, que é isso que ela transmite para boneca e a quem está do lado dela.

Fonte: Imagem da autora (2023).

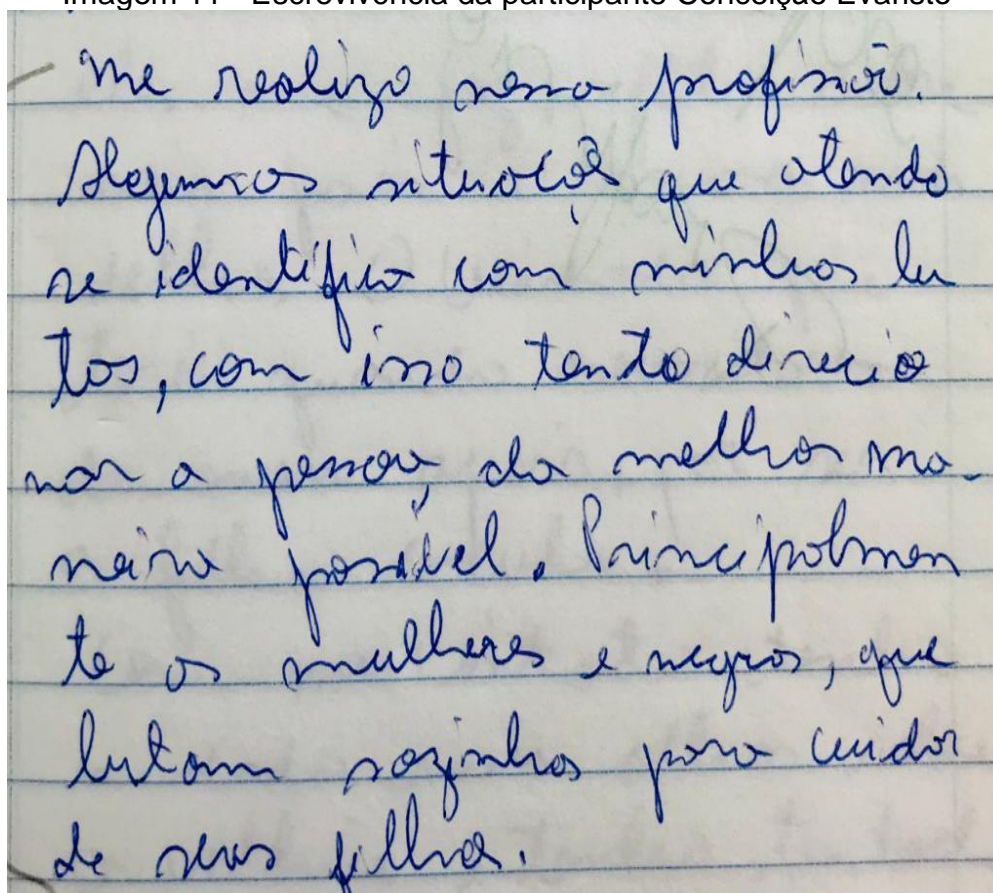
Percebe-se que estas são pessoas, momentos ou ações da profissão em que a assistente social se vê afetada a ponto de continuar com aquele assunto de trabalho ou imagem na recordação, mesmo já estando em casa ou fora do espaço onde atua. Muitas leitoras, profissionais desta área poderão se reconhecer nesta reflexão. Não são poucas as vezes que aquele determinado assunto de trabalho afeta a tal ponto de se viver a situação recorrente de se pegar refletindo sobre ele por horas, dias, semanas e até meses. Muitas vezes, acontece destas profissionais verem-se atuando em algum caso fora do horário de trabalho em continuidade às ações que já haviam sido desenvolvidas durante o período de jornada.

Mansano (2010) traz que, diversas são as áreas profissionais de formação universitárias que estão ligadas a produção imaterial e afetiva, dentre elas, destaca o serviço social como uma área em que um dos focos está na produção de conhecimentos voltados à ampliação da proteção social, o que, por sua vez, implica na realização continuada de contatos sociais. A autora discorre sobre as dimensões afetivas muitas vezes presentes nas ações das profissionais assistentes sociais em suas práticas cotidianas e afirma que para além disso, na medida em que essa trabalhadora “atua em questões que são de cunho afetivo, ela também participa da produção de subjetividades” (Mansano, 2010, p. 40).

Aqui, reflete-se sobre aquele afetar-se que muitas vezes se estende para além dos muros institucionais, para além das demandas que estão previstas nas atuações determinadas em algum setor específico ou na súmula de atribuições profissionais.

Como exemplo, traz-se o afeto exposto pela assistente social Conceição Evaristo pela profissão em sua escrivência que descreve como ela se reconhece nas demandas, associando a sua vida a vários aspectos do seu trabalho. Uma escrita que também revela como ela percebe suas habilidades e competências que fazem diferença nas intervenções que estão em seu alcance no cotidiano:

Imagem 11 - Escrevivência da participante Conceição Evaristo



me realiza nessa profissão.
Algumas situações que atendo
se identifico com muitos lu-
tos, com isso tento direcio-
nar a pensar da melhor ma-
neira possível. Principalmen-
te os mulheres e negros, que
lutam sozinho para cuidar
de seus filhos.

Fonte: Imagem da autora (2023).

Ela também compartilha uma escrevivência encharcada de afeto sobre seu dia a dia quando faz descrição de um idoso que atende e cujas características trazem-lhe grande sentido, e o reconhecimento de sua própria história, conforme podemos ler na foto que segue:

Imagem 12 - Escrevivência da participante Conceição Evaristo

Nesse meu trabalho tem
 um idoso que vai comple-
 tar 97 anos, é uma figura
 tem muito agilidade,
 força, ativo. Não gosta
 de 'deitar durante o
 dia.
 gosta de conversar, falar
 do que já fez na sua
 vida.
 Ele me fez recordar do
 meu pai. Magrinhos e
 com um sorriso irresistível.
 Estar perto dele me fez
 sentir a presença do
 meu pai e me fez bem

Fonte: Imagem da autora (2023).

Heller¹³(1972) afirma que a “vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade”.

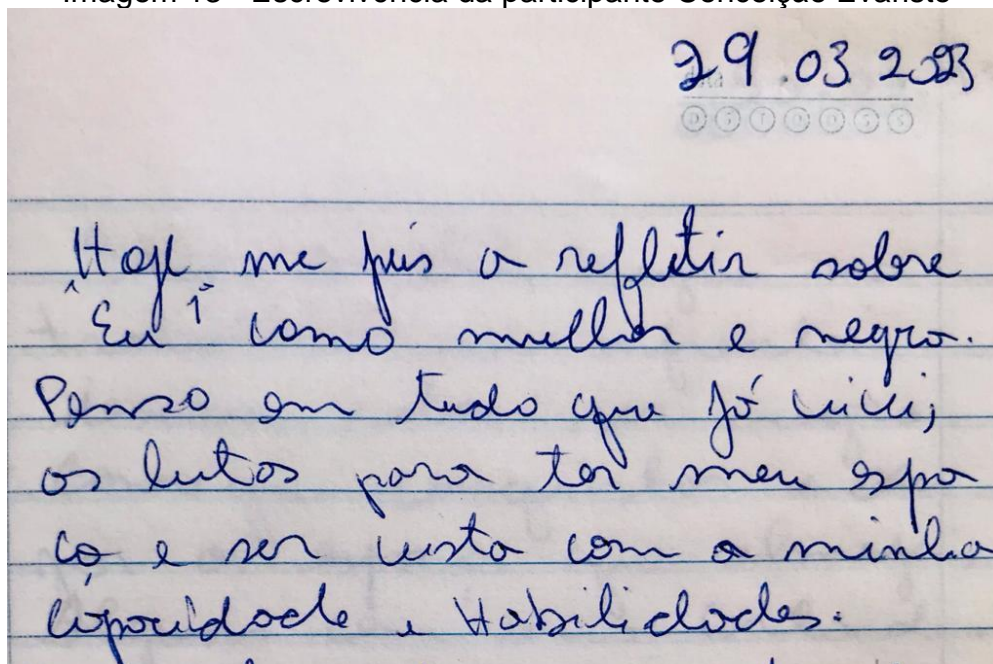
¹³ Ágnes Heller foi uma filósofa húngara. Discípula de Lukács, foi professora de sociologia na Universidade de Trobe, na Austrália. Lecionou na New School for Social Research, em Nova Iorque. Tem várias obras publicadas com Ferenc Fehér, que também é húngaro e discípulo de Lukács, além de lecionar na mesma universidade. Era chocante o contraste entre o físico de Agnes Heller, a filósofa húngara. Miúda e só aparentemente frágil, sobreviveu ao Holocausto em Budapeste — metade do milhão de judeus assassinados em Auschwitz era húngara — e à repressão stalinista posterior à Segunda Guerra Mundial, que a obrigou a se exilar durante décadas. Nos Estados Unidos e na Austrália, porém, ela elaborou um pensamento baseado num profundo conhecimento da história, mas também da vida cotidiana, situado entre a filosofia e a sociologia, que conseguiu atravessar fronteiras para torná-la uma das pensadoras mais influentes da segunda metade do século XX. Obras como *O Cotidiano* e *a História* (Paz e Terra), *Historia y futuro ¿sobrevivirá la modernidad?*, *El hombre del renacimiento*, *Crítica de la ilustración* e *Para cambiar la vida* são alguns dos títulos editados na Espanha, onde seu pensamento encontrou uma ampla difusão. MORRE Agnes Heller, a filósofa da vida cotidiana que sobreviveu ao Holocausto. **El País**, Madri, 2019. Cultura, Orbituário. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/20/cultura/1563613892_827024.html. Acesso em: 16 jul. 2023.

E quando se trata de afetos em nossos cotidianos, esta reflexão não está se referindo a sentimentos de carinho, nem mesmo à romantização das relações que nos vinculam ao trabalho, mas sim, da dimensão que está entrelaçada nos contatos sociais que acontecem para o desempenhar de funções. Segundo Mansano (2010)

Ao analisar o trabalho imaterial, Negri e Hardt (2001, p. 28), considera que nele, o profissional exprime-se através das potências, das potências de viver, a que chamamos de afeto. A vida afetiva se torna, portanto, uma das expressões da ferramenta de trabalho encarnada dentro do corpo. No trabalho afetivo, os profissionais estão em constante relação social e esse contato coopera para criar um 'campo comum' no qual ocorrem misturas, composições, choques e enfrentamentos das mais variadas nuances (Mansano, 2010, p. 41).

A escrevivência da participante Conceição Evaristo traz muito destes enfrentamentos que possuiu e possui ao longo de sua trajetória. Em seus emocionantes relatos escritos, ela fala sobre suas lutas, representando, de fato, a luta da maioria das mulheres brasileiras:

Imagem 13 - Escrevivência da participante Conceição Evaristo



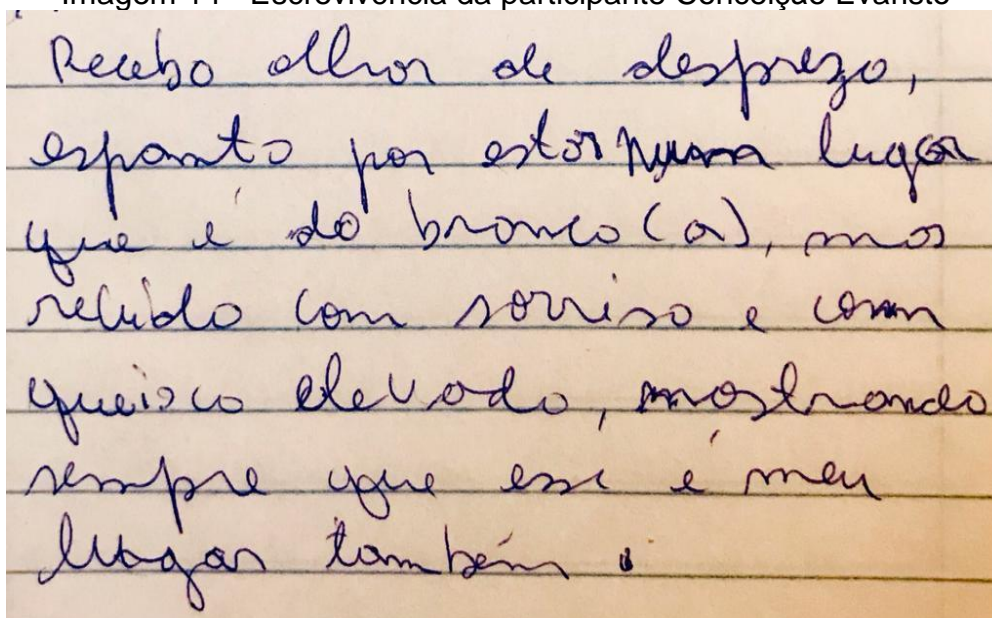
Fonte: Imagem da autora (2023).

Percebe-se que, a cada situação enfrentada por estas trabalhadoras assistentes sociais, sejam elas favoráveis ou adversas, colaboram então para fazer variar a potência de seus corpos que poderão, hora diminuir, hora aumentar a sua própria reciprocidade no contato e no encontro com o outro.

Não existe neutralidade, controle ou regularidade quando analisamos as atividades do tipo afetivo. Em cada um dos encontros vividos, o trabalhador é convocado a dar direção ao seu trabalho e a criar, dentro de cada situação, modos específicos de se portar e de se relacionar com a população que atende. É precisamente imerso nestas misturas afetivas que seu trabalho é executado (Mansano, 2010, p. 41).

Conceição Evaristo, assistente social participante da pesquisa, escreve de forma afirmativa seu trilhar do dia a dia, transparecendo sua consciência de raça. Sua escrita nada neutra, traz à tona em cada forte e potente palavra colocada no papel, a sua força de luta e enfrentamento das opressões que enfrenta no cotidiano para ocupar o lugar que é seu dentro de sua profissão:

Imagem 14 - Escrivivência da participante Conceição Evaristo



Fonte: Imagem da autora (2023).

Ao analisar o trabalho imaterial, Gorz (2005) diz que no trabalho atual, o sujeito é solicitado a apresentar soluções rápidas aos problemas inéditos que geralmente são lhes apresentados. Segundo ele, as habilidades que envolvem tais ações não podem ser adquiridas apenas por meio de cursos técnicos ou universitários, mas envolvem toda uma “bagagem cultural” que foi adquirida no decorrer da história de sua vida. Assim, trata-se de saberes que são gerados a partir das relações sociais e que são ativados a cada ocasião que este trabalhador é convidado a enfrentar uma nova situação problemática em seu cotidiano. Gorz (2005, p. 19) ainda percebe que é nas

atividades realizadas “fora do trabalho que são desenvolvidas sua vivacidade, sua capacidade de improvisação, de cooperação”.

Mansano (2010) nos traz que a história de vida e a história afetiva do trabalhador, aquelas que foram vividas e construídas fora de seu local de trabalho, produzem efeitos na forma como este desenvolve suas funções.

Assim, no contexto do trabalho imaterial afetivo, as experiências da vida privada muitas vezes entram em ressonância com os conteúdos apreendidos na formação universitária e com as experiências profissionais, sendo transportadas e ressignificadas para a resolução dos problemas enfrentados (Mansano, 2010, p. 43).

Consegue-se correlacionar tais reflexões com os dados coletados durante a pesquisa, na escrevivência de autoria da assistente social Conceição Evaristo. A participante descreve em seu diário de itinerância, a sua trajetória de vida, passando por memórias da adolescência e sua fase de juventude, revelando de forma potente, aspectos de suas particularidades que remetem a constituição de sua força e ressignificação que nos convidam a compreender sobre seu potencial de enfrentamento dos processos que vive em seu cotidiano profissional, conforme foto a seguir:

Imagem 15 - Escrevivência da participante Conceição Evaristo

Na adolescência não era fácil,
pois nunca era percebida pelos
meninos, só os colegas brancos.
Era reconhecida como a "amiga"
de todos, mas para meninas não.
Fui amadurecendo e isso foi
mudando. Por ser moçoquelo
não atava alhos de meninas,
depois dos 16 anos comecei a pa-
quear. Sobei me resolvendo
com essa questão. Vivi uma na
moradela. K K K K.
De hoje me sinto realizada
em relação a relacionamento.
Tenho muitas histórias para
contar a respeito disso.

Fonte: Imagem da autora (2023).

Imagem 16 - Escrevivência da participante Conceição Evaristo

22.03.23

Para escrever sobre quem sou hoje, inicio com a memória a partir dos meus 25 anos.

Por que esse iclobo?
 Porque é a partir dos 25 anos que eu comecei a me identificar quem eu realmente ~~so~~, passei a me importar com o que eu queria e o que gostava. Com esse despertar veio a separação do pai de mimso filho.

Foi libertador, a partir daí entrei na faculdade, me formei em 2006, de uma vida toda na minha vida.

Fonte: Imagem da autora (2023).

A participante dá continuidade à sua escrevivência, transcrevendo para o papel, sua conquista atual como ocupante de um cargo de coordenação onde está a identificar novas mediações da realidade das/os sujeitos sociais que figuram como demandas a serem enfrentadas, fazendo um movimento de reflexão constante sobre sua vida e sua práxis, revelando:

Imagem 17 - Escrevivência da participante Conceição Evaristo

95 03.2023

Há 5 meses estou vivendo uma nova experiência no trabalho, estou coordenando um Centro de idosos.

É a primeira vez que trabalho diretamente com essa demanda e está sendo ótimo.

O contato direto com eles me fez refletir sobre meus pais e irmãs mais velhas. O cuidado que terei quando monitorarem do meu pai, por ser a filha solteira.

Com esse contato tenho mudado meu olhar sobre o velhice e tenho tentado mudar a forma que vejo. penso mais na qualidade.

Imagem 18 - Escrevivência da participante Conceição Evaristo

trabalhando com idosos
 tenho pensado no meu envelhecer.

O corpo que vai perdendo as forças, agilidades; a cabeça que já não lembra mais de alguns momentos da vida.

Isso tem me despertado medo, de ficar dependente, necessitar de outros, como levei uma vida de total liberdade e independência, temo ter que necessitar de alguém o tempo todo.

não tenho medo do envelhecer por conta da parte estética, pois sei que minha idade, seria somente por ter que depender de outros,

Fonte: Imagem da autora (2023).

Em sequência, ela retorna a escrever sobre sua experiência como assistente social mulher e negra, e como observa as mulheres que vivem essa mesma realidade, bem como as dificuldades que enfrentam nos processos de reconhecimento sobre seu trabalho.

Imagem 19 - Escrevivência da participante Conceição Evaristo

Sendo mulher negra no
 trabalho, não enfrentei
 desafios sobre ser negra.
 Consegui conquistar e dar
 por os espaços que almejei.
 Alguns com uma certa de-
 mora, mas consegui.
 Sei que é um dos desafios
 para nós mulheres negras
 alcançar cargos de destaque,
 tendo amigos que trabalham
 na mesma função. Há anos
 sem reconhecimentos.

Fonte: Imagem da autora (2023).

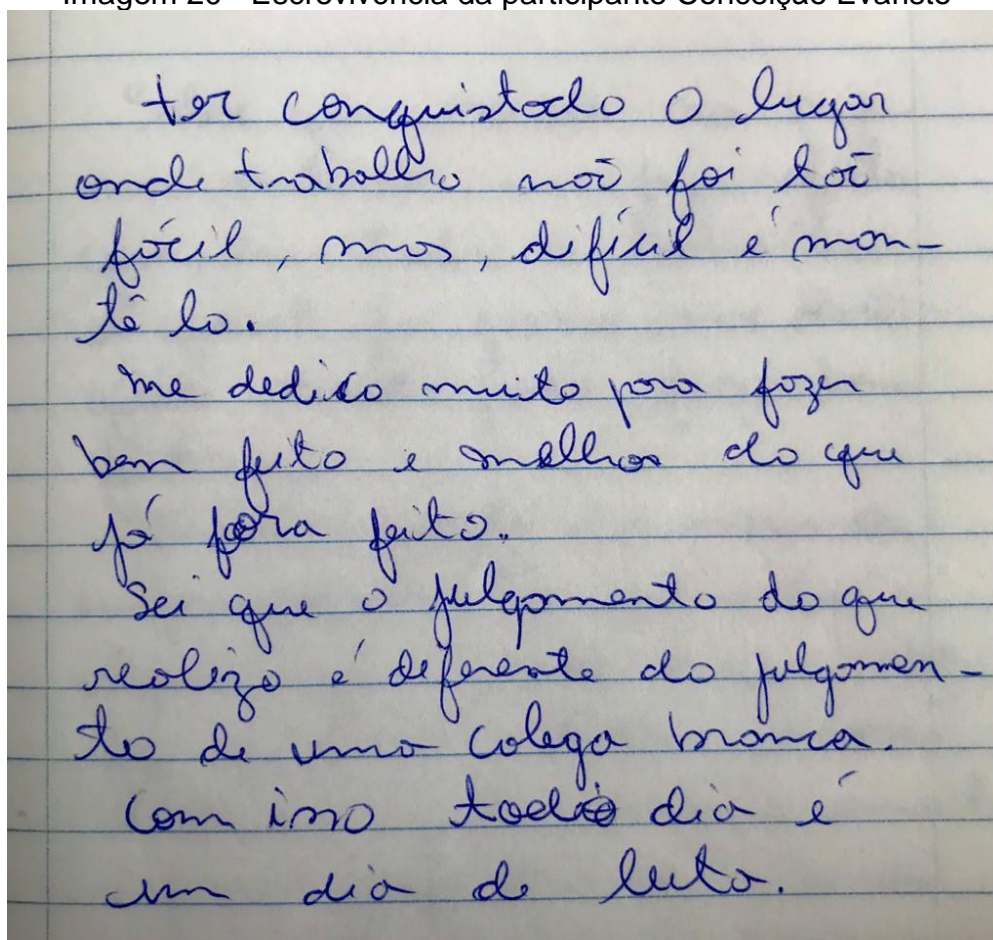
Analisa-se que a escrita da participante traz de forma potente, como o trabalho cotidiano da assistente social evidencia corpos afetados, seja da trabalhadora, seja da população por ela atendida, por uma realidade social complexa e contraditória. Nesta realidade, esta profissional elabora ações de afetos que emergem a partir destes encontros. Assim, reflete-se que “a produção imaterial é sustentada por um alto grau de investimento desejante, ainda que as dificuldades caminhem lado a lado com as soluções e conquistas” (Mansano, 2010, p. 45).

Quando discorre sobre tal aspecto, a autora nos convida a refletir sobre uma outra dimensão imposta a esta categoria profissional em seu dia a dia de trabalho.

A presença do risco é outra dimensão atualizada no cotidiano laboral do Assistente Social. O risco pode vir acompanhado da angústia gerada pelo medo de errar, pelo receio de sofrer as consequências advindas de uma intervenção, ou mesmo pela preocupação de não corresponder às expectativas que lhe foram depositadas, tanto pelo empregador, quanto pelo público atendido, num contexto cujo traço dominante é a contradição. Ressaltamos que, nesse tipo de atuação profissional, uma conduta tomada não pode ser avaliada de maneira isolada. Ela está sempre posicionada num conjunto múltiplo e complexo de elementos e agentes sociais. Ao mesmo tempo, qualquer intervenção depende de condições políticas e financeiras que são variáveis e, por vezes, limitadas (Mansano, 2010, p. 45).

A participante Conceição Evaristo faz uma importante reflexão em sua escrita, onde compõe pensamento relativo ao esforço diário de conquistar e manter seu lugar no trabalho que ocupa. Ela estende seu pensamento sobre todos os trabalhos os quais já desenvolveu anteriormente em sua trajetória profissional enfatizando o quanto se dedica em suas ações cotidianas, como pode-se ler nas fotos a seguir:

Imagem 20 - Escrivência da participante Conceição Evaristo



Fonte: Imagem da autora (2023).

Imagem 21 - Escrivência da participante Conceição Evaristo

04.04.2023

Sobre que escrevi na página anterior, me fez refletir que, em todos os trabalhos a qual já passei, me dediquei muito para fazer bem feito.

Quir momento dos meus empregadores, nunca ouvi alguém que fizera o que valeu, fez quando estava lenoro. Mas me entusiasmo muito, e fico questionando, "mas o que fiz e o que teria que fazer, não fiz algo extraordinário".

Falava por minha origem humilde, negra, mulher e cores mais e com isso vai refletindo no que faço. Não me vejo a melhor, não me vejo a melhor, não me vejo a melhor. Se tenho medo de errar e ser acusado de não ter feito.

Fonte: Imagem da autora (2023).

Percebe-se as vivências profissionais da assistente social Conceição Evaristo como construções carregadas de afeto e memórias que construíram conhecimentos e promoveram transformações de si e daqueles que interagiram com a mesma ao longo de sua carreira. E como o recordar destas histórias e a passagem destas para o papel é fator positivo que mobiliza o “transbordar da vida”, como traz em seu poema, a poeta e escritora Conceição Evaristo:

Recordar é preciso

O mar vagueia onduloso sob os meus pensamentos
A memória bravia lança o leme:
Recordar é preciso.

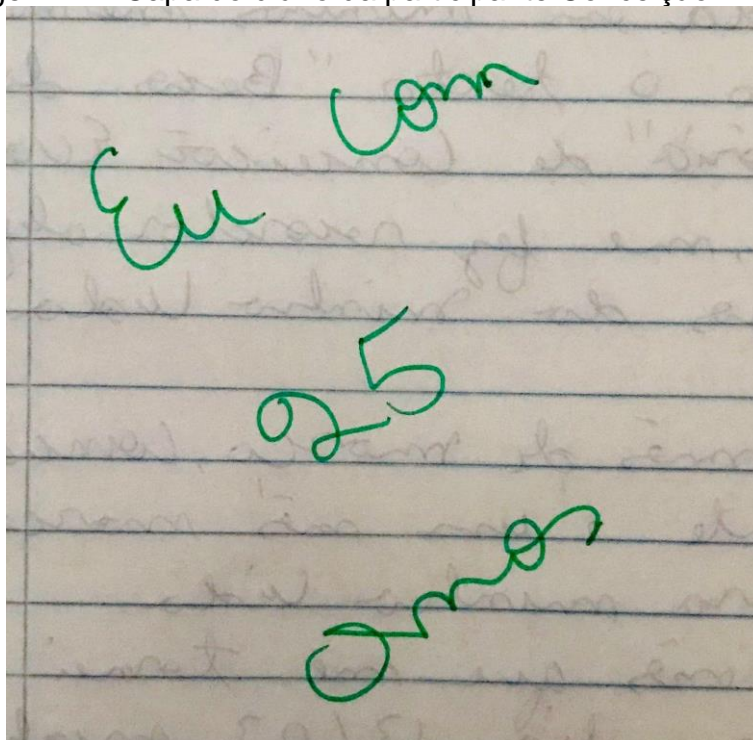
O movimento vaivém nas águas-lembranças
dos meus marejados olhos transborda-me a vida,
salgando-me o rosto e o gosto.

Sou eternamente naufraga,
mas os fundos oceanos não me amedrontam
e nem me imobilizam.

Uma paixão profunda é a bóia que me emerge.
Sei que o mistério subsiste além das águas.
(Evaristo, 2006, p.11).

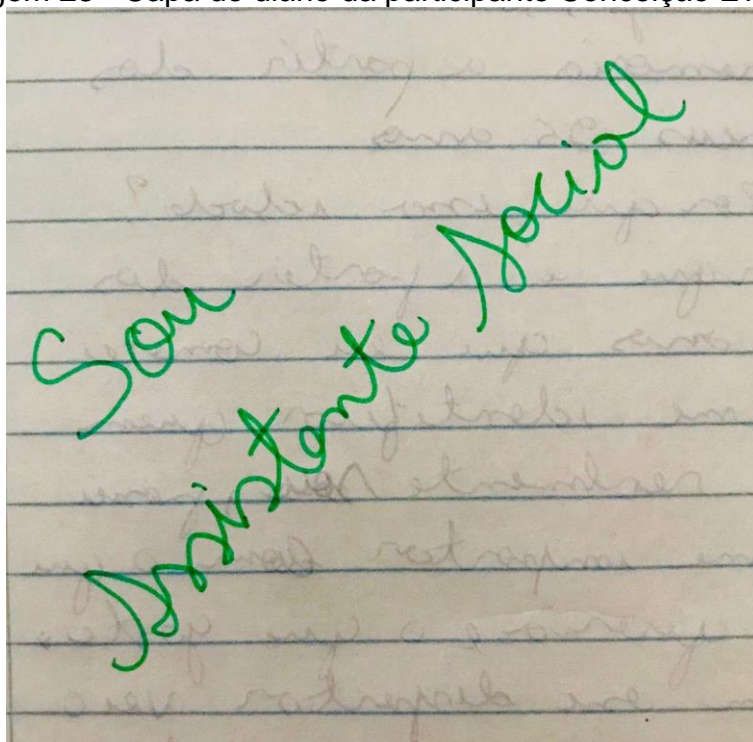
Voltando à reflexão sobre as escrevivências da participante, entende-se que, a imersão de seu corpo em práticas afetivas, carregadas de aspectos de força e aquisições de potência adquiridas em sua vida, apareceram nos registros de tais ações de forma latente e poética, provocando uma aprendizagem colaborativa. Durante todo o desenvolvimento de sua escrevivência, a participante Conceição trouxe uma estética única, singular e reveladora de sua potência de escrever sobre suas próprias memórias e a história que trilha e trilhou em sua jornada de trabalho como assistente social. Um estado de afeto, de criação, cheio de beleza e força que pode ser evidenciado a cada tema abordado onde a participante, como na feitura de um bordado, costurava os assuntos organizando-os em “capas de introdução” dos temas que abordaria, revelando um formato muito criativo e particular, como pode-se observar na seguintes fotografias de seu diário:

Imagem 22 - Capa do diário da participante Conceição Evaristo



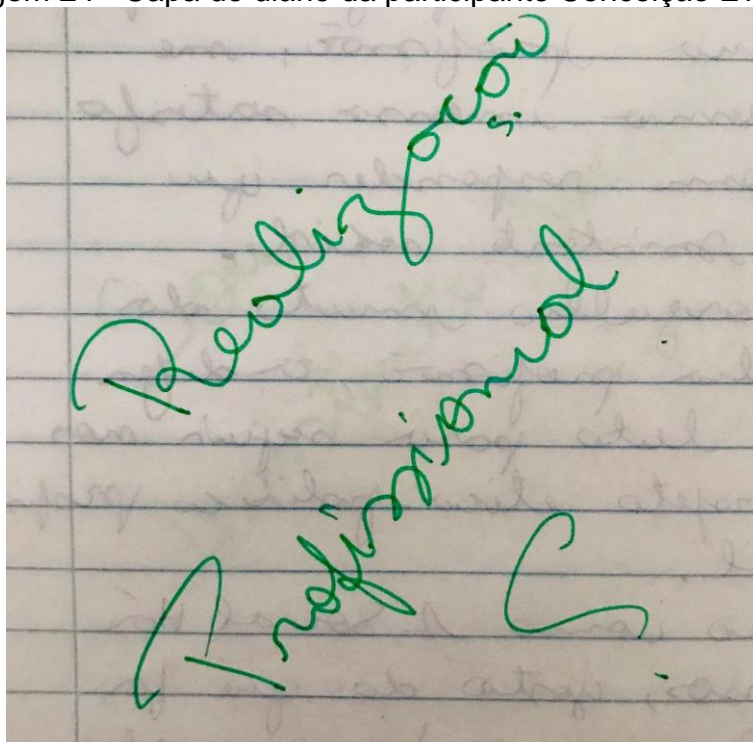
Fonte: Imagem da autora (2023).

Imagem 23 - Capa do diário da participante Conceição Evaristo



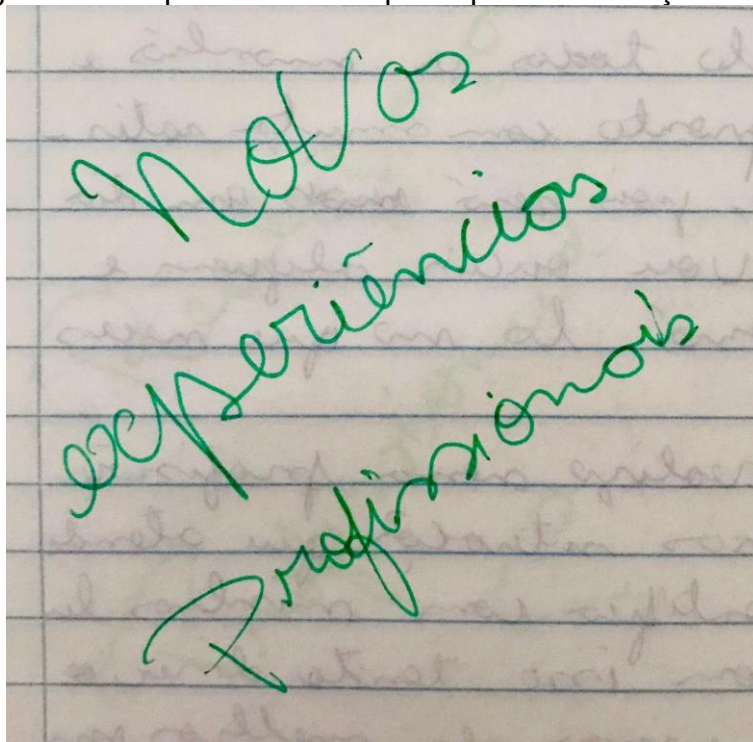
Fonte: Imagem da autora (2023).

Imagem 24 - Capa do diário da participante Conceição Evaristo



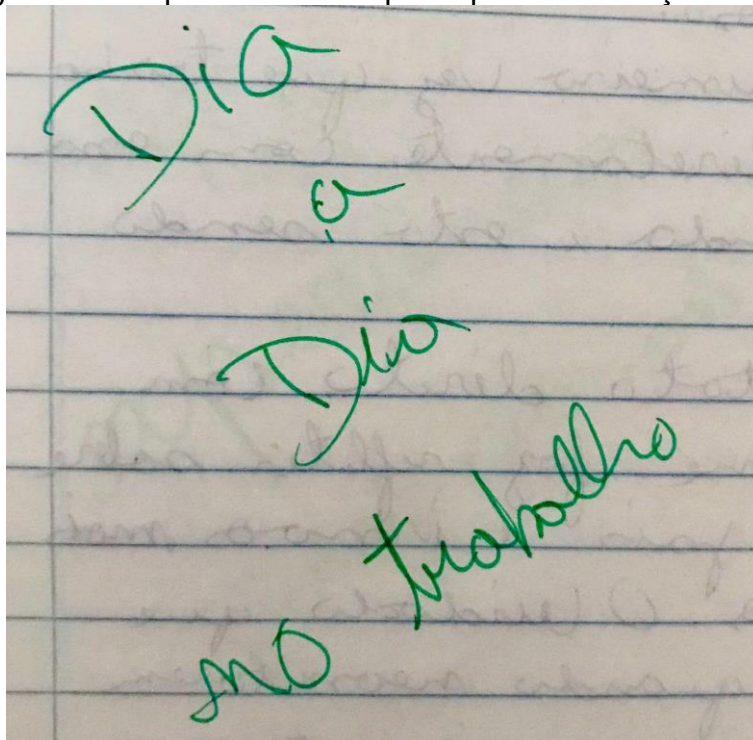
Fonte: Imagem da autora (2023).

Imagem 25 - Capa do diário da participante Conceição Evaristo



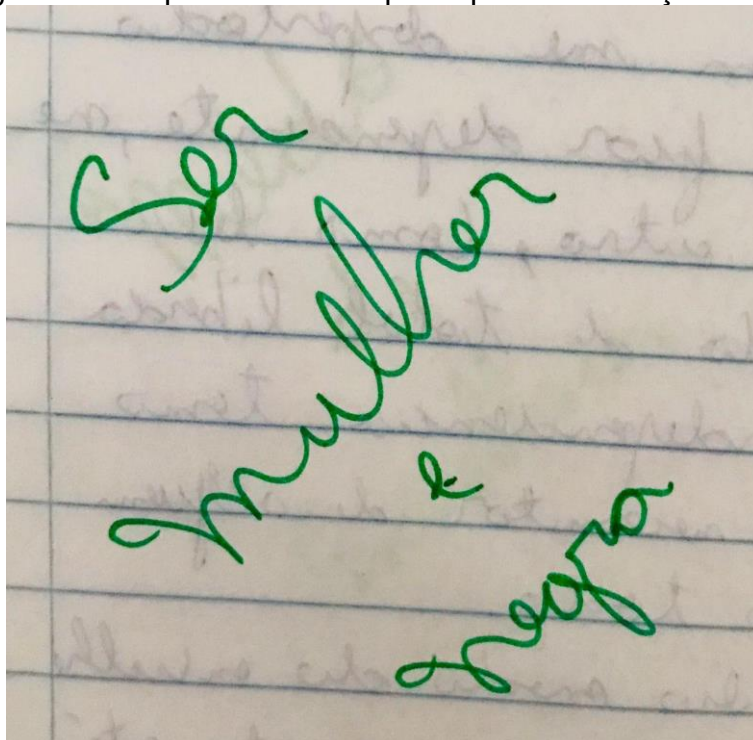
Fonte: Imagem da autora (2023).

Imagem 26 - Capa do diário da participante Conceição Evaristo



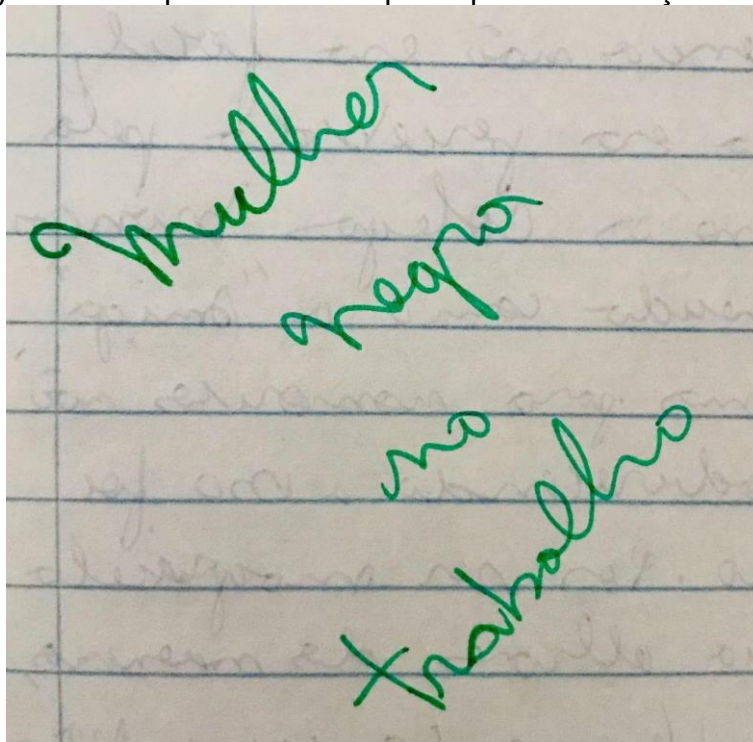
Fonte: Imagem da autora (2023).

Imagem 27 - Capa do diário da participante Conceição Evaristo



Fonte: Imagem da autora (2023).

Imagem 28 - Capa do diário da participante Conceição Evaristo



Fonte: Imagem da autora (2023).

Mas, para além da estética reveladora de uma escrita potente, percebe-se em todo o conteúdo, um amplo comprometimento ético dela em seu esforço para cultivar o olhar e o ouvir bem como ampliar formas de capturar as expressões das singularidades em formas carregadas de afeto, em suas relações com o outro. Em muitos escritos, observa-se uma busca constante para contribuir com o crescimento da potência de existir do outro que está a sua volta como também dela mesma, durante sua atuação profissional. Uma conduta ética que está transposta em cada uma de suas palavras escritas tão carregadas de estado poético evidenciado em um exercício ativo, livre e criativo de seus investimentos afetivos que demonstrou ao longo de toda narrativa materializada em seu diário.

Reflete-se sobre a importância de sua escrevivência como ato concreto e autoral de registro de sua história, vida e memória. Tal importância torna-se ainda maior no atual contexto de subordinação da subjetividade e dos afetos às opressões que se vive no cotidiano. Sua escrevivência é um ato de luta, resistência e compartilhamento de conhecimento acerca dos afetos que se vive no dia a dia profissional dentro do serviço social.

É exatamente sobre isto que trata a autora desde conceito chamado *escrevivência*. A professora, pesquisadora, contista, romancista e poeta, Conceição Evaristo, ao ser questionada sobre o surgimento deste conceito, em uma entrevista¹⁴, afirma:

É uma longa história. Se eu for pensar bem a genealogia do termo, vou para 1994, quando estava ainda fazendo a minha pesquisa de mestrado na PUC. Era um jogo que eu fazia entre a palavra ‘escrever’ e ‘viver’, ‘se ver’ e culmina com a palavra ‘escrevivência’. Fica bem um termo histórico. Na verdade, quando eu penso em *escrevivência*, penso também em um histórico que está fundamentado na fala de mulheres negras escravizadas que tinham de contar suas histórias para a casa-grande. E a *escrevivência*, não, a *escrevivência* é um caminho inverso, é um caminho que borra essa imagem do passado, porque é um caminho já trilhado por uma autoria negra, de mulheres principalmente. Isso não impede que outras pessoas também, de outras realidades, de outros grupos sociais e de outros campos para além da literatura experimentem a *escrevivência*. Mas ele é muito fundamentado nessa autoria de mulheres negras, que já são donas da escrita, borrando essa imagem do passado, das africanas que tinham de contar a história para ninar os da casa-grande (Santana; Zapparoli, 2020).

Em outro trecho da entrevista, a autora dá continuidade as reflexões que cercam este conceito, revelando seu grande potencial para afirmar a representação e fortalecer o sentimento de pertencimento não somente de quem escreve, mas, da coletividade a qual faz parte:

É uma escrita em que o sujeito se coloca no seu espaço de pertença, no seu espaço de nascença, no espaço de vivência – porque o deslocamento cria elos afetivos, com o lugar que ele passa a habitar, além da memória do espaço e de onde ele veio. Normalmente, o texto acaba muito fincado nesses espaços, que eu chamo também de geografia afetiva. O sujeito vai narrar fatos muito próximos de sua vida ou da sua coletividade, e isso é uma forma, uma produção, sem sombra de dúvida, de uma *escrevivência* (Santana; Zapparoli, 2020).

Em outro trecho da memorável entrevista, Conceição Evaristo é questionada sobre o seu acreditar na força da literatura no processo de reparação de injustiças, afirmando que esta,

tem a capacidade de transitar, porque o texto literário chega sem grandes intenções. Por exemplo: a literatura não é um texto histórico. Quando eu escrevi Ponciá Vicêncio eu não imaginava, jamais, fazer um inventário histórico sobre o que aconteceu com os negros após a abolição. Eu não tenho nem competência histórica para isso, eu não sei de datas e não sei de artigos. A literatura não é um texto histórico, ela não é um texto religioso, não é um

¹⁴ SANTANA, T.; ZAPPAROLI, A. Conceição Evaristo – “A *escrevivência* serve também para as pessoas pensarem”. **Itaú Social**, Agência de Notícias - Dez perguntas para. 9 nov. 2020. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/>. Acesso em: 19 maio 2023.

texto sociológico, não é um texto pedagógico. Então, por não ser isso tudo, o texto literário tem essa capacidade de transitar aqui e ali. A literatura dialoga com várias áreas do conhecimento. E mais do que isso, tem a capacidade de convocar as pessoas, de falar na sensibilidade das pessoas. Eu gosto muito de dizer isso: ninguém chora diante de um dicionário e as palavras estão lá, arrumadas bonitinhas. Mas elas só ganham sentidos, elas só te tocam se você transformar em uma vivência possível, que você já observou, até em uma ficção. A palavra 'paixão' por si só não significa nada, mas quando você para para pensar sobre a palavra 'paixão', você deve lembrar das suas paixões, dos seus ódios, dos seus jogos de sedução e dos jogos de sedução que fizeram com você. E a literatura é isso. Ela tem a capacidade justamente de convocar as mais diferentes pessoas. Eu tenho experimentado muito isso. Homens, mulheres, brancos, pretos, velhos, jovens, brasileiros e estrangeiros; se sentirem convocados... Porque toca (Santana; Zapparoli, 2020).

Fazendo associação a esta força da literatura mencionada pela autora e em sequência ao debate sobre afetos constitutivos do cotidiano profissional das assistentes sociais explicitados pela escrevivência poética da participante Conceição Evaristo, a presente dissertação trará no próximo capítulo, o quanto a poesia também trata-se de um recurso auxiliar que contribui na mediação de processos de trabalho exercidos no cotidiano e para aquisições importantes para o fortalecimento e enfrentamento das lutas que travam estas profissionais assistentes sociais em seu dia a dia.

4 O LUGAR DA POESIA NO COTIDIANO PROFISSIONAL DA ASSISTENTE SOCIAL

4.1 A “poesia do dia a dia”¹⁵ das assistentes sociais Carolina Maria de Jesus e Clarice Lispector

Mas se isto puder contar-lhe
O que não lhe ouso contar,
Já não terei que falar-lhe
Porque lhe estou a falar...
(Pessoa, 1956, p. 92).

Muitos se questionarão ao fazer a leitura deste título, sobre uma palavrinha que parece nova ou, minimamente desconhecida, quando se trata de assuntos voltados à rotina ou ao dia a dia de trabalho da profissional assistente social. Pois bem, é preciso esclarecer na introdução deste capítulo, que a palavra “poesia” aqui mencionada não estará diretamente associada ao seu sentido mais puro ou literário como: a arte de compor ou escrever versos livres ou metrificados, compor rimas, gerar harmonia entre sons, ritmos, palavras e imagens.

Não é sobre habilidades ou competências a serem desenvolvidas pelas profissionais do campo do serviço social para que possam introduzir em suas rotinas, além da escrita de relatórios técnicos, laudos, encaminhamentos entre outras formas de registros rotineiros, alongados versos, sonetos, poemas, músicas ou outras formas de manifestações de cunho poético artístico, ou tornarem-se artistas, poetas. Definitivamente, este capítulo não tratará sobre isso.

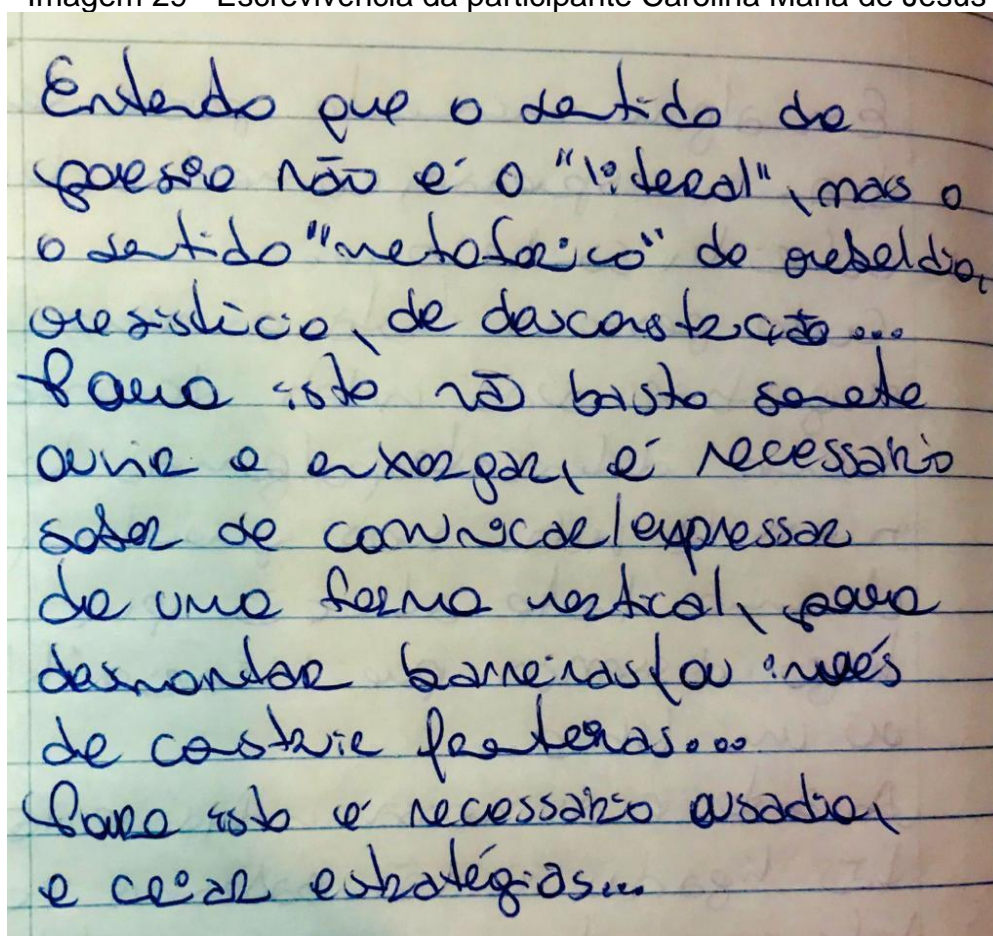
¹⁵ Refere-se o termo “poesia do dia a dia” à professora Doutora Maria Lúcia Martinelli, docente do Programa de Pós-graduação em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- PUC-SP. Se você teve o privilégio de ter sido, se é ou será aluna desta querida e amada professora mais conhecida como “Martinelli” (e carinhosamente apelidada por mim de “a fada brasileira do Serviço Social”) é muito possível que um dia, você ouça a sua famosa frase: “Que não nos falte a poesia do dia a dia!”. Pois, ela é comumente dita e ouvida por nós no cotidiano pela voz serena e já um pouco rouca desta grande profissional, que é escritora, professora, poeta, pesquisadora e que se tornou, ao longo de uma brilhante trajetória, uma das maiores autoras de referência aos estudos acadêmicos do Serviço Social do Brasil e de vários outros países. Ela coordena há mais de 40 anos o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Identidade Profissional conhecido como NEPI. Trata-se de um espaço pedagógico interdisciplinar que contribui com a formação de pesquisadores em Serviço Social e áreas afins fomentando estudos e pesquisas em metodologias de natureza qualitativa que possibilitam a análise da realidade social a partir do trabalho com a fonte oral na sua interação com as demais fontes, inclusive de base quantitativa. Martinelli trata-se de uma docente que, recorrentemente, nos últimos anos tem dado ampla abertura à temática da arte enquanto mediação do fazer profissional cotidiano, apresentando-nos com doces momentos poéticos que fazem parte de seus ensinamentos. O Núcleo NEPI acontece presencialmente todas às quartas-feiras, das 16h às 19h na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP.

Pois bem, mediante algumas “não - associações” iniciais na tentativa de explicar o que não se quer dizer quando se escolhe essa palavrinha tão bela no título deste capítulo, pode-se agora pensar: por que mencioná-la na largada e ainda, em forma de explícita afirmação e não pergunta, algo que poderia provocar as leitoras a possibilidade de uma resposta curta e definitiva?

Como, por exemplo, poder-se-ia ter escolhido o título: A poesia tem lugar no cotidiano profissional? Rendendo-se com um aberto, animado e, até mesmo, descompromissado “sim” ou com um impiedoso e fechado “não”, o fato é que a colocação em forma afirmativa no título do presente ensaio impõe uma resposta a outra desafiadora pergunta: Qual é o lugar da poesia no cotidiano do assistente social?

Primeiro, torna-se aqui necessário expressar, o real significado posto intencionalmente no título, quanto ao uso a palavra “poesia” e quem nos auxilia e muito é a assistente social Carolina Maria de Jesus em sua escrevivência sobre o assunto:

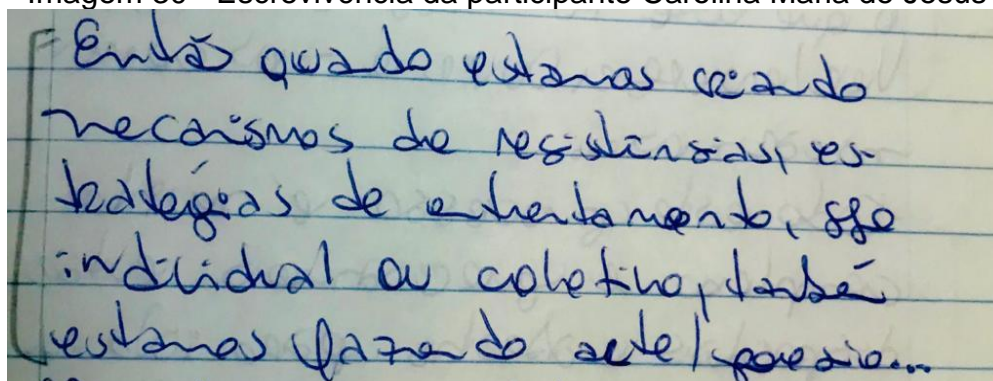
Imagem 29 - Escrevivência da participante Carolina Maria de Jesus



Fonte: Imagem da autora (2023).

A escrita acima, trata da versão mais real possível deste termo de seis letrinhas que se avalia merecer um lugar de centro nesta sala de aula chamada “cotidiano” e não à margem, aos cantos ou no famoso “fundão”, lugar dos esquecidos e oprimidos, os alunos que geralmente ficam segregados nas salas de carteiras enfileiradas dos depósitos escolares. Carolina Maria de Jesus, ainda complementa seu pensamento trazendo outras associações importantes para o tema, quando tratado dentro do cotidiano de trabalho da assistente social, conforme segue:

Imagem 30 - Escrevivência da participante Carolina Maria de Jesus



Fonte: Imagem da autora (2023).

Mas, interrompa-se agora para um aviso importante antes de continuar este capítulo: não será tarefa fácil a definição de um significado para o uso desta palavra tão potente de significações em uma reflexão de tão poucas páginas. No caso, será preciso muita imaginação criativa.

Assim, parte-se agora para um convite com este objetivo (o de movimentar a imaginação) mediante uma outra impiedosa interrogação: o que lhes vêm à mente quando ouvida ou lida a palavra poesia?

Faça-se, inicialmente, a prática, por um tempo, de tentar associá-la a imaginações mais profundas que vem à mente. Realizar juntos é preciso pois trata-se de uma tarefa bastante difícil, logo de cara, remeter se às cenas do cotidiano profissional, seja ele de que campo for.

Assim, questiona-se: serão imagens de belos campos, palavras bonitas, flores, pessoas de belas de antigas vestes dos tempos dos trovadores, com lagos, barquinhos passeando em tardes ensolaradas contendo casais apaixonados debaixo de guarda-chuvas de bordas rendadas, o que está pintado no quadro que aparece à mente quando a imaginação se associa a palavra poesia?

Quiçá a imagem de uma caneta de pena pousada em folha de papel amarelado, desgastado do tempo ao lado de um candelabro em uma iluminação romântica usada em épocas medievais? Talvez, até a silhueta de Camões, o dono de muitas de nossas referências, o grande criador da obra “Os Lusíadas”, pessoas que personificam o ato da poesia, palavra que geralmente se entende também a imagem do poeta. Pois bem, estas são as imagens que se pode inicialmente trazer nas memórias de forma mais comum, literal.

Mas, e se a imaginação agora partisse para cena de um quadro com a pintura do real cotidiano profissional da assistente social , com pinceladas de aquarela contendo as cores do dia, numa sala de atendimento institucional, os corpos de famílias em convívio, pessoas de diversas faixas e segmentos se comunicando, expressando suas frases com seus gestos, entonações, sons e sotaques? Alguns até com rimas, não é mesmo? Ouve-se, no dia a dia, vozes cantaroladas nos ambientes, inclusive.

No quadro trazido pela assistente social Maria Carolina de Jesus, há a exata descrição das cenas que permeiam seu cotidiano profissional com muitos detalhes como pode-se ler em sua escrita:

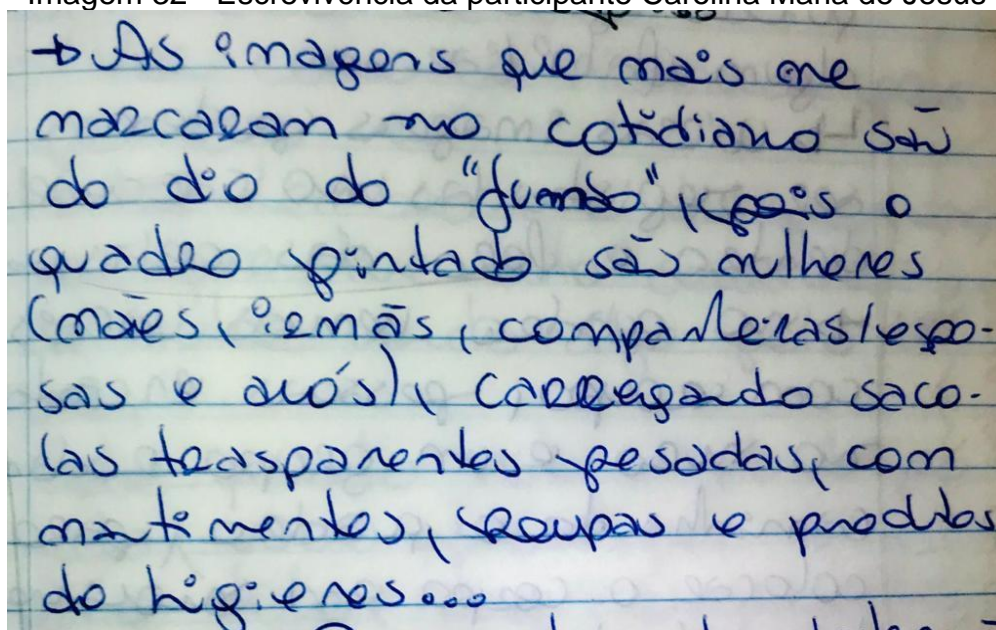
Imagem 31 - Escrivência da participante Carolina Maria de Jesus

↳ várias imagens podem
 ser registradas no carcere,
 dentro e fora das celas...
 ↳ no pátio vemos várias
 com corpo, pessoas encostadas
 no muro e um grupo rodando
 caminhando e pátio, para
 colocar o corpo em movimento
 depois de horas na cela com
 dezenas de pessoas...
 ↳ o caminhar em fileiras, de
 cabeça baixa, braços para trás,
 pátio caminham para além
 do pátio...
 ↳ várias pátios podem ser
 pintados no carcere...

Fonte: Imagem da autora (2023).

Ela ainda finaliza suas reflexões sobre estes “quadros de pinturas do cotidiano” trazendo as que mais lhe marcam os olhos, em uma escrita preenchida de detalhes e de profunda generosidade ao compartilhar, conforme pode-se ler na seguinte foto:

Imagem 32 - Escrivência da participante Carolina Maria de Jesus



Fonte: Imagem da autora (2023).

Desta forma, é só pescar na memória, alguém de características marcadas, que se tenha convivência no cotidiano, seja um parceiro de trabalho, seja alguém que está há tempos em acompanhamento social. De certo, logo aparecerá a mente, a figura de alguém, a caricatura de um personagem, ou vários, os quais nos afeiçoam e estranham-se, inclusive quando esta pessoa, por um acaso, não aparece para dar um “oi” na extensa e cansativa rotina da semana de trabalho.

Estão acima, neste segundo ponto, as significações da palavra poesia as quais pretende-se associar nesta dissertação. São expressões que nascem das pessoas e dos ambientes em suas diversas “formas poéticas”. Alguns com gritos de protestos, histórias insuportavelmente tristes com frases duras de ouvir durante um atendimento de longos, intermináveis e, por vezes, angustiantes minutos.

E, no meio da contemplação deste quadro, fica a pergunta: Será que a poesia precisa de palavras, sejam elas escritas ou faladas? Ser exposta em versos, estrofes, belas imagens antigas ou somente concetizar-se através de declamações?

A assistente social Clarice Lispector contribui com sua escrita potente trazendo o que entende sobre o uso da poesia para tornar o ambiente mais leve com grandes recomendações, inclusive para outras profissões, conforme as fotos a seguir:

Imagem 33 - Escrivência da participante Clarice Lispector

Outra forma que eu tento inserir no meu dia a dia é colocando elementos, físicos mesmo, objetos, nos lugares em que eu já trabalhei, um quadrinho com uma frase, uma imagem, fazer um ambiente que inspira o estado de poesia faz diferença, traz um pouco mais de leveza para o dia a dia, pois as dificuldades são tantas, de repente parar e olhar uma imagem, uma frase, uma cor que ajuda a acalmar, faz muita diferença. Pois é o que eu recomendo para qualquer pessoa em qualquer profissão, recomendo fortemente: criar um ambiente poético para você.

Fonte: Imagem da autora (2023).

Inspirando-se nas escritas acima e continuando na proposta de exercícios imaginários, passa-se agora a refletir sobre vários modos poéticos que aparecem nas cenas mais comuns da rotina profissional: os corpos e sua intensa importância na manifestação das expressões dos seres conviventes. O sorriso das crianças, seus olhares curiosos aos objetos em cima das mesas de atendimento. Idosos em seus momentos emotivos de resgate de lembranças durante o contar de belas histórias guardadas lá no fundo do peito. E o olhar marejado de esperança e alívio mediante a

notícia do acesso a um direito daquela mulher, personificada na figura de uma mãe solo em sua luta pelo acesso à renda mínima, a casa própria ou algum outro benefício social?

Outras manifestações de lugar poético ocorrem à mente quando se parte para visualização das ações coletivas dos cotidianos das assistentes sociais. Percebe-se que são ricos momentos em que estas profissionais utilizam-se do instrumento de trabalho denominado reunião junto à técnica de sua atuação. Nele, depara-se com pessoas que se agrupam, às vezes, em círculos democráticos os quais nunca puderam estar antes em vossos convívios familiares e sociais onde a sociedade impõe hierarquias corporais opressoras. E isto é, de fato, algo libertador para muitas delas.

Seguindo na proposta do ,exercício de imaginação criativa, parte-se agora para um belo grupo, uma roda de conversa e de convivência para que se fortaleçam os vínculos entre estes seres. Percebe-se que as mentes imaginam, logo, pessoas que se manifestam de forma igualitária: ninguém à frente, ninguém atrás. Pode-se inclusive, criar na mente, uma sala de aula e a intervenção de uma professora de serviço social a um grupo de estudantes. Por que não? É fato que esta profissional, não deixa de ser assistente social durante este ofício, portanto, é assistente social e, também, professora.

É fato também que, as ações coletivas são um dos desafios mais belos e de importante significado no cotidiano desta profissional pois, trata-se do trabalho considerado de forte contribuição para efetivas práticas sociais. Assim, a formação de rodas, a facilitação de processos de fala emancipados em espaços com propostas de cunho coletivo e com a participação igualitária dos presentes, nada têm de tarefa fácil. Mas, atém-se na beleza da transformação que já se impõe nestes espaços de coletivos. São círculos que se manifestam de diversas formas durante o trabalho, com seus risos coletivos, choros desenfreadamente agregadores, momentos emocionantes do partilhar de histórias, memórias, trocas de informações, experiências, decisões sobre a vida que se manifesta no território, são saberes coletivos e vivências tão ricas compartilhadas ali, no palco do cotidiano em que a assistente social é parte integrante em tais ricos momentos.

A participante Clarisse traz, em sua significativa e profunda escrita, um aspecto muito importante, o da “relação de igualdade” que ela entende ser produzida a partir

das ações coletivas. Seguem, duas fotos as quais pode-se ler seu pensamento sobre o tema:

Imagem 34 - Escrevivência da participante Clarice Lispector

Mas eu quero falar também
 de outros atendimentos, quero falar
 de atendimentos coletivos, de momentos
 em que elas se reconhecem nas
 parcerias de territórios, em que as
 conversas fluem de forma natural,
 dos momentos em que eu vou com
 este grupo de territórios, entramos
 no ônibus juntas e seguimos em
 relação de igualdade para um
 passeio em um parque, para
 um curso ou para as conferências.

Fonte: Imagem da autora (2023).

Percebe-se não ser mais preciso a descrição de cenas em que a poesia se torna concreta em nossos ambientes de trabalho. A emoção aflora na medida do desenrolar da própria leitura onde se é convidado a sair de onde se está e deixar a imaginação ir para os diversos ambientes de trabalho, logo que se recorda de alguma situação familiar.

Clarice Lispector, é quem evidencia tal emoção que aflora a partir destes momentos que viveu junto a coletivos em seu ambiente de trabalho e afirma em suas escrevivências expostas nas fotografias que seguem:

Imagem 35 - Escrivência da participante Clarice Lispector

Estes momentos foram cruciais para estabelecermos a relação de confiança, para que eu também me mostrasse vulnerável e com as minhas vulnerabilidades expostas elas se sentissem à vontade para me indicar um chá, um banho, perguntar sobre a minha família e por que não me atender nas especialidades delas?

E esta relação de confiança era muito importante para que eu pudesse trabalhar com elas os conceitos de autonomia, violência

Fonte: Imagem da autora (2023).

Imagem 36 - Escrivência da participante Clarice Lispector (continuação...)

e outras várias coisas que seacompanhamento familiar compreende. Isso falou também sobre as conversas informais - mas de grande poesia - no dia a dia trabalhando no território. Porque quando a gente está no território a gente utiliza os serviços como a padaria, o mercadinho, e claro que na fila de compra a gente vai encontrar a mãe com o bebê que nasceu e a gente só tinha visto o barrigão de grávida, vai conhecer o netinho que o papai falou no atendimento mas a gente ainda não conhecia. Claro que podemos ter muitos momentos de notícias tristes também neste encontro mas entendo que neste diálogo estamos falando de estados de poesia e como já falei aqui, o estado de poesia pra mim é o momento mágico da Clarice Lispector.

Fonte: Imagem da autora (2023).

Agora, aproveita-se para voltar a viagem imaginativa e criativa para propor um exercício inverso: o de voltar-se para a composição literária da palavra "Poesia".

Verifica-se que, nas primeiras descrições dos laguinhos e barcos feitas lá no início deste capítulo, muito comuns inclusive quando se trata de exercitar o resgate de referências imaginativas ao termo “poesia”, visualiza-se situações abstratas, bastante distante dos viveres concretos que se manifestam nos cotidianos das assistentes sociais.

Nestas primeiras imagens apresentadas, diferentes das segundas, geralmente você leitora, coloca-se ou aparece-se como “não parte” do quadro. Comumente, você quem está lendo este breve capítulo atrevido a poético não se imagina dentro do barquinho a navegar no lago de águas límpidas no entardecer ensolarado de Veneza, mas, fora dele, completamente. Desta forma, se coloca no rol de pessoas contemplativas de cena vividas por outros, tornando-se mero espectador da perfeição mundana em nossas mais belas imaginações e expectativas sobre essa palavra tão potente, a “poesia”, enquanto apenas a tradução de algo belo, mágico, por vezes trágico, e, até sagrados para alguns, ou, profano para outros. O fato é que se costuma colocar a poesia em um lugar intocável, disponível apenas aos de “dom” ou afortunados recebedores natos das famosas inspirações poéticas, o poeta.

Tudo isso se contrasta muito às segundas descrições e associações a palavra poesia onde procurou-se manifestar momentos de intenso cotidiano de trabalho e as poéticas expressões que nascem das relações sociais que as pessoas estabelecem enquanto sujeitas, umas na convivência real com as outras, seja das assistentes sociais com seus atendidos, seja nas relações que mantêm em seus espaços com os demais trabalhadores, com a comunidade em geral ou a equipe de trabalho, conforme lemos nas escrituras de Carolina Maria de Jesus e Clarice Lispector que nos revelam seus conhecimentos sobre este tema.

Pois bem, passado os exercícios ilustrativos e imaginativos, é evidente que a palavra poesia aqui mencionada no título “O lugar da poesia no cotidiano das profissionais assistentes sociais Maria Carolina de Jesus e Clarice Lispector”, se trata muito mais da forma, do seu “estado”, que é repleto de conteúdos e significados, para além da composição literária que lhe é imposta. No presente capítulo, atém-se a poesia como algo que:

...nos ajuda a conviver com nossa interioridade, não como forma de isolamento nem como repúdio à realidade de fora, mas como experiência decisiva, que conduz a sintonia com o mundo ao redor. Com sua ajuda, podemos aprender a *ver como se víssemos pela primeira vez* a fim de repor

em circulação a imaginação e o mito, mas de tal modo que isso não nos leve a perder de vista a realidade pedestre ou terra firme onde nos situamos (Moisés, 2019, p. 121, grifo do autor).

Com esta citação do escritor e poeta Moisés, finaliza-se o primeiro item deste capítulo, trazendo uma abertura para o assunto proposto e a menção daquilo de que, de fato, não se pretende dizer quando se traz a reflexão sobre o lugar ocupante da poesia no trabalho das assistentes sociais.

Estas, não serão convidadas a sentar-se em “pedras do pensamento”, como poetas soltas na natureza a expressar poemas no cotidiano de trabalho. Mas, talvez, poderão ater-se a forma de manifestação desta arte para além do papel. Abrir seus olhos para as cores dos olhos de quem está à sua frente e seus ouvidos a belos sons que trazem os seres com quem convivem para além da tarefa profissional de escutá-los e reproduzi-los em diários mortos ou na composição de secos relatórios técnicos.

E é este lugar (que se sabe não ser somente um, mas, vários) que será trazido no item a ser exposto antes de se concluir as reflexões que farão jus a intencional afirmação que gera o título do presente capítulo.

4.2 O melhor lugar onde “ela” possa estar é nos olhos daqueles que irão nos ver, nos ouvidos daqueles que nos irão escutar

Qual é o melhor lugar a ser ocupado por alguém, alguma coisa ou algo que não se manifeste no concreto como a poesia, no formato que aqui defende-se? Veja-se que a cada passo deste capítulo, amplia-se o rol de perguntas complexas e maior impõe-se o desafio das respostas.

Ousa-se aqui expressar que a poesia merece, então, dentro do cotidiano profissional em seus diversos ambientes e nas mais variadas funções e papéis que a assistente social desenvolve, estar no seu interior, do lado de dentro do peito da própria profissional.

Nos pontos aqui expostos, afirmar-se-á que ela deve ocupar o lugar dos olhos, ouvidos e enfim, do próprio estado desta profissional assistente social em seu cotidiano profissional.

Mas, antes de aprofundar-se em cada ponto, é necessário apontar que, de forma geral, a intenção deste item é trazer à tona, uma reflexão sobre o desenvolvimento, as possibilidades de expansão das habilidades das profissionais em

seus espaços, em seus relacionamentos interpessoais, no seu afetar-se em sua prática cotidiana marcada pela dimensão técnico operativa.

Ao falar do olhar sensível e do escutar profundo da assistente social, através de lentes poéticas, trata-se de trazer à tona, o desafio que esta técnica possui enquanto sujeita a afetar-se pelo outro. Avalia-se sobre debater a forma como acolhemos os sofrimentos humanos porque são, minimamente, nossos e a maneira como diminuimos as barreiras existentes em nossas relações bem como a beleza de nos tornarmos, enfim, sujeitas em conjunto no processo de emancipação e transformação societária.

4.3 “Quando a luz dos olhos meus e a luz dos olhos seus resolvem se encontrar.” (Vinícius de Moraes)

Assim, parte-se agora para a colocação da poesia em um lugar muito especial que utilizamos em nossa rotina o qual denomina-se “olhar”. Sim, algo tão particularizado, individual e dotado de subjetividades, é o que poderão pensar ao ler isso.

Mas, defende-se aqui que os “olhos” ou “o olhar” são um lugar que deveriam estar diretamente tomados pela poesia, pois esta é um aporte que lhe trará a possibilidade inesgotável de um “olhar sempre ao novo”.

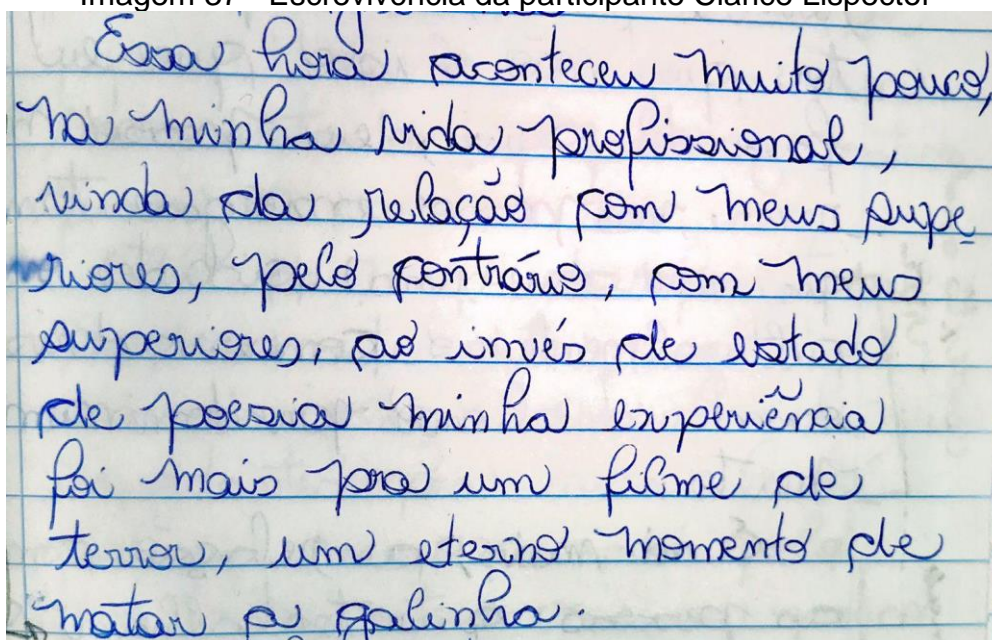
Percebe-se que, atualmente, estão demasiadamente cansadas as vistas das profissionais desta área. Estão, de fato, prejudicadas pelas inevitáveis imagens da crise social que lhes acompanha o cotidiano em seus diversos aspectos e manifestações mais duras. Então, pode-se dizer que, muitas vezes, o cotidiano profissional é marcado por uma sensação de olhos com visões minimamente embasadas, embaralhadas. Enxerga-se, muitas vezes, visões inclusive distorcidas pois não é tarefa simples, nem ao menos fácil, o contato diário com as mazelas da questão social apresentadas no dia a dia.

A assistente social é uma profissional que está na linha de frente onde se manifestam as expressões da questão social marcadas pela imperante desigualdade entre as classes, o abominável racismo que oprime nossos povos em suas raças, sem citar as questões de gênero a que muitas profissionais tendem pressionar suas vistas a ficarem abertas a não incorrer na tentação de fechar seus olhos pois, nestes

enfrentamentos, ela também é humana, não deixa de ocupar espaço no mundo de tais opressões e tristezas a que tem como objeto diário de seu próprio exercício profissional cotidiano.

A assistente social Clarice Lispector, compartilha em escrita, tristes situações que passou em sua vida profissional. São momentos de opressões ligados às relações estabelecidas entre as chefias a quem teve contato em seus ambientes de trabalho, como podemos ler na seguinte escrevivência, onde ela revela que o estado da poesia aconteceu poucas vezes em suas vivências profissionais:

Imagem 37 - Escrevivência da participante Clarice Lispector



Essa hora aconteceu muito pouco, na minha vida profissional, vindo da relação com meus superiores, pelo contrário, com meus superiores, ao invés de estado de poesia minha experiência foi mais pra um filme de terror, um eterno momento de matar a galinha.

Fonte: Imagem da autora (2023).

Ela também escreve sobre este “não estado de poesia”, quando reflete sobre as relações com seus próprios colegas de profissão, conforme as palavras escritas que poderão ser lidas nas seguintes fotografias:

Imagem 38 - Escrivência da participante Clarice Lispector

Via falar bem a verdade
minha relação com os companheiros
de profissão também me trouxeram
muito pouco estado de poesia,
infelizmente a profissão que
tem como base a coletividade,
as emancipações, a liberdade,
não alcançou nada disso em
termos profissionais, de conquista
de resistência, aqui onde eu
trabalho. Claro que colocou
a culpa no coletivo sem me

Fonte: Imagem da autora (2023).

Imagem 39 - Escrevivência da participante Clarice Lispector (continuação...)

rever é fácil, mas posso garantir que não é isso que eu estou fazendo aqui, eu posso me rever, mas posso emergir também que vivo em uma cidade onde culturalmente é conservadorismo, e individualismo predominam muito.

É no mais, a relação com as pessoas que trabalham com a gente reflete muito sobre o funcionamento geral da instituição a gestão e tudo o que esta complexa rede do poder público envolve. Enfim, a relação com a gestão não vai me gerar um momento Clarice Lispector.

Fonte: Imagem da autora (2023).

Percebe-se que, ao passar dos anos, no chão deste cotidiano massificado de dor e de opressão, muitas parecem fechar ou manter o mesmo olhar diante de situações que visualizam como “comuns” nos espaços socioassistenciais. São muitos os olhares que naturalizam as situações e as colocam em um lugar comum. Trata-se de um “vício ocular” de realizar “caixinhas” as quais são abertas quando olhamos para processos como a fome, a ausência de renda mínima, de acesso à educação, a saúde, a situações de violência intrafamiliar ou doméstica entre tantas outras formas e manifestações da questão social as quais são trazidas rotineiramente pelas pessoas de forma ampla em nosso cotidiano.

Usa-se a metáfora de “caixas” para se refletir sobre verdadeiros processos de encaixotamento dos montantes de pessoas ou famílias a que a profissional identifica em seu olhar, como tendo o mesmo perfil de demandas. E este é um dos exemplos, entre outras situações, em que o olhar se torna viciado e perde a direção do trabalho profissional em aspectos rotineiros, com interpretações que, muitas vezes, se distorcem da realidade.

Está aí uma triste situação em que as “pressões” internas, aquelas sim, muito mais valiosas e importantes, no sentido de estarem sendo trazidas internamente por cada um que lhes procura em seus casos particulares, são, muitas vezes, negadas e descartadas em suas singularidades e particularidades.

Acreditem: a poesia trata-se de um recurso. É como um colírio que se pode somar para ensinar enxergar além do que está posto no nosso cotidiano quando colocada no lugar de nossos olhos.

Mas, como? Deve-se indagar de pronto.

Uma das possíveis e inúmeras respostas poderá ser: como algo que possa trazer uma forma de olhar sensível e aberto a tais unicidades do outro, processo de extrema valia para que se possa refletir, inclusive sobre os processos de enfrentamento das mazelas que o atingem em conjunto ao mesmo.

Em sua escrevivência sobre seu entendimento quanto a este estado poético ocupante de nossos olhares, a assistente social Clarice traz o seu olhar e o seu conhecimento, associando poeticamente este tema a um conto da autora e escritora Clarisse Lispector como ela mesma explica:

Imagem 40 - Escrivivência da participante Clarice Lispector

Quando eu era adolecente
 eu conheci a escrita da
 Clarice, ela me afetava desta
 forma, eu me lembro do conto
 da galinha, mas sei o nome dele
 pra falar agora, a família
 cria uma galinha e depois
 fica sem coragem de comer, via
 aquela polêmica, mas depois de
 um tempo comem a galinha e
 a vida segue normal.

Esse foi só um exemplo, por
 causa dessa e de outros contos
 assim, quando alguma coisa
 me dá que sai pra rotina e depois
 volta, eu me sinto neste estado
 aí, de talvez uma euforia, felicida-
 de e depois volta, tem a
 vida normal; é hora de

Fonte: Imagem da autora (2023).

Em um debate que faz entre as práticas pedagógicas rotineiras e o uso da poesia, como item de intenso valor a ser reconhecido em seus poderosos papéis sociais, o autor Moisés aponta para a questão da seguinte forma:

... a poesia, que igualmente não é uma ciência, também ensina a ver, mas a ver o quê? Nada específico, nada adstrito a nenhum ramo do saber. A poesia, a bem dizer, não ensina a ver nada; ou então, o que daria no mesmo, ensina a ver tudo. O que a poesia ensina é apenas um *modo de ver* (Moisés, 2019, p.18, grifo do autor).

Tal modo de ver, como defende aqui o escritor e poeta, ensinado pela poesia, faz com que se possa olhar para o algo visto, como se nunca o tivesse sido visto antes, inclusive com a possibilidade de ver a mesma coisa sempre com olhos de novidade.

Contudo, para isso, é preciso despir-se da ideia de “conhecer amplamente” pois a poesia também pede a negação do conhecimento no sentido de que é necessário

estar aberto ao novo, desprovido do lugar do saber estático e se manter na perspectiva de um movimento que é constante:

‘Ver como se víssemos pela primeira vez’ só faz sentido para além ou aquém das práticas pedagógicas de rotina, evidentemente, caso se aplique ao já visto, ou ao já conhecido, a fim de que este seja percebido *como se desconhecido fosse*. O modo de ver ensinado pela poesia pede a negação, ao menos provisória, do conhecimento enquanto resultado, a fim de privilegiar o próprio ato de conhecer, entendido como disponibilidade como ato a ser reencetado *ab ovo*, incansavelmente, a cada objeto (ou coisa ou ideia) com que nos deparamos. Se formos capazes de aprender a lição da poesia, não haverá mais objetos verdadeiramente conhecidos: todos serão novos e desconhecidos, à procura do seu lugar na árvore do saber (Moisés, 2019, p. 23).

Como exemplo, a assistente social Carolina Maria de Jesus compartilha uma escrivência sobre como conseguiu olhar para uma palavra recorrente em seu cotidiano de trabalho e ressignificá-la, pensá-la de uma forma como nunca antes havia pensado:

Imagem 41 - Escrivivência da participante Carolina Maria de Jesus

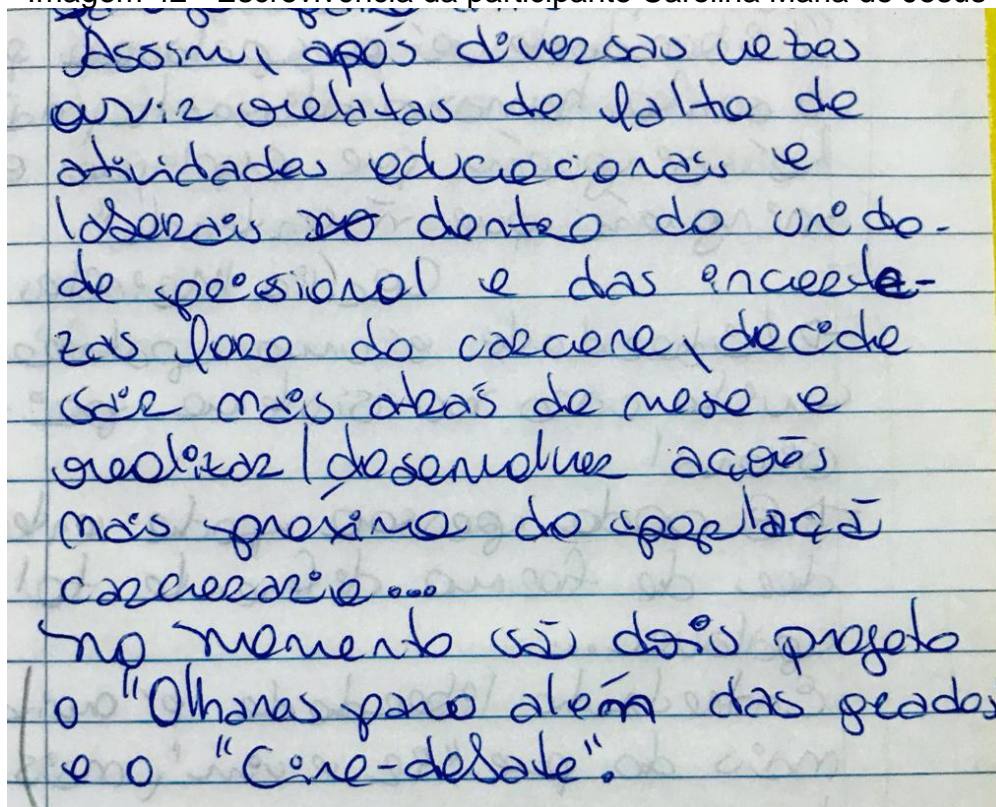
→ O Olhar
 "A palavra ensina e é apenas um modo de vez"
 "Vez como se vissemos pelo primeiro vez"
 Lembra-me do primeiro vez que tive esta sensação de estar vendo algo pelo 1º vez.
 Sabe quando está ali, o tempo todo, você passa por ele, fala dele, mas não percebe o seu verdadeiro significado e sentido.
 É algo pequeno, mas muito significativo para mim até hoje.
 Foi com a palavra "Penitenciária", tido e repetido diversas vezes, ao ser tido logo me levava ao estabelecimento fechado, ao prédio, ao cárcere...
 Até que um dia a palavra me bateu forte, quase como um soco...
 PENITENCIÁRIA
 PENITENCIA
 Penitências? Penitência??
 Espere, para...
 Penitenciária é um estabelecimento de penitência...
 como não tinha percebido esse apelo,
 Penitência: são atos religiosos, genuíno e imposta para expiar o mal cometido...
 Arrependeu-se, se arrependeu
 → Ideias e conceitos religiosos do período medieval, presente até hoje em política geral do Brasil...

Fonte: Imagem da autora (2023).

Portanto, a poesia é algo que auxilia a abrir os olhos para enxergar as coisas, palavras, pessoas, lugares e muitas situações em suas inúmeras potencialidades, forças, habilidades, possibilidades. Isso poderá auxiliar em tais processos de trabalho, a não resumir as pessoas às demandas sociais apresentadas por elas. É olhar para o outro pelo olhar do outro, validando-o e reconhecendo-o através de seu olhar, seu jeito, seus modos, sua personalidade, seu gênero, raça, classe, suas características e especificidades que o tornam único e possuidor de uma história que é singular e que está materializada em sua frente à espera de acolhimento.

Mais uma vez, podemos contar com a assistente social Carolina de Jesus que compartilha generosamente em escrita, um novo olhar às demandas sempre vistas ou ouvidas em seu ambiente de trabalho que contará agora com novos projetos os quais está desenvolvendo no momento:

Imagem 42 - Escrivência da participante Carolina Maria de Jesus



Assim, após diversas vezes
curtiz grevistas de falta de
atividades educacionais e
laborais no dentro do unido-
de profissional e das encosta-
zas fora do carcere, decide
ser mais ativas de modo e
realizar / desenvolver ações
mais próximas do população
carcerearia...
no momento são dois projetos
o "Olharas para além das grades"
e o "Cine-debate".

Fonte: Imagem da autora (2023).

Esta escrita impulsiona a buscar para novas estratégias, traçar novas rotas e alternativas como ensina a poesia de um grande mestre que, de tanta grandeza,

possui em seu nome próprio, a riqueza de ser, simplesmente, uma mais pura e bela “pessoa”:

O meu olhar é nítido como um girassol.
 Tenho o costume de andar pelas estradas
 Olhando para a direita e para a esquerda,
 E de vez em quando olhando para trás...
 E o que vejo a cada momento
 É aquilo que nunca antes eu tinha visto,
 E eu sei dar por isso muito bem...
 Sei ter o pasmo essencial
 Que tem uma criança se, ao nascer,
 Reparasse que nascera deveras...
 Sinto-me nascido a cada momento
 Para a eterna novidade do Mundo...
 (Pessoa, 1958, p. 22).

Assim, a poesia acima, ocupante do lugar das mãos do poeta Fernando Pessoa, pode ampliar a visão para o uso da poesia para que os olhares se renovem às novas possibilidades de sistematização, encaminhamentos, enfrentamentos em conjunto das situações que surgem nos cotidianos de cada caso, auxiliando a concretização de novas saídas que dependem das formas como tais situações se manifestam e são enfrentadas pelos olhares únicos, singulares e poéticos das assistentes sociais em seu dia a dia.

4.4 “Ouve-me, ouve o meu silêncio. O que falo nunca é o que falo e sim outra coisa.” (Clarice Lispector)

Abre-se este item com uma das mais belas frases de muitas das passagens registradas no livro “Água Viva”, escrito por Clarice Lispector, grande personalidade poética quando se trata do caminho de escrever sobre o que se manifesta oculto, interno, bem “escondidinho” ou “do lado de dentro”. Repete-se então em sua completude, este pequeno trecho para trazer à tona o assunto deste próximo item. Vejam que, em continuidade a frase acima, a autora nos revela, seu exato pedido, sua tenra necessidade quando pede para ser ouvida:

Ouve-me, ouve o meu silêncio. O que falo nunca é o que falo e sim outra coisa. Quando digo ‘águas abundantes’ estou falando da força de corpos nas águas do mundo. Capta essa outra coisa de que na verdade falo porque eu mesma não posso. Lê a energia que está no meu silêncio. Ah, tenho medo de Deus e do meu silêncio (Lispector, 1973, p. 33).

Trata-se de trazer algumas reflexões sobre um “ouvir” a ser desenvolvido pela assistente social onde a poesia possa servir de apoio ao escutar o que, geralmente, não se é dito.

Mas, como fazer isso?

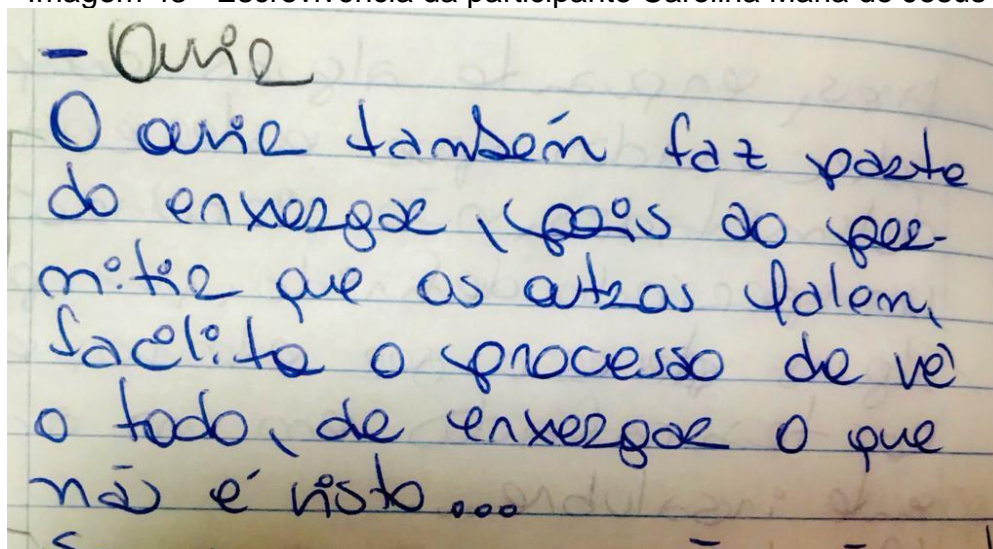
Rubem Alves, é um autor que expressa de forma leve e poética, a necessidade de aprimoramento dessa escuta e propõe a realização de um novo curso que seria ministrado, inclusive, por ele mesmo. Antes da leitura da citação alongada, porém graciosa, pergunta-se: será que a assistente social deveria se matricular nesta nova proposta do curso proposto por ele?

Sempre vejo anunciados cursos de oratória. Nunca vi anunciado curso de escutatória. Todo mundo quer aprender a falar... Ninguém quer aprender a ouvir. Pensei em oferecer um curso de escutatória, mas acho que ninguém vai se matricular. Escutar é complicado e sutil. Diz Alberto Caeiro que... Não é bastante não ser cego para ver as árvores e as flores. É preciso também não ter filosofia nenhuma. Filosofia é um monte de ideias, dentro da cabeça, sobre como são as coisas. Para se ver, é preciso que a cabeça esteja vazia. Parafrazeio o Alberto Caeiro: Não é bastante ter ouvidos para ouvir o que é dito. É preciso também que haja silêncio dentro da alma. Daí a dificuldade: A gente não aguenta ouvir o que o outro diz sem logo dar um palpite melhor... Sem misturar o que ele diz com aquilo que a gente tem a dizer. Como se aquilo que ele diz não fosse digno de descansada consideração... E precisasse ser complementado por aquilo que a gente tem a dizer, que é muito melhor. Nossa incapacidade de ouvir é a manifestação mais constante e sutil de nossa arrogância e vaidade (Alves, 1999, p. 65).

Acima está expressa de uma forma bonita, a poesia do saber ouvir. Ao finalizar tal texto tão cheio de originalidade, o professor-poeta ainda arremata, explicando sobre a beleza contida neste ato: “Daí a importância de saber ouvir os outros: A beleza mora lá também. Comunhão é quando a beleza do outro e a beleza da gente se juntam num contraponto” (Alves, 1999, p. 65).

Em sua valiosa escrita, a técnica Carolina Maria de Jesus é quem traz uma reflexão sobre a ligação entre ouvir e do olhar, em uma junção poderosa, em que afirma:

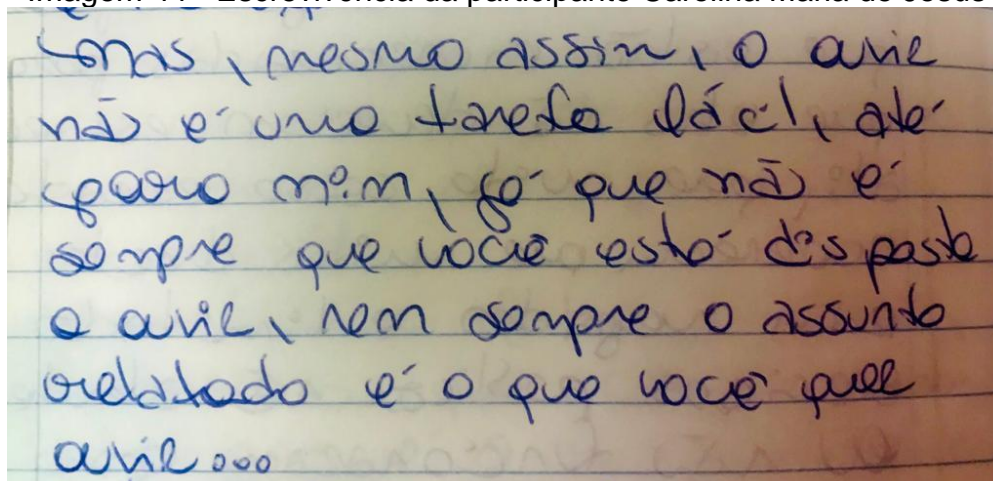
Imagem 43 - Escrivivência da participante Carolina Maria de Jesus



Fonte: Imagem da autora (2023).

Mas, a participante alerta que este “ouvir para enxergar o que não e vê”, nem sempre é tarefa fácil, simples de ser feito no cotidiano, conforme traz em outro parágrafo de seu diário de itinerância:

Imagem 44 - Escrivivência da participante Carolina Maria de Jesus



Fonte: Imagem da autora (2023).

Ouvir. Apenas ouvir, sem avaliar, julgar, traduzir. Atentar-se aos seres que perpassam, atravessam as longas jornadas de trabalho da assistente social, percebendo os significados que estão, na maioria das vezes, muito além daqueles que expressam em palavras, as pessoas.

Ao colocar a poesia no interior dos ouvidos, ela ocupa o lugar deste órgão, por vezes, já viciado aos sons cotidianamente evocados e poderá trazer uma audição de profunda confiança em que a assistente social poderá facilitar processos de encontro de saídas, do ecoar de possibilidades e soluções a que as próprias pessoas poderão escutar, inclusive, de si mesmas, para muito além dos retornos da profissional. Pois, muitas são aquelas que não possuem alguém ou um espaço seguro para manifestar suas dores, suas alegrias, suas angústias a não ser ali, nas salas de atendimento e nos demais espaços institucionais.

Assim, a poesia ensinará a ouvir seus corpos, coisa que, para muito além de emitir palavras, também falam, se expressam através de sons, barulhos, pequenos ruídos de prantos abafados, gargalhadas desenfreadas, risos desconcertados de alegrias, ou até mesmo, o profundo silêncio que também pode-se acolher na poética capacidade de ouvir.

A Professora Laurinda Ramalho, educadora ímpar do programa de pós-graduação em Educação “Formação do Formador” da Universidade Pontifícia de São Paulo é quem ensina sobre o “ouvir ativo” enquanto uma habilidade a ser desenvolvida nos relacionamentos interpessoais, com foco na relação do professor em sala de aula e seus alunos, um debate muito rico e digno de ser trazido para as cenas do dia a dia das assistentes sociais dentro das relações sociais que estabelecem em seu ambiente de trabalho:

Então, o ouvir ativo é captar o que está por trás da fala. É ouvir não só a fala, mas o que o corpo está revelando (porque o corpo também fala). É captar o que está envolvido na mensagem, na fala, especialmente os sentimentos presentes naquela dada situação (Almeida, 2017, p. 35).

Em seus ensinamentos direcionados a instruir professores quanto aos acertos e desacertos que estes cometem quando estão em relacionamento, a educadora expressa uma lição de suma importância, a qual facilmente pode-se apropriar nesta profissão da assistente social para o bom funcionamento dos ouvidos como corações abertos a quem chega para confiar suas histórias, suas necessidades mais íntimas.

Finalmente, ouvir aquilo não é uma mágica, algo que o professor tira do chapéu. É um método específico para colocar em prática um conjunto de atitudes com relação ao aluno, a seus problemas e a seu papel como facilitador. É uma habilidade a ser aprendida como muitas outras (Almeida, 2017, p. 36).

Portanto, avalia-se a poesia como algo que possa auxiliar neste aprendizado contínuo do ouvir atento. E, para isto, é preciso também assumir um estado poético que implica estar em permanente ocupação da capacidade de ouvir. Um estado de vigília, de sensibilidade de atentar-se ao belo, ou ao trágico, mas de forma a encher-se de empatia pelo próximo.

É o que também ensina Bilac, quando em seu soneto, provoca a sensação de saber-se, às vezes, ouvir estrelas. E, se por vezes, o ser humano abre-se para a possibilidade de ser capaz disso, e de, inclusive, conversar com elas, as estrelas (ou outros seres, sejam inanimados ou animados, como os lindos animaizinhos da natureza ou até os domésticos que se cria nos lares). Desta forma, fica a pergunta: por que não se manter neste estado enquanto se está sentado em uma mesa de atendimento no cotidiano profissional?

Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso!"
E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto...
E conversamos toda a noite, enquanto
A via-láctea, como um pálio aberto,
Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,
Inda as procuro pelo céu deserto.
Dizeis agora: "Tresloucado amigo!
Que conversas com elas?
Que sentido Tem o que dizem, quando estão contigo?"
E eu vos direi: "Amai para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrelas
(Bilac, 2002, p. 42).

Portanto, o maior dos aspectos a sere considerado quando trazida a ideia de guardar lugar para poesia no cotidiano profissional, dentro do próprio olhar ou ouvidos é habilidade de se manter neste “estado poético”, neste estado potente do amar, do se afetar.

Ao discorrer sobre este “estado”, que ocorre no entrelaçamento entre poesia, amor e sabedoria, o centenário filósofo Edgar Morin (2005, p. 9), amplia para tal conceito, descrevendo este “como um estado segundo do ser que advém da participação, do fervor, da admiração, da comunhão, da embriaguez, da exaltação e, obviamente, do amor, que contém em si, todas as expressões desse estado”.

E resumo a suas conclusões que também visam o reconhecimento da poesia para além das expressões literárias comumente associadas ao termo, Morin reforça:

O objetivo que permanece fundamental na poesia, é o de nos colocar em um estado segundo, ou mais precisamente, fazer com que este estado segundo converta-se em um estado primeiro. O Fim da poesia é o de nos colocar em estado poético (Morin, 2005, p. 43).

E é com este “fim”, o fim da poesia, com seus vastos objetivos e serventias que se despede deste item, para enfim, dar espaço ao terceiro capítulo da presente dissertação que irá expor a escrevivência de uma pesquisadora em Serviço Social em seu estado permanente de emoção e poesia em seu dia a dia.

5 A ESCREVIVÊNCIA DE UMA TRAJETÓRIA ACADÊMICA POÉTICA

Digam ao povo brasileiro
Que o meu sonho era ser escritora,
Mas eu não tinha dinheiro
Pra pagar uma editora.
(Dantas, 1960, p. 5).

A decisão sobre a inserção deste terceiro capítulo na presente dissertação não foi tarefa fácil. Mas, pude compreender, ao final de todo este processo, como algo necessário já que minhas escrevivências cotidianas neste período como pesquisadora do curso de mestrado em Serviço Social da PUC-SP, sempre foi algo latente, pulsante manifestado e materializado em meu cotidiano.

Neste lugar, pude não somente escrever e declamar em espaços os quais ocupei de forma consciente e amorosa, mas sentir.

Sentir que a poesia, definitivamente, mediou meus caminhos e me possibilitou viver tal estado poético de amar em afeto e construir memórias que carregarei comigo para sempre.

Sentir que sou uma assistente social poeta: uma mulher escritora das dores e dos amores de sua vida estando dentro ou fora da profissão.

Sou também uma “arteira”, como costume dizer aos que me rotulam, invés de “artista”. Pois, entendo que a artista é quem de sua arte sobrevive, financeiramente. Eu, desde a pequenina atrevida, encapetada e faceira criança que fui e sou, nunca ganhei um real com tais artes. Então, me encanto com o termo “arteira”, pois para mim, ele traduz aquela pessoa que concretiza sua arte do dia a dia, sem receber absolutamente nada de valor financeiro pelo feito, sejam eles travessuras emocionalmente escritas como poemas, sejam eles histórias fantasticamente inventadas em pura ficção na fabricação de contos.

Assim, serão elas, minhas escrevivências que irei expor neste capítulo onde o texto, como vocês leitoras já puderam perceber, será escrito em primeira pessoa. Ato revolucionário de minha parte, pois fui alguém que, durante toda trajetória do curso, se propôs a enfrentar as amarras tradicionalmente impostas pela ciência quanto à escrita de textos acadêmico-científicos.

Enfrento deste modo, um desafio potencialmente arriscado: a junção de ciência e arte. É coisa que sempre fiz em minhas construções profissionais cotidianas ao longo de todos estes anos em que atuo como assistente social e que, naturalmente,

durante meus caminhos como pesquisadora de um tema que faz referência a arte da poesia como potente forma de mediação de processos cotidianos do trabalho em Serviço Social, não poderia deixar de ser diferente. Afinal, poderá a escrita de nossas histórias e de nossas memórias feitas através de caneta em papel nos tornar assistentes sociais poetas?

Mediante tal pergunta, me pego a refletir sobre tais memórias....

Memórias de quê? Memórias de quem? Minhas ou suas comigo? É o que me questiono ao ler a palavra “memória” e ao tentar definir – lhes logo um significado a contento nesta introdução de capítulo tão extensa. Seriam memórias de um tempo? De lugares? De pessoas, cheiros, sons, gostos? Memórias de histórias? Momentos que certamente possam estar guardados em algum lugar. Mas, onde? É o que me questiono neste breve início.

No cérebro, talvez, estariam guardadas as memórias já escritas durante todo este percurso de mestrado. No coração, aquelas vividas, mas ainda a revelar. Contudo, sinto que é em minha esperança, sentimento que não se materializa, o lugar mais sagrado onde guardo, de certo, minhas memórias mais preciosas. Aquelas que não foram ainda vividas, portanto, nem mesmo aqui poderão ser desveladas.

E, como me angustia não poder criá-las! Escrever histórias, criar personagens, situações futuras das mais interessantes e deliciosas de serem lidas ou ouvidas. Pois é de criação que sou feita. Mas, quem disse que não poderei? Se a escrevivência, como trouxe até aqui, deve contar com uma escrita livre, criativa, então, é essa tal liberdade que aproveito, pelo menos neste primeiro momento, para me apresentar. Quem sou? Prazer, eu sou uma flor do tempo:

Flor do tempo¹⁶
Sou menina rodeada de Flor
Me iludo com a graça das vincas e desejo o colorido de suas pétalas em
meus cabelos.
Sou jovem rodeada de Flor
Na janela da casa 14, rego as marias sem vergonhas que se reproduzem
aos olhos de minha alegria.
Sou mulher rodeada de Flor
A sentar em um pequeno jardim e escrever borboletas inspirada na
liberdade de suas asas.
Sou velhinha rodeada de Flor
Abro a porta e me encontro com a dor de uma mente cansada que se cura
com ajuda de caneta e papel.

¹⁶ Texto em poema “Flor do tempo” por Juliana Brito, escrito em 28 de janeiro de 2018.

Trago este poema para mostrar que será neste formato que apresentarei por aqui, tais memórias do curso de pós-graduação em serviço social da PUC- Pontifícia Universidade Católica. Uma trajetória poética que será apresentada em forma de escritos os quais venho criando aos montes, aos ventos, à minha solidão, aos meus amados, aos meus amores e aos meus ódios em meu cotidiano, desde que iniciei o curso de mestrado.

Memórias. Nem todas, nem tantas. Aqui, apresentarei 14 delas pois são exatos 14 meses desde o início do curso até a finalização de tais escrevivências que irão compor este último capítulo de dissertação.

Inspirada neste número tão emblemático que põe ordem nas estações da paixão vivida por Cristo Jesus, seguirei exatamente esta referência pois o caminho do mestrado tem sido uma via dolorosa: momentos de dor e alívio, deslumbramentos e frustrações, profundidade e superficialidade entre tantos outros sentidos e sentimentos que impulsionaram o meu viver durante este tempo.

É preciso revelar que, enquanto escrevo, me inspiro nas pinturas da obra violentamente pincelada por Cândido Portinari. Um revolucionário que me serviu de inspiração, pois se atrevia a pincelar quadros sociais de denúncia. Um dia, Portinari encarou pintar a via sacra com seu mais belo e puro olhar comunista. São obras que estão eternizadas nas paredes da Capela da Pampulha em Minas Gerais, como podem observar

Imagem 45 - Jesus carrega a cruz nas costas



Fonte: Acervo "Barroco Memória Viva" (2015). Disponível em: <http://acervodigital.unesp.br/handle/unesp/252261>. Acesso em: 17 jul. 2023.

É em sua obra que me apoio em inspiração e referência de criação e forma de organização de tais escrevivências. A admiração pela pintura de Portinari me auxiliou a dar corpo a este caminho de minhas memórias. Seus traços surreais, seus “Jesuses” e “Marias” rabiscados em cada quadro, sem rostos definidos, com suas mãos e pés enormes, revelam-me corpos reais que doíam no caminho da morte para ganhar a vida. E é seu expressionismo que me inspirou desde o início para a criação deste capítulo poético final.

Como não associar este caminho do mestrado a uma via dolorosa? Tudo tem sido um caminho da paixão que carrego em mim desde o começo até o fim.

Desta forma, a “Via Mestra” (o caminho da mestra ou do mestrado), a qual denominei o título de tais estações, irá conter escritos de meu trajeto em diversas formas e gêneros literários: contos, poemas, cartas, orações, receitas. Também contará com um lindo poema recebido pois, os afortunados que criam, felizmente, vez ou outra, recebem flores. Digo que sou uma arteira feliz pois não só escrevi até agora. Existiram pessoas que se aproximaram de mim com suas mais singelas palavras, marcando minha história dentro deste curso tão bonito.

Intercalando as escritas, contarei algumas histórias, revelando minha rota de julho de 2021, mês da entrada na pós-graduação, até o mês de setembro de 2022, momento da finalização deste capítulo, pouco antes de me qualificar. Ele foi escrito em exercício de pura práxis e no acreditar que existe função social na poesia bem como ela está presente nos caminhos do cotidiano do Serviço Social.

Mas, alerta desde já, que não seguirei uma ordem cronológica dos fatos, e sim, a ordem do sentimento de paixão que brota em mim. Procurei respeitar e manter os verbos originais mencionados a cada via da estação e são eles que revelarão, na maioria delas, este breve, porém intenso caminhar.

Ao final, haverá um novo item que apresentará a tão questionada e polêmica “décima quinta estação”. Na tradição das estações percorridas por Cristo e em sua história, trata-se de uma estação que não existe oficialmente. E é por isso que, aqui, ela será revelada, como uma linda surpresa as leitoras, pois foi algo que, incrivelmente e subversivamente, existiu e fez parte de meu caminho.

Sinto que tudo que escrevo está carregado de minha história de vida, meu passado, ações, meus pensamentos e minhas práticas nos insanos e diversificados papéis que desenvolvo ou desenvolvi no cotidiano como pesquisadora até aqui.

Sou a minha escrita. Ela é impregnada de mim, das subjetividades e objetividades que carrego e que procurarei transparecer ao máximo na escolha destes textos que me rasgaram as mãos e me secaram em folhas brancas de papel em noites frias, todas elas, sozinha e, ao mesmo tempo, junto de várias e vários seres que tenho em afeto ao meu redor.

5.1 As 14 estações da “Via mestra”

I ESTAÇÃO: Juliana é “condenada” ao mestrado na PUC -SP.

O Conto da manhã feliz

Foi naquela manhã fria do dia 06 de julho do ano de 2021, ao abrir sua caixa de e-mails que ela descobriu que, naquele dia, seria data de comemorar a felicidade, pois recebia um lindo informe com a notícia da entrada de uma “velha-nova” pessoa em sua vida. Seu corpo sentiu algo mágico pois, de pronto, era assim que traduzia aquela bela pessoa de cujo nome ao inverso, chamava-se Ângelo. Sim, era aquele ser de nome invertido a qual ela passaria a ter a honra e alegria de reencontrar daqui para a frente.

Seu rosto se aqueceu. Seus olhos se fechavam, se abriam e se recordavam daquela beleza guardada há tempos lá no fundo, dentro de seu próprio olhar. Ela era uma professora de sorrisos alargados que se estendiam em alegria a todos da sala de aula. E, agora, seria sua orientadora de mestrado. Um alguém que era canto, poesia, era a personificação da liberdade pura e do código de ética que ela brilhantemente ensinava e vivia de forma humana e acolhedora. Uma pessoa rara, preciosa e sem explicações possíveis ou atingíveis aos olhos humanos.

E era esse ser de nome profundo, complexo em suas 7 místicas e mensageiras letras que ela lia ali naquele informe, respirando ofegante. Releu várias vezes para ter a certeza de que aquilo estava certo e para tentar estender o sentimento repentino e feliz, desejosa de permanecer na mesma boa surpresa por horas, por dias, meses, anos. No fundo, as tais 7 letras lhe faziam recordar da sua própria classificação no

curso e toda luta que vinha travando em busca de mais conhecimentos e formação acadêmica. Estava claro que o número 7, com toda a sua potência de integração do mundo, o símbolo numérico da totalidade do universo e suas transformações, lhe traria algo de sorte, de intensa luz. Lembrou-se então de sua própria mãe, que havia lhe avisado orgulhosa semana antes ao saber daquele seu feito: “Parabéns pela colocação no mestrado, minha filha! E bem neste número, o 7?! Certamente, coisas muito boas acontecerão para você!”.

Olegna. Este era o seu nome. Único, singular. Só um nome seria capaz de movimentar suas cansadas mãos em busca desta felicidade de palavras escritas no papel.

E, deste nome, fez-se a felicidade daquela manhã. Ela sentia que permaneceria por muitas décadas agradecida por realmente reencontrar alguém que lhe chegasse como um anjo, um mensageiro de boas novas naquele momento. Alguém que lhe faria voltar a tempos de alívio, quando ela chegava ao final de tarde de um cansativo dia de trabalho ainda inspirada a escrever um conto de presente para alguém especial¹⁷.

Não! Confesso que eu não queria estudar na PUC-SP. E, a partir desta afirmativa, muitos vão questionar: Por que prestou a seleção? Conto que, na época, a atitude baseava-se em uma espécie de “treineiro para a entrada no mestrado”. Assim, prestei a seletiva da UEL-Universidade Estadual de Londrina e da PUC-SP. Não imaginava que o projeto passaria em alguma seletiva, quiçá nas duas, como ocorreu, pois, foi escrito em apenas 5 dias de uma semana muito corrida e de intensos tratamentos de minha saúde mental. Aquele feito, tratava-se de um “projeto fake” como carinhosamente gosto de chamá-lo. Na época, elaborei um projeto de pesquisa sobre as famosas “Novas TICs” (Tecnologias de Informação e Comunicação) e os rebatimentos na profissão, especificamente, na atuação do perito judicial, tema que julguei atualizadíssimo, haja vista as demandas vividas durante a pandemia. Então, ele havia sido montado pensando neste treino para um possível retorno aos estudos acadêmicos e a entrada almejada era a UEL, universidade na qual me formei. Então, minha alegria nesta estação foi a de descobrir que, além de passar na seleção, teria como orientadora, a querida Professora Dra. Olegna Guedes. Sonhava com os encontros com a mesma e sabia que ela sim me abriria as portas para uma pesquisa

¹⁷ Texto em conto “O conto da manhã feliz” por Juliana Brito, escrito em 06 de julho de 2021.

que envolvesse a poesia, dado todo o seu conhecimento e expertise neste campo de debate. Na época, escrevi-lhe um conto de presente o qual enviei por e-mail, grata pela oportunidade de estar sendo direcionada por esta grande pessoa e querida educadora.

Porém, este foi um lindo sonho que acabou junto com o retorno das aulas presenciais. Eu decidi seguir o mestrado na PUC-SP, onde também havia passado e estava com uma bolsa de estudos. São Paulo é uma cidade próxima à Sorocaba e este foi o motivo para eu me “condenar” a seguir o maravilhoso curso de mestrado pela PUC-SP e seguir o caminho de minhas próximas estações.

II ESTAÇÃO: Juliana carrega a sua cruz

Carta de Esperança

Querida amiga Marciana,

Como estão por aí?

Por aqui comunico que continuamos a ter muito medo dos elementos: terra, ar e fogo.

Eu, pessoalmente confesso, que estou mais aliviada agora que descobriram uma forma de fazerem alimentos hidropônicos. São comidas geradas a partir da água, sem contato com a terra. Do que nasce da terra, eu e minha família já não comemos, informo. O que brota dela está envenenado pelo homem para que nasça bonito, forte e grande. Mas eu sinto, enquanto mastigo, o gosto amargo do engano e não consigo engolir. As comidas da terra são atraentes e gostosas e nos mentem mentiras de nutrição. Pura enganação!

Respirar o ar continua sendo algo complicado. Meu nariz sangra e dói pra danado! Me entram os cheiros daquelas árvores queimadas que estão ao longe. Elas estão gritando por socorro a um planeta que é surdo. Aconteceu, que os aparelhos auditivos fabricados para nosso planeta foram desenvolvidos pelos homens. Desconfio que estava tudo planejado para que elas, as árvores, gritassem até perderem suas vozes. Caladas, já não cantam mais seus verdes cantos que saiam pelas suas folhas e nos produziam o ar puro. Das árvores, nos sobraram as fuligens que pintam o céu de um cinza claro. Infelizmente, informo que a cor azul do céu desapareceu da face da terra.

Do fogo, o pavor é tão grande que me privo de entender muito sobre seus poderes. Só sei que é ele que esquentas as grandes máquinas produzidas pelos homens para que possam funcionar. As máquinas são como aqueles monstros que aparecem nos filmes de terror. Surgem de repente, nos assustam e resolvem tudo com uma coisa chamada destruição. Elas têm como base, além do fogo, o suor de “homens fracos” que são obrigados a se manterem perto desse calor. Os poemas, por exemplo, voltaram a ser escritos a mão para não serem destruídos por uma forma destas máquinas que são os chamados “computadores”. Eles nos congelam as faces. Mesmo assim, o papel que usamos para escrever é fruto da destruição das árvores pelos homens que são auxiliados por estes monstros que eles mesmos criaram e por eles mesmo estão morrendo, violenta e desenfreadamente.

Mas, com alegria lhe informo que nos sobrou a água. Dela não tenho medo. Acredito que o homem não a combaterá por conta de nosso próprio corpo. Ele é formado por este elemento. Então, todas as dores dos homens ainda vêm sendo aliviadas pelas águas que lhes trazem um conforto que, na verdade, vem de sua própria carne. Descobrimos que a porcentagem de água em nossos organismos é tão grande que conseguimos enfrentar os outros elementos já destruídos. Entramos na água, afundamos e nela, renascemos todos os dias. Lá no fundo dos mares e rios, dizem alguns, está escondido o brilho do amor. Sabe aquele sentimento que lhe mencionei na carta anterior? Aquele que fora arrancado pelo Medo, que brotava de nossos corações? Pois bem...

Agora, há a esperança de que ele está escondido lá no fundo dessas águas e quando o brilho desse amor chegar, ele vai nos levar para um mundo de magia onde a fantasia vai entrar na dança. Reforço este recado para que avise a todas as nossas amigas marcianas: quando o brilho desse amor chegar, vai nos fazer brincar e nascerão novas crianças!

*Com esperança,
Mulher da Terra¹⁸.*

Tomada a decisão de seguir a “via mestra” ou o caminho para o mestrado na PUC-SP, esta “mulher da terra” que vos escreve, segue a carregar sua Cruz (pesquisa fake) porém, cheia de esperança da melhor que me inspirou a escrever esta carta. Na

¹⁸ Texto em carta “Carta de esperança” por Juliana Brito, escrito em 31 de agosto de 2021.

época, ela refletiu parte de minhas angústias e dores mentais que eram tratadas a base de imersões na água, muitos medicamentos e terapia. Eu estava no auge de uma crise de pânico, não conseguia sair do quarto e assistia as aulas on-line dentro do beliche do meu filho mais velho para sentir a segurança de seu cheiro. Me recordo que este escrito-carta foi lido ao final de uma aula de minha orientadora, a professora Maria Lúcia Rodrigues a qual aprovou muito e me disse que meu tema de pesquisa deveria ser sobre algo que eu amasse com todo o meu coração.

III ESTAÇÃO: Juliana cai pela primeira vez.

Oração da Bolsa

Oh! Santa NSPB- (Nossa Senhora Protetora dos Bolsistas)

Agradeço e peço

Que este valor abençoado

Venha ser multiplicado

Em conhecimento livre e gratuito

Dentro da minha cabeça

Que eu nunca caia na tentação

De vender minha escrita

Pra esse mundo tão podre

E, se ocorrer,

Que caia a minha mão!

Rogai e continuai olhando

Pelos pucquianos desesperados

Os “sem bolsa” do Serviço Social

E que cubra com seu manto

Àqueles que estão endividados

Pela podridão do dinheiro

E perdoe assim, os escravizados

Em dívidas pelos infernais bancos deste Brasil.

Para que se libertem, em um breve dia

*Amém!*¹⁹

Nesta estação, vivi o desespero de saber que a bolsa de estudos conquistada duraria por apenas seis meses em contraste com o alívio de ter recebido a primeira parcela. Escrevi este pequeno poema e postei em um grupo de WhatsApp composto por alunos de pós-graduação da PUC-SP como uma forma de traduzir tal angústia vivida por muitos estudantes do serviço social naquele momento.

IV ESTAÇÃO: Juliana encontra a sua mãe

Poema Raiz

Tenho uma voz na cabeça

Que sai em forma de poema

Mas, só para gente “Matriz”

Matriz?

Útero, fonte, lugar de onde sai alguma coisa.

Como reconhecer?

Não sei porque é sentir:

Vem da matemática, da exatidão, identidade.

Apresenta tudo da diagonal principal igual a 1.

Coisa exata que sai geralmente às 3:46h da madrugada.

Conheci uma Bia, uma mulher raiz...

Raiz?

Pé, germe, originadora, Mãe.

Fixação da árvore na terra

Que não deixa o ensinamento cair!

Tem no ar! Até lá, tem!

É a que permite trocas gasosas

Em solos pobres, sem oxigênio.

Bia purinha para mim!

Entende?

¹⁹ Texto em poema “Oração da Bolsa” por Juliana Brito, escrito em setembro de 2021.

E os manuais de cuidados das raízes me dizem:

1. Para cuidar bem, massageie lentamente.

Levemente, com as pontinhas do dedo.

Para não ferir ou machucar.

Você é o início dos fios!

Sem cuidados, sem cabelos!

Tenho que te cuidar!

2. Primeiro é importante que seja

Uma terra leve, aerada.

Senão ela não recebe oxigênio.

Outra coisa é não regar demais.

Até isso, a muita água, é pesada.

Dá pouco ar!

A planta morre.

Literalmente, afogada.

Por favor, cuide-se hoje, agora.

Te adoro porque me traz respiração

Igual a natação das sextas às 22h da noite

Durmo oxigenada na alegria do amanhecer

Que é você: o amanhã; manhã de sábado!

A alegria das crianças pulando na cama,

Dia sem aula, mas dos melhores aprendizados

Os mais afetuosos, livres e em família!

Aqueles que guardamos na memória.

Pois é o dia das Deusas.

Deusas?

Você: Marxiana!

Ou, trocando o “x” pelo “c”

Só pode ser, aquela única:

Quem vem de outro planeta.

Veio de Marte para encher-me o coração de ar puro.

Só pode!

Porque neste já não encontrava mais²⁰.

Este poema foi escrito para a querida professora Beatriz Abramides. Recordo que foi enviado em uma manhã de sábado de sol. Na época, desejava traduzir todo amor e admiração que sentia por ela que estava doente. Bia, durante as aulas on-line, sentia dores. Dores que transpassaram a tela e se instalavam em mim de forma aguda. E eu queria cuidá-la. Me recordo que, um dia, chorei em frente ao computador durante a aula sobre o método em Marx, conduzida por esta professora. Eu estava extremamente cansada e irritada com a situação contraditória a que estava exposta esta grande mulher que, doente, havia de dar suas aulas por horas sentada em frente a uma tela, paralisada, ensinado sobre o tal método. Uma situação de extrema exploração estava refletida ali. Foi doloroso ver a maioria de nosso corpo docente, já em idade avançada, ter que se adaptar às formas tão cruéis de trabalho remoto que imperaram durante a pandemia. Este escrito foi um ato de cuidado mínimo com uma destas maravilhosas professoras que conheci e passei a amar.

V ESTAÇÃO: Juliana é ajudada por Amanda

A Proposta

Ela me propôs que das minhas primaveras eu falasse,

Em quarenta primaveras, um verão se fez em mim.

Pensei que seria capaz de somente contemplar a primavera,

Sem saber que escrever era o que de mais belo eu podia fazer.

Ao contemplar esse espetáculo da natureza, essa criação tão divina e sublime

Eu revivi momentos incríveis, de lembranças ternas e de amor sem fim.

Lembranças que de tão boas, colo me deu!

Colo embalado pelo canto dos pássaros, na verdade, uma sinfonia!

Ah se eu tivesse a possibilidade de minha matéria eternizar, lá, no passado, eu queria ficar!

Mas que graça a minha, como pensar que essa possibilidade eu não tenho?

Para sempre, até mais do que quarenta primaveras minha memória se lembrará!

²⁰ Texto em poema "Poema Raiz" por Juliana Brito, escrito em 24 de outubro de 2021.

De tão intensa a proposta, atrevida escrevi e, do escrito não consigo me separar...²¹

Nesta estação, dedico a uma doce pessoa que encontrei no núcleo de pesquisas NEPI- Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Identidade. Amanda é seu nome. Esta querida talvez não imagine o quanto me ajudou a firmar sobre o meu tema de pesquisa que a esta altura, já havia mudado. Acredito que a poesia realmente nasce das relações entre os sujeitos. E um dia, observando todo o seu encanto por poemas e a sua sensibilidade que transbordava em frente a tela, eu enviei a Amanda um poema que acabava de escrever em homenagem a primavera que se abria em flores, denominado “Primavera em mim”. E não é que Amanda me surpreendeu dizendo que nunca havia escrito algo em forma de poesia? A partir desta bela surpresa eu a desafiei a devolver-me um poema, como uma troca. O resultado foi este lindo escrito que recebi e que guardo como uma joia, um grande presente, até hoje. Me recordo que pudemos ler, uma o poema da outra, em um dos encontros do Núcleo e contar esta história a todos. Foi um momento muito importante para mim. Feliz daquele que escreve e, de repente, recebe de volta uma escrita. Tenho esta e outras alegrias que pude, durante este tempo de mestrado, viver junto a amigos que me escreveram, coisas simples como recadinhos de WhatsApp, mas grandiosas no amor do mais singelo que guardarei para sempre em meu coração.

VI ESTAÇÃO: Marias limpam o rosto de Juliana

Salve! Ollé! Maria!

Ollé Maria Fada!

Maria, ser encantada do ar

Das asas que no dia 6 nascem para a Terra!

Criatura encantada que aprendeu nova

A voar pelos céus aquarianos, soltando seu pó:

Brilhos que colorem o caminho de quem lhe encontra!

Salve Maria deusa!

Signo das sábias, altruístas, artistas!

²¹ Texto em poema “A proposta” por Amanda Cristina, recebido em 20 de novembro de 2021.

*É chamada no mês das Deusas das Águas
Foi Iemanjá, foi a Santa Nossa senhora dos Navegantes
Quem te trouxeram pra cá!
Ollé Maria vento!
Dança querida, nos ensine sobre suas saias livres rodantes!
Movidas pelo balé que o ar te convida!
Revele seu frescor, alívio destes tempos!
Vento puro, ares frescos das matas verdes, ar puro da vida!
Salve Maria profissão!
Chega e se destaca!
Junto aos Bobs Marleys e Alxs Roses do dia 06 de fevereiro!
Canta-nos as músicas mais belas do Serviço Social!
Se coloca em palco de humildade, de olhar e de forte contribuição!
Pois és grandeza, és ação!
Ollé Maria poesia!
Inspira-nos o complexo do dia-a-dia,
Nesse poema de dor, alívio,
De ódio e amor!
Lúcia ensina e aprende em afeto, em poesia...
Pois ela é, simplesmente, Maria!
Salve! Ollé! Maria Flor!
Em um matagal descuidado e desonesto a todos
Dos tristes tempos injustos de hoje
Lá está ela! Firme, vertical, ereta!
Flor destacada em doces fios delicados
De pétalas que ainda vão se abrir!
Ollé Maria amor!
Explosões já abertas de flor, que aparecem como plumas,
Flocos de neves delicados em pleno verão
Em mata feia onde são poucos
Aqueles que te enxergarão!
Lá está, Martinelli!
Serena, dançante, encurvada em delicadeza em meio ao caos!*

*É Maria!
Só podia!
Nome sagrado,
Aquele a quem pedimos antes de dormir, em proteção todos os dias!
Ollé, Ollé, Maria!²²*

Este escrito nasceu em comemoração e alegria de saber que Maria Lúcia Martinelli seria minha orientadora. Estava desolada e muito triste por ter perdido a genial orientação de uma outra Maria (a Lúcia Rodrigues) e, próximo a data, tão querida do próprio aniversário de Martinelli, pude receber esta alegria de notícia. Elas conversaram e decidiram limpar as lágrimas do meu rosto (transferir a orientação). Ah, como fiquei feliz e como queria que, naquele momento, todos dançassem comigo pois sentia as dores de outros amigos que também estavam neste delicado momento de mudança. Perder uma orientadora Maria é algo difícil. Mas, ter a notícia de estar com outra Maria, foi algo muito feliz e fácil. Estar com Martinelli é como receber uma flor leve, viva, é como dançar a dança dos ventos frescos e dos ares mais puros do Serviço Social. Foi um momento mágico e encantador. Estas Marias, professoras da pós-graduação do Serviço Social da PUC, são flores de minha vida, professoras amigas, que tanto me inspiram na fé e na dança de meu dia-a-dia junto a pesquisa que, a esta altura, já havia deixado de ter um objeto “Fake”.

VII ESTAÇÃO: Juliana cai pela segunda vez

Dirce Koga em Flor

*Se era ele que apreciaste, o poeta das miudezas da terra e flor,
Parafraçamos Manuel a tí, neste momento de tanta dor!
Sua importância para nós,
Não se medirá apenas em seus coloridos mapas,
Seus números vivos dos territórios da população.
Nem mesmo só mediremos em seus exatos padrões e dados.
Sua importância será medida para além de tudo isso!
Nosso mapeamento será sempre revivido,*

²² Texto em poema “Salve! Ollé! Maria!” por Juliana Brito, escrito em 06 de fevereiro de 2022.

*Pelo seu encantamento!
De suas flores que vão do rosa ao branco!
De seus aromas de frutas doces, as cerejas!
Doçura da terra que brotará em ciclo:
É o que nosso núcleo NEPI deseja!²³*

Esta e as próximas duas estações retratam momentos de queda. Uma sensação de intensa dor vivida durante minha “via mestra”, meu caminho rumo ao mestrado. Ocorreu que este, como de tantos outros, alunos, professores e funcionários foi um caminho atravessado pela morte de uma professora muito amada e respeitada em seus trabalhos em nosso programa. Dirce Koga se foi, silenciosamente. Confesso que ainda sinto saudades do que não vivi pois tinha sonhos de realizar suas disciplinas e aprender em suas aulas. Escrevi, nesta época, intensamente. Era dor cravada em folhas de papel que me secavam as lágrimas das mais duras, das mais secas. Nenhum caminho é feito só de alegrias. Uma paixão jamais se sustenta apenas de bons e aliviantes momentos. Foram tempos marcados de apresentações, elaboração de vídeos em homenagem a esta grande mulher que nos deixou. A elaboração deste se deu para uma Homenagem do NEPI- Núcleo de Estudos e Pesquisas e Identidade-Coordenação de Profa Maria Lúcia Martinelli, à querida Profa Dirce Koga. Alguns trechos são inspirações vindas do enorme poeta Manoel de Barros, do livro “Memórias Inventadas”, pois soube do gosto da professora Dirce por ele em sua arte de olhar para as miudezas dos campos verdes.

VIII ESTAÇÃO: Juliana consola os orientandos de Dirce

Carta de grito e afeto

*Querida Professora,
Queria lhe dizer,
Que não parei de chorar.
Mas agora é preciso, meu coração acalmar.
Porque esta carta, não só brota de minha dor.
Mas, de muitos que ficaram*

²³ Texto em poema “Dirce Koga em Flor” por Juliana Brito, escrito em 30 de outubro de 2021.

*Que representarei com meu amor.
São Andrés, Alines, Cintias, Chicos, Willianas,
Alunos que você acolhia em orientação.
E, se faltar alguém aqui, desde já peço desculpas
Trago em plural estes nomes, já com esta intenção
De fazer lembrar muitos outros que por ti passaram.
E estão sofrendo de tanta emoção.
Queria lhe escrever em carta
a poesia-amor que nos abraçava
Depois da entrada, da Arguição
Seja de mestrado ou doutorado,
Desta Pós – Graduação!
São Giusciléias, Andersons, Danieis, Silvias, Vanessas,
Os orientandos a compartilhar de sua sabedoria
Tudo para empenhar conhecimento em pesquisa:
O “saber novo” para o amanhecer?
Não.
Você compreendia que esse saber, de nada novo tem!
Sabia como ninguém,
Que esse saber é nosso, de nosso povo!
Que aqui hoje estão, em nossa representação,
E isso também era sua luta, seu ganha pão!
Você ampliava acessos para nós ocuparmos
O que é nosso e que nos foi tirado!
Nossa cor, nossa cultura, raça, classe, nosso espaço!
A partir de tanto sofrimento,
E de todo o nosso saber,
Nossa existência ocupemos,
Em força, faremos valer!
Nesta disciplina, neste método, nesta pós ou em outras
Avantes em uma práxis realmente revolucionária!
Da vozes de Thaises, Aninhas, Camilas e Mayaras!
Que acolhidas por ti, no “Grupo de Estudos Clandestinos”*

*Acessavam saberes e ampliavam um mundo de destinos!
 É assim que me despeço, nesta carta-grito-afeto,
 Evocando a força de uma práxis que,
 neste método, você dominava o Marx!
 Com carinho e saudades!²⁴*

Este escrito foi realizado para uma homenagem aos alunos e orientandos da professora Dirce. Sentia em mim todas as dores, as inseguranças, angústias, as saudades. Sentia a morte atravessada em meu peito junto a estes alunos órfãos desta orientadora tão querida e via seus olhos chorosos em frente a uma tela de vidro não abraçável. Eles puderam declamar em conjunto este escrito em uma bela homenagem que se tornou um vídeo e pode aliviar-nos de alguma forma de tamanha dor.

IX ESTAÇÃO: Juliana cai pela terceira vez

O caminho da Samurai

*É assim, silenciosa que se vai,
 Uma Guerreira Samurai.
 Admirável era a sua força em combate:
 Trabalhadora de suor e sangue,
 Desbravadora junto ao povo brasileiro,
 Que luta de pés descalços em coragem.
 Como vitória, apresentava-nos os mapas falantes,
 Feitos de bravos coletivos atuantes!
 Era ela, guerreira da Terra Viva:
 Honra, honestidade, dever, disciplina.
 A nós, do NEAM, Dirce permanecerá viva!
 Como narrada em escrita de Professora Beatriz,
 Ao interpretar o seu trilhar:
 “Sim, um caminho denso, de descobertas,
 Ancestralidades e projeção de presente e futuro!”
 Serás sempre, a nós deste núcleo,*

²⁴ Texto em poema “Carta de Afeto e Grito” por Juliana Brito, escrito em 31 de outubro de 2021.

*Um espelhar de caminho.
Avante NEAM, por Dirce Koga!
Seguimos na Luta de pés corajosos
E descalços frente aos espinhos!²⁵*

Este poema encerra as estações de queda que vivi durante este período. Ele foi escrito em inspiração durante o ouvir da narrativa viva e emocionante da professora Beatriz Abramides, coordenadora do núcleo NEAM, em uma de suas aulas. A dor ainda me consumia, porém, alternada em momentos de alívio em sentir que o cosmo a integrava livre e feliz. O seguir em frente se colocava em meu horizonte e as doces lembranças e ensinamentos desta grande mulher me inspiraram a continuar meu trajeto, minha “via mestra”, aquela que me faria conquistar o mestrado.

X ESTAÇÃO: Juliana é despojada de suas vestes

Prato de Feijão

*Alguns me perguntam de onde vêm-me a poesia, a prosa, a ficção.
Então esclareço que a perturbação nasceu de uma semente de feijão que
pequenina engoli.*

*Ela desceu-me pela garganta, e, rasgando e ardendo, grudou em meu coração!
E não é que para a minha surpresa, ele era feito de algodão?!
E como nos copinhos da escola, a danadinha brotou.
No lugar do coração, nasceu-me uma árvore de feijão! Acreditem!
Ela cresceu, tomou conta de meu corpo todo.
Enraizada eternamente, procura terra para fazer germinar suas sementes.
Assim, as ramificações desta árvore saem de mim.
As que saem das mãos, são galhinhos que procuram por terra.
A terra deste mundo se disfarça de papel de folhas brancas
Já a caneta é a semente que cai da ponta dos meus galhos.
Eu a seguro, mas poucos do mundo estão despertados a ver!
Então, a poesia é a semente plantada pela caneta na terra-papel que germina!
É por isso que alguns se sentem alimentados!*

²⁵ Texto em poema “O caminho da Samurai” por Juliana Brito, escrito em 31 de outubro de 2021.

*Um poema nada mais é do que um belo prato de feijão cozinhado!
 Do modo como se alimenta o corpo, também se sustenta a emoção!
 Isto é um direito de todo ser.
 Para que ele possa, liberto, crescer!
 Feijão cozido em caldo engrossado com palavras, tornam livres os que
 escrevem.
 Ficamos fartos, de pança alegre!
 Mas também há tristeza!
 Dos pratos vazios nas mesas...
 Temos olhos de lupa e grandes são os sonhos dos cegos.
 Sinto daqui suas barrigas velhas e vazias que rocam,
 E que comem, desesperadas, a areia seca.
 Sinto que tentam a liberdade,
 Mas são engolidos pelo senhor Gigante, de nome, “Alienação”!
 Pois o mundo é um lugar sem o som de harpas e ovos de ouro!
 É lugar onde não vivemos felizes para sempre,
 Onde temos fome e estamos ficando sem sementes,
 Em mundo onde a poesia, a prosa e a escrita,
 Germinam só em pensamentos que escravizam a nossa mente.
 Andrea Ribeiro²⁶.*

Uma das coisas que sinto, desde o início desta “via mestra” é a curiosidade dos seres em saber de onde vêm-me à escrita. Como se quisessem me despojar de minhas próprias vestes, querem, curiosos, revelar-me (de algo que nem eu mesma consigo). Sinto que é dúvida marcada na cabeça daqueles que me ouvem, me leem, enfim, dos que tiveram contato com algo produzido por mim durante esta trajetória. E foi a pressão de tais perguntas que, na época da criação deste poema, eu tentava amenizar. Mas, haja minha grande dificuldade em expor de onde vem-me este amor que me transborda as mãos em palavras aos montes, preferi deixar que Andrea Ribeiro, assumisse tal peso. Penso que nunca saberei responder algo tão complexo. Mais fácil é inventar personagens que respondam perguntas difíceis como estas por

²⁶ Texto em poema “Prato de Feijão” por Andrea Ribeiro, heterônimo de Juliana Brito, escrito em 10 de outubro de 2021.

mim. Tenho heterônimos que me acompanham há tempos, muitos deles mentais, mas, Andrea pôde saltar durante esta trajetória. Foi um belo salto. Este poema foi incluído no trabalho final da disciplina do método em Marx em que eu, feliz, fiquei com nota 10.

XI ESTAÇÃO: Juliana é pregada na cruz da profissão

Adeus cachimbo

Hoje é domingo, pede cachimbo!
 O cachimbo é de barro, bate no jarro
 Jarro é fino, bate no sino
 O Sino é de ouro, bate no touro!
 O touro é valente, bate na gente!
 A gente é fraco, cai no buraco!
 O buraco é fundo, acabou-se o mundo!
 (Parlenda popular)

Dia 15 de maio

E a gente acorda como?

Com a mente ocupada!

Hoje é domingo,

Eu queria descansar!

Que canseira, mAnAs!

Mas, bora!

Que até hoje,

É dia de trabaiá!

Então, me resta desejar...

Feliz dia!

Pra AquelAs que saem

De sua casa todo dia,

Pra lutar pelo seu pão

Agindo por cidadania!

Feliz domingo!

Pra essA trabalhadorA

Que foi chamada de “esse”

Por tanto tempo!

AssociadA a um “CACHIMBO” (na academia)

Mas que agora tá forte pra dizer:

Chega de encobrimento!

Somos:

CientistAs, pesquisadorAs,

ProfessorAs, escritorAs,

“MestrAs”, doutorAs

Somos:

ASSITENTES SOCIAIS

MU - LHE - RES!!!

Em maioria!

Precisamos de:

Linguagem acessível

Livro barato

Papo reto

Escrita clara

Porque não temos tempo pra perder,

E nem levar fumaça na cara!

Então, adeus artigo “o”,

Antes de honrarmos

NossAs pensadorAs, teóricAs,

Que brilham em sala de aula

Na formação da profissão,

DessA categoriA históricA!

Também desejo uma feliz data!

Pra aquela trabalhadorA raiz

Que, lá no chão, se mata!

Pra fazer diminuir racismo

Machismo, desigualdade!

E tudo que não cabe nessa rima

Mas que tem a ver

Com a formação de outra sociedade!

Então, bora aí que o dia é nosso!

Quero cumprimentar também As alunAs de Serviço Social!

*Pouca gente sabe,
Mas, eu posso,
Fazer de hoje, motivo
De comemoração!
Pois é 15 de maio
Dia da nossa profissão!
Pensamento,
Grito,
Ação,
A aluna de serviço social já é Agente de transformação!
Sim bora e um "Viva" geral As ASSISTENTES SOCIAIS todas!
Viva estas trabalhadoras
Tão maneiras:
Mães, filhas, Irmãs, Avós
Viva essa guerreira!
Que pensa no coletivo,
Tá na linha de frente,
Defendendo quem?
A gente!
A própria MULHER BRASILEIRA!
Que não esmorece porque é domingo,
Não é fraca, enfrenta touro, ouro, jarro
Não perde o mundo
E nem cai em buraco!
Dia 15 de maio de 2022
A gente comemora
Porque é domingo,
E não é um qualquer:
É DIA DA ASSISTENTE SOCIAL MULHER
QUE LUTA POR UM DOMINGO,
DE ESPAÇO PRA IMPOR A VOZ,
E GRITAR DANDO ADEUS AOS "CACHIMBOS"*

*QUE OPRIMEM A TODAS NÓS!*²⁷

Esta foi uma homenagem que escrevi aos trabalhadores e trabalhadoras em comemoração ao dia do Assistente Social. Era um domingo de extremo frio e eu estava sentada na sarjeta a esperar a liberação de entrada na sala de aula onde prestaria a prova do concurso público do Instituto Federal de São Paulo – IF-SP. Então, escrevi direto no celular e, na época, postei em grupos de *Whatsapp* em que faço parte, onde estão também outros alunos do Serviço Social. Me recordo que também pude ler este escrito em uma aula da disciplina do Cotidiano e fazer uma crítica quanto a cultura machista, comumente reproduzida por esta categoria nos meios em que atua e também na universidade. Em linhas escritas de forma divertida, metafórica e ousada, sinto que esta poesia feminista foi escrita para dizer um basta! Não aguento mais ser pregada nesta cruz dentro da profissão! Estamos cansadas de seguirmos os passos de outros, homens, brancos, sempre privilegiados nos lugares que ocupam. A universidade e a produção de conhecimento não perdem nada para esses lugares onde os homens, mesmo sendo poucos, nos tomam a vez e a voz. Portanto, recordo que este escrito me desentupiu algo que há tempos estava entalado na garganta, na verdade, desde a graduação.

XII ESTAÇÃO: Juliana morre na cruz

Sala de espera

Que a santa me cuide

Pra ser negativo

Pois, adoecer é a dor-ser

E ser a dor por um tempo.

O do-ente se torna um ente

De dor ou da dor

Que ele é

Pois sente

Mas hoje, do mal estar

²⁷ Texto em poema “Adeus Cachimbo” por Juliana Brito, escrito em 15 de maio de 2022.

*Da noite
A poesia sai fraca
Do vírus que a ataca
As palavras correm pra cura
Mas talvez seja a Covid ,
Terror destes tempos
Que ninguém segura!
E, até elas, as palavras
Me doem
Querem silêncio e se calam
Por dentro de um peito que
Tosse irritado, triste, chateado
Porque se lembra de tanta gente
Que perdeu a vida
Calou- se a voz eternamente
A de si, a de parentes
O fato é que testará positivo
Teu olhar profundo já sabe
É o mesmo te faz olhar pra ela
A morte que tão bela
Você sempre desejou
Com a certeza de um alívio
Tão incerto
Que só sentem os que dela bebem
Mas que você sempre quis por perto!
A ilusão maior do poeta é vestir-se de madeira
Pra finalmente sair desse mundo
Que tem oprimido a poesia
Pois ela também vive de ar
Com vírus, com dor,
Com peito chiando e sem respirar
Hoje foi você a convidada*

Para um positivo testar!²⁸

As memórias que trago nesta estação revelam o mais profundo lugar de dor. Sou uma pessoa muito sensível. E, quando finalmente contrai a Covid-19, confesso que senti um pouco das dores das mortes do mundo e daquelas pessoas que sofreram em nosso país, sem absolutamente nenhum atendimento. Não era a minha condição. Eu, servidora pública da prefeitura do município de Sorocaba há quase 15 anos, possuo convênio e resguardo médico. Mas, de alguma forma, meu sentir e a minha trajetória neste momento do mestrado, foram atravessadas pelos sentimentos de desespero, desesperança e dor incalculáveis geradas por estas mortes. Com muita tosse, um corpo cansado e uma mente destruída, escrevi este poema em plena sala esperando antes do atendimento médico de um pronto socorro hospitalar enquanto chorava por não sentir o gosto de um simples pirulito que meu marido havia me dado para tentar me alegrar. Uma cena que trago neste capítulo em minha escrivência pois nunca me esquecerei da sensação de horror sentida naquela gelada cadeira de ambulatório.

XIII ESTAÇÃO: Juliana é retirada da cruz que a acorrenta

Artigo Científico doce

Receita:

Ingredientes da massa:

1kg de correntes de pensamentos diversas

500g do livro mais importante da sua vida

250ml de água (se estiver no Brasil pode optar pela ardente ou a de cheiro)

2 colheres de pá- ciência

1 xícara de doces (não pode ser açúcar comum, adoce com pirulito ou balas)

1 pitada de normas da ABNT

Ingredientes para o recheio

1 xícara de melado (qualquer coisa que mele, ex. suor, ou aquilo que você deve ter pensado)

²⁸ Texto em poema “Sala de Espera”, por Juliana Brito, escrito em 12 de junho de 2022.

4 colheres de flor

2 colheres de asas (invente o que você quiser com isso)

Ingredientes para a cobertura

250g de liberdade ralada para polvilhar depois de pronto (não substituir por outra coisa para não estragar o sabor, ex. libertinagem)

Modo de preparo

Aqueça um bom canivete e o amole bem para usar no ingrediente principal da massa que são as correntes de pensamento. Você deve se utilizar de várias delas. Isso trará firmeza à massa. Portanto, pegue o canivete, quebre a sua em primeiro lugar. Grite um “Viva!” ao pluralismo e liberte-se. Lembre-se que o sabor das diversas correntes é o que irá trazer abraço e respeitar vários tipos de leitores que irão comer o artigo. Depois dessa tarefa, jogue a água para ir dando liga a massa e pra ela não ficar seca. Pode substituir por água ardente que vai te levar a um caminho mais solto da receita ou água de cheiro se você quiser surpreender o leitor que sentirá um delicioso aroma enquanto lê, tanto faz. Jogue devagar uma colher de ciência e conforme vai crescendo você joga a outra de pá. Isso é para deixar a massa leve, mas sem risco de ficar quebradiça, ou meio eclética, sabe?! A xícara de doces é algo importantíssimo na massa, com ela o artigo ficará com sabor de doçura e a pessoa vai querer ler até o final. A pitadinha de normas da ABNT você insere quando já estiver adoçado. Afinal, é uma receita científica que carece de certas normas, não há chances de isso não constar nesse tipo de receita.

O recheio é a coisa mais fácil do mundo: você deve misturar todos os ingredientes e aquecer no micro-ondas por 5 min ou em banho maria por 10 min. Veja o método que te envolve mais porque o segredo desse recheio é envolvimento por completo. Mas lembre-se que ambos devem se apoiar em Marx, nosso grande confeitoiro mestre de todos os métodos do serviço social.

Para a cobertura, informo que a liberdade ralada tem sido difícil de encontrar. Mas, se não tiver, infelizmente não há nada que possa substituir. Uma dica importantíssima: não faça a receita se não achar pelo menos uns 150 gramas.

Prepare a massa, deixe-a descansar por duas horas. Pegue as 500g do livro mais importante de sua vida pra ler enquanto espera, nada de chatices científicas,

nesta hora, livre-se do Marx tah?!. Abra a massa e recheie. Leve ao forno cerebral pré-aquecido em 180 graus. Levará uns dois dias de forno, depende de qual é o seu. Você saberá que tá pronto assim que estiver douradinho por cima. Retire e polvilhe imediatamente a liberdade ralada. Depois disso é só servir! Bom apetite!

Obs: ele acompanha bem com uma boa xícara de chá, café ou de leite morno neste inverno deslocado que tem feito.²⁹

Nesta estação apresento este escrito em formato de receita pois ele marcou minha caminhada. Foi em um momento em que estava me sentindo pressionada quanto a produção de artigos acadêmicos e a submissão destes trabalhos em editais da área. Logo após a primeira tentativa de concorrer a um edital renomado e ele ter sido negado, eu escrevi esta receita. Na época, uma sátira, um momento de extremo desabafo e grito. O meio acadêmico pode ser tornar um espaço cruel para os estudantes. A gente passa horas e horas estudando, escrevendo, refletindo para conseguir construir conhecimento e avançar. Até hoje me pergunto, o porquê de meu artigo não ter sido aceito na tão renomada revista do serviço social. Argumentaram que não aceitavam criações literárias. Uma grande pena. Independente da resposta, penso que quem perde é o conhecimento. Arte e ciência caminham juntas, lado a lado, em alguns momentos fundidas, para a alegria desse mundo tão chato, tão cansativo. Mas, sinto que o serviço social está a anos luz de olhar para isso. Ainda bem que somos livres, inclusive para sermos insistentes em continuar tentando, incansavelmente, fundir as duas coisas.

XIV ESTAÇÃO: Juliana é depositada na lista de homologados

Índio fardado

03:15 da manhã

E são passos apressados

O que eu ouço daqui

Coração disparado

Pés que adentram a mata

E um silêncio

²⁹ Texto em receita “Artigo Científico Doce” por Juliana Brito, escrito em 11 de outubro de 2021.

*Tão marcado
Sua fuga em passos doloridos
São bombas
Explodindo aos meus ouvidos*

*Eu te ouço velho Chico
E não só a tí
Tem o Valdécio, a Anne,
E tem gritos
De outras pessoas
Por aqui
Então hoje impor a voz
É tentar pagar
E não apagar essa dívida
Que habita em nós
Me resta então
Buscar a ferida
Tampada com asfalto
No seu coração
Quebra-la com a caneta
Marreta que liberta
E ver esguichar o sangue em seu rosto
Te fazer sentir o gosto
Da seiva de nossas árvores,
De nossa terra vermelha
O sangue de nossa história
De nossa vida roubada
Devolvido a ti
Em dor de alívio
Porque não vivemos
Um futuro vívido
E sim a morte podre que nos delegaram
Vc fugiu?*

*Ou te expulsaram?
Te capturaram!
Me alerta
O tímido poeta
Ouço tiros,
Sinto as facadas
Deferidas contra nosso povo
O gozo fétido do estupro,
O Fel do veneno,
E os murros
A culpa nunca foi sua
Está marcada em suas vestes
Estampada em sua boca
Cerrada
Em seus olhos calados
Sua farda passada por mãos pretas
Pois você reproduziu
A tragédia do Brasil
Escravizou a vó
Enchendo sua barriga
De filhos que nasciam gêmeos
E morriam e de outros e outros
Gêmeos, que nasciam
Com esta história
Da violência
Contra a mulher negra
Porque fugiste da aldeia?
Me dói a pergunta
Não tem pra quem fazê-la
Seu lugar ainda está lá
Mas tú não!
Tú saiu apressado
Índio calado, que assistia TV*

Porquê?

Não tinha conversa

Militar não versa

Militar te recebe

Com cães no portão

Ficava a sonhar

Os contos

De uma escola que me enganava

Cadê seu cocar?

Onde estão as penas coloridas?

Os rios cheios de vida?

A gente cantando em círculos

Você me ensinando

A natureza respeitar?

*Cuias, cestos, cabaças, redes, remos, flechas, máscaras, esculturas, mantos,
cocares*

Hoje eu te devolvo

E te faço voltar!

Pela escrita

Minha única força

Te embalo em rede,

Tiro-lhe as botas

Lhe devolvo pés descansos

E os lavo em águas limpas

Índio fardado,

Toma teu manto!

Estou ao seu lado,

Fugir apressados,

Não vamos!

Índio da terra,

Largue sua arma

Mire sua flexa

Pra defender seu povo

Nossa floresta!
Índio militar
Neste Seminário
Suas memórias
Vamos exaltar!
A dívida histórica
E a ferida aberta,
Hão de curar!
Índio - cocar,
Chega de apagamentos,
Basta de colonização!
Seguimos firmes na luta
No enfrentar dessa “questão”
Pois dela é que é feita
O nosso objeto!
Aquilo que torna viva
Nossa luta diária,
Nossa profissão!³⁰

Finalmente e, já ao final deste capítulo com escrivência autoral, apresento este último poema que tanto me afeta. Ele faz parte de uma linda estação onde, após inscrever meus trabalhos em alguns editais, fui finalmente “depositada” em um deles. Nada de artigos científicos, nada de linguagens academicistas. Ele foi aprovado em dois editais de respeito. O primeiro, trata-se do edital aberto pelo Museu da Língua Portuguesa, instituição do Governo do Estado de São Paulo, que selecionou propostas de oficinas e apresentações artísticas de literatura, teatro, performance, música, contação de histórias e artes visuais para a programação promovida pelo Núcleo Educativo. Os trabalhos serão apresentados entre junho de 2022 e dezembro de 2023, presencialmente, na sede do Museu da Língua Portuguesa, no prédio da Estação da Luz, no centro da capital paulista. Os temas selecionados abordaram a pluralidade da língua portuguesa e a relação do idioma com a cidade e seus residentes.

³⁰ Texto em poema “Índio Fardado” por Juliana Brito, escrito em 29 de abril de 2022.

O outro edital trata-se de uma chamada aberta pela própria PUC-SP para uma amostra cultural que se chamará “Reencontros” e irá marcar um delicioso momento de reencontro de estudantes de pós-graduação que apreciam a cultura, a boa literatura, produzem arte e foram selecionados apresentarem seus trabalhos.

Este poema foi escrito para a abertura de um seminário que realizei junto a outros dois amigos, na disciplina de Fundamentos do Serviço Social da querida mestra Professora, também Maria, a Sra. Carmelita Yazbek. Era um seminário que trataria sobre a questão social dos povos indígenas brasileiros. Um pesquisador de minha turma de mestrado, um amigo muito querido, chamado Valdécio, foi quem me provocou a escrever algo para a abertura dos trabalhos do dia do seminário. Na época, eu acabava de visitar a casa de uma tia em São Paulo onde pude ter acesso a fotografia de meu avô. Foi então que a narrativa fluiu. Criei um vídeo de fundo musical junto da foto tão engraçada de meu avô e seu semblante indígena com vestes militares.

O poema traz a história de um indígena cujo sonho era ser militar e seu processo de abandono/fuga de sua aldeia. Todo o conteúdo é inspirado na história verídica vivida por meu avô “Britão”. Trata-se do declamar de uma neta ao avô onde ela questiona o processo de sua expropriação cultural. O fato reflete a vida dos povos indígenas originários brasileiros que sofrem a aniquilação e expropriação de sua cultura e extermínios constantes. Ele conversa com a temática do gênero literário, poesia e sua função social no enfrentamento às questões sociais brasileiras, na medida que traz a oportunidade da reflexão e problematização do tema há um propósito amplo de manifestação, luta e transformação social.

Me orgulho muito deste poema e do que ele representa a mim, aos meus, aos nossos e ao grito que devemos dar em defesa de povos originários brasileiros. Certamente, esta apresentação cultural foi de grande contribuição para muitas outras estações continuarem acontecendo em minhas trajetórias, trazendo-me a vida e a morte em meu caminho de paixão por pesquisar a poesia no campo do Serviço Social.

5.2 A estação Pascoal

XV ESTAÇÃO: A ressurreição de Juliana

A poesia e o afeto

Refinada, delicada e toda pequenina ela, a poesia, um dia, encontrou-se com o afeto. Ele, todo bruto, intenso, grande e astuto, logo que a viu lhe amarrou num forte abraço. Sua força era algo incontestável. Ela, menina fina, franzina e assustada, logo tentou escapar. Mas, conforme o contato do encontro e o esfregar, suas peles se tocaram e geraram um doce amar. Era um toque profundo como nunca haviam experimentado antes. Ela, com seu corpo tão suave, de início estranhou um pouco. Tentou resistir e empurrar um de seus braços, mas conforme o sentir do laço que a envolvia, a poesia sentiu uma cócega e ria. De tanto esforçar, sentiu que ficou mais forte e passou a estar mais bruta, firme, astuta. Já o afeto, como num passe de mágica, suavizou. Ele se abateu pela pele tão fina da poesia, e, no laço, seu forte e denso braço, logo afrouxou. E essa foi a história do encontro entre a poesia e o afeto. O encaixe foi tão correto, que nunca mais um do outro, largou. E d/eles foi gerado um feto, que está no meio da foto entre a poesia e o afeto fazendo uma revelação: Olhem! Vejam só, é uma dissertação!³¹

As recordações que emergem desta escrita me revelam que, por mera coincidência ou não, ela brotou de minhas mãos em um domingo. Reflito sobre isso por ser um dia muito simbólico na tradição e cultura das religiões abraâmicas que nos apresentam deuses que morrem e renascem. Eu não sou uma deusa, muito pelo contrário, estou mais para uma “capirota babilônica” com este capítulo autoral em uma dissertação proposta a uma universidade católica tradicional em um capítulo em que afronto a me associar ao Jesus, o mestre dos mestres (risos). Mas, sobre o domingo do surgimento deste conto, tenho a contar que era um dia calmo e de paz em que eu realmente renascia enquanto admirava a linda fotografia a seguir:

³¹ Texto em conto “A poesia e o Afeto” por Juliana Brito, escrito em 18 de junho de 2023.

Imagem 46- Entrega da dissertação



Fonte: Imagem da autora (2023).

Esta foi então, a inspiração que me cercou enquanto escrevia este breve conto. Me lembro que o autor deste “click” tão preciso em captar o momento de afeto entre mim e a professora Martinelli foi um grande amigo que amo e agradeço pelo feito chamado Thiago Aranha. Nós estávamos ao fim de uma aula do NEPI- Núcleo de Estudos sobre Pesquisa e Identidade na PUC, quando fui fazer a entrega oficial da dissertação à minha querida orientadora quando ele gentilmente registrou este momento tão importante. Finalizar a dissertação e lhe entregar foi um alívio mas também uma dor. São as contradições que me cercam a vida. Foi momento de alegria e orgulho pela finalização de algo tão complexo e difícil de fazer, mas também algo que doia pois me fazia perceber um fim já posto e anunciado em que eu deixaria de ser aluna da pós graduação da PUC-SP em troca de um papel. Sim, a gente troca, nesta fase, todas estas lindas e concretas vivências tão boas em que “vivemos”, por um título a ser colocado em um currículo que “temos”. Vivo em um mundo onde o ter

é algo mais válido do que viver, caso você seja um trabalhador que precisa ganhar um pouco mais tendo um título para, simplesmente, sobreviver.

É com esta reflexão que finalizo este capítulo que representa minha paixão, meu caminho poético-crístico.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

6.1 Conclusão “eletrizante”³²: a deseducação poética e sua relação com o código de ética.

*Ela virá.
A revolução conquistará a todos o direito
não somente ao pão
mas, também, à poesia.
(Trotsky)³³*

No momento de conclusão da presente dissertação haverá de se desenrolar mais algumas considerações sobre a função e o lugar da poesia neste rico espaço: o cotidiano de trabalho das assistentes sociais. Pois, trata-se de tema de pesquisa infinitamente vasto.

Assim, considera-se neste desfecho de trabalho que, a poesia, além de tudo, é ação. Este é mais um dos significados dados à palavra poesia quando se faz a pesquisa em dicionários. Poesia é ato, criação da mais pura e intensa. Mas, no presente trabalho, não foi intenção ou objetivo aprofundar-se no que ela é, ou, inclusive, deixa de ser, e sim, o lugar onde ela pode ocupar em seus vastos significados e principalmente, para que ela serve no dia a dia de trabalho do serviço social. Então, segue a pergunta: o que ela vem a ter de concreta associação com o cotidiano dessa profissão?

A assistente social Clarice Lispector, em sua criativa escrevivência sobre o assunto, traz reflexões importantes que auxiliam a responder. Além de refletir sobre o tema, ela também compartilha algumas memórias de seu glorioso tempo de formatura, fazendo ainda, reflexões sobre como a poesia se manifesta no território onde ela atende a população, como pode-se ler nas próximas fotografias:

³² Referencia-se o termo “Eletrizante” originalmente cristalizado nas falas da professora Doutora Maria Lúcia Martinelli, docente do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- PUC- SP, durante as aulas na disciplina “Serviço Social e Cotidiano profissional”, a qual leciona todas quintas-feiras, das 16h às 19h na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP aos alunos dos cursos de mestrado e doutorado.

³³ Frase atribuída a Leon Trotsky (1879-1940). Cf.: GRUBER, G.; MIRANDA, E. O cosmos das línguas indígenas perante a barbárie do antropoceno. **Revista Nanduty**, [S. l.], v. 11, n. 17, p. 89–117, 2023. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/nanduty/article/view/16820>. Acesso em: 6 set. 2023.

Imagem 47 - Escrivência da participante Clarice Lispector

"poesia", eu posso falar sim sobre estado de poesia nestes quase 20 anos.

Além do tempo da formatura propriamente dita, eu fiz 3 anos de estágio, que foram muito importantes pra mim, lá lá que eu me apaixonei pelo território, estou com um pouco de medo de falar isso aqui e parecer que estou romantizando a pobreza, mas é este o caso, a pobreza é injustificável e um sinal de que a humanidade não deu certo.

Mas estar no território da pessoa que eu não entendo, estar perto do casal dela, estar lá pela pessoa que eu não entendo me trouxe muitos momentos de aprendizagem, de poesia,

Fonte: Imagem da autora (2023).

Imagem 46 - Escrivivência da participante Clarice Lispector

Momentos tipos e pontos da Clarice Lispector.

→ A relação com o atendido, eu não falava atendido porque não gosto muito de usar isso, eu talvez deveria falar atendido, porque a imensa maioria do público da assistência social é feminino... a relação com os atendidos no território delas, com toda a certeza do mundo foi onde eu tive maiores e melhores momentos de estado de poesia, estado de arte, de que algo faz sentido nesta profissão.

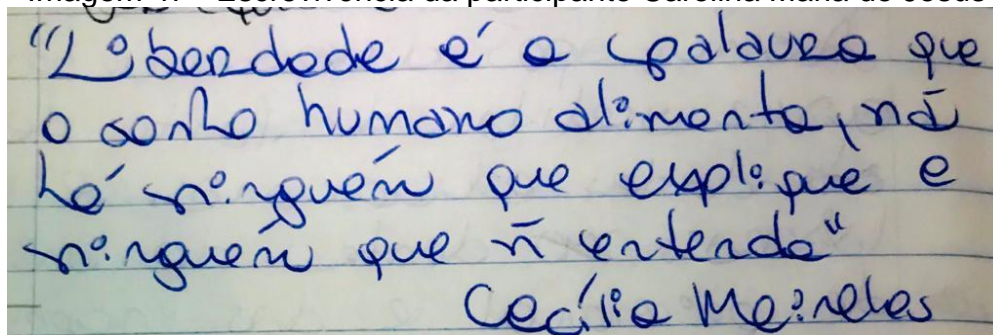
Fonte: Imagem da autora (2023).

Nos capítulos anteriores, já se refletiu sobre dois lugares (o olhar e ouvir) os quais esta palavrinha pode se instalar na perspectiva de auxiliar em umas das três dimensões constantes na profissão: a dimensão técnico operativa. Trata-se da dimensão a qual irá trazer a forma, o jeito de se fazer, refazer, pensar e repensar métodos, teorias e caminhos os quais geram as ações concretas nas rotinas das profissionais, uma dimensão geradora da imagem que se cria aos espectadores do trabalho cotidiano desta profissional.

Porém, outro aspecto que se percebe importante destacar antes de finalizar a presente dissertação está em como a poesia se aproxima do primeiro e um dos mais importantes princípios, aquele que deve nortear as ações técnicas de forma geral: a liberdade.

E é com uma citação poética da autora, poeta e escritora Cecília Meirelles feita pela participante Carolina Maria de Jesus em seu diário de itinerância que se inicia um refletir sobre a liberdade, este princípio tão potente e tão importante:

Imagem 47 - Escrevivência da participante Carolina Maria de Jesus

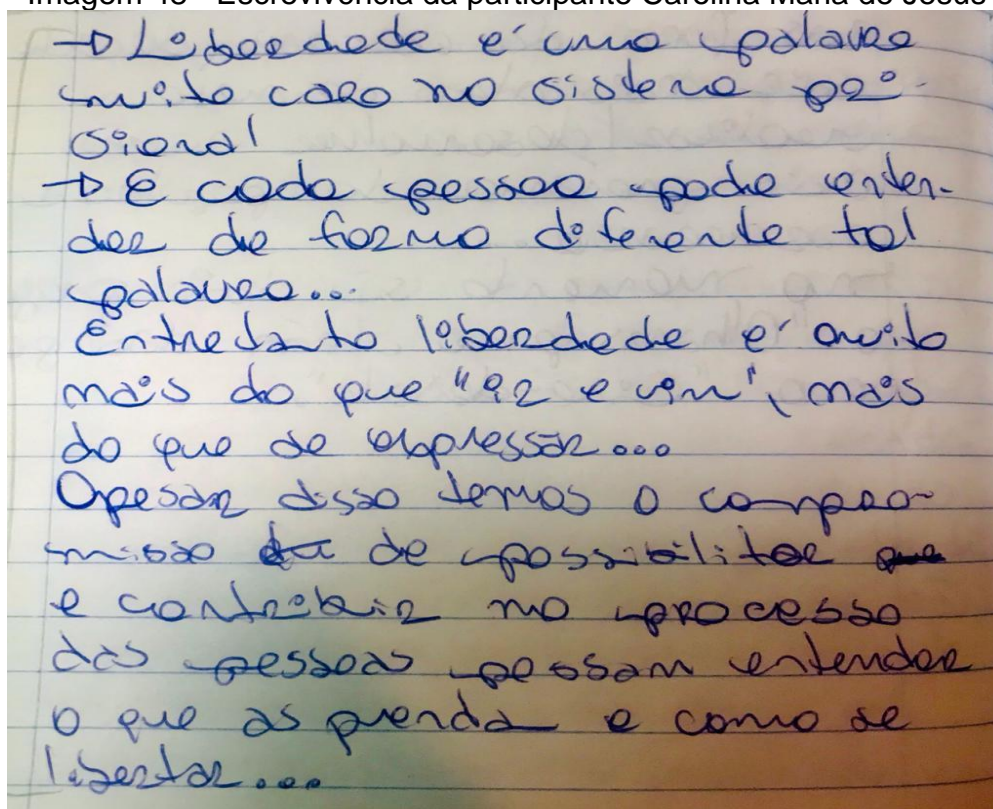


Fonte: Imagem da autora (2023).

Sim, a liberta, livre, leve e solta “liberdade”, aquela que embeleza a lei maior que rege a profissão da assistente social, o código de ética profissional, como valor ético central na busca pela emancipação, autonomia e plena expansão dos indivíduos sociais que se trará à tona nestas considerações finais.

Além da citação da reflexão sobre liberdade de uma grande poeta em seu texto, Carolina Maria de Jesus, em sua escrita grandiosa aborda densamente sobre este princípio, trazendo o significado da liberdade no lugar onde exerce suas atividades profissionais, o sistema prisional, conforme pode-se ler na escrevivência exposta a seguir:

Imagem 48 - Escrivência da participante Carolina Maria de Jesus



Fonte: Imagem da autora (2023).

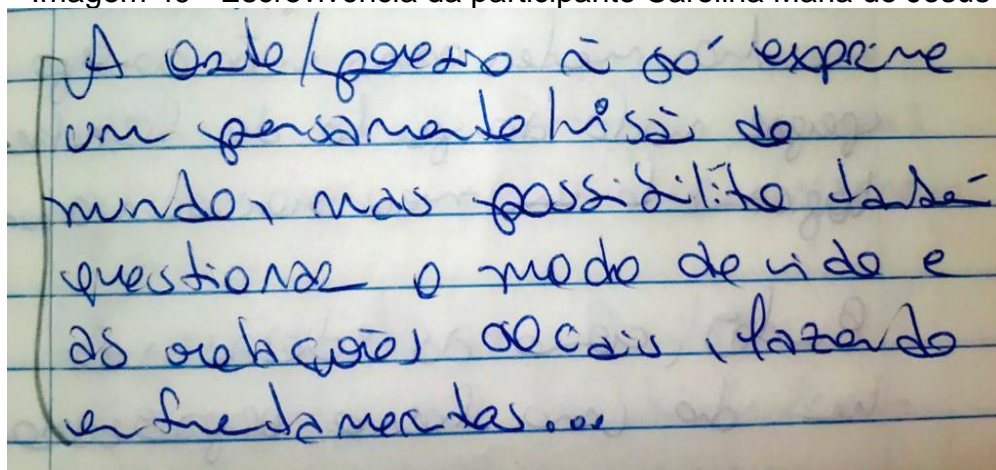
Assim, percebe-se que este princípio possui extrema aproximação com o sentido da palavra poesia a qual está se abordando, portanto, nesta pesquisa, ao passo que se está tentando fazer despertar ou fazer relações, de forma mais ampla, com o cotidiano da profissão e sua necessidade de expandir o ouvir e o olhar para se poder transformar, emancipar, portanto, libertar os sujeitos sociais.

Veja-se que a poesia também tem a ver com liberdade, a tão defendida por estas profissionais do serviço social em suas manifestações, atos, lutas, protestos e nas posturas defensivas de um transformar societário no cotidiano.

A característica de insubmissão, a deseducação proposta pelos atos poéticos bem como o princípio da liberdade e transformação da poesia é algo que tem a ver com os ideais que as assistentes sociais defendem no chão do dia a dia desta profissão.

Carolina Maria de Jesus, apresenta em sua potente escrivência o quanto a arte, através da poesia, pode auxiliar em processos de enfrentamento:

Imagem 49 - Escrivivência da participante Carolina Maria de Jesus



Fonte: Imagem da autora (2023).

Repete-se nestas breves considerações finais, novamente, o que se ensina a poesia, caso tenha-se a abertura para lhe colocar em um “lugar ao sol” dentro do cotidiano profissional: ela desperta o olhar e os ouvidos para que se possa enxergar como se víssemos pela primeira vez e ainda vai além, como explica o autor Moisés ao escrever sobre o espírito poético livre traduzido em ato revolucionário e, inclusive, político:

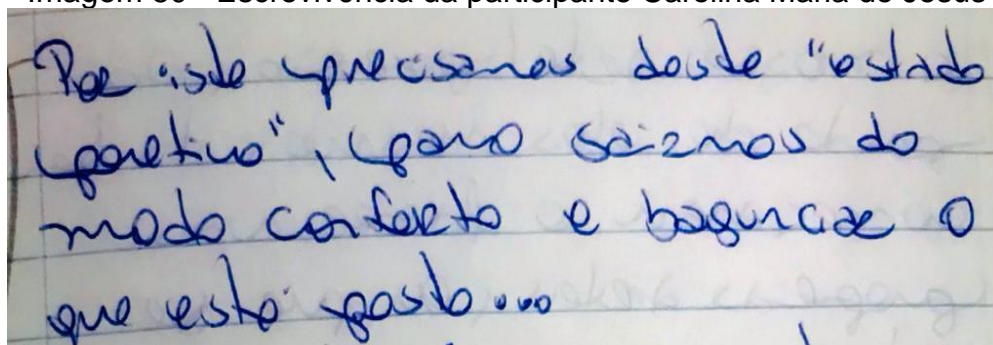
A poesia nos ensina a subverter permanentemente o já visto, no enalço da renovação e do aperfeiçoamento ilimitado, em eterno confronto com o simulacro de ‘perfeição’ imposto pela ideia sectária e utilitarista de uma sociedade esvaziada de memória, consagrada ao consumo e a descartabilidade de todas as coisas (Moisés, 2005, p. 42).

Está aí uma perspectiva histórica, dialética, bem como uma visão crítica do tema que envolve a poesia do cotidiano pois, a partir do momento que ela ensina a ver o novo de novo, ela vai no desencontro da estabilidade, imobilidade e da negação da própria história.

O estado poético impulsiona, portanto, a revolução, na medida em que se enche da “poesia, tomada esta em sua essência, enquanto afirmação da História, enquanto aposta radical na mudança e na transformação incessantes” (Moisés, 2005, p. 41).

A assistente social Carolina Maria de Jesus, nos traz o mesmo, concluindo com uma escrita carregada de significado, força e importância:

Imagem 50 - Escrevivência da participante Carolina Maria de Jesus



Fonte: Imagem da autora (2023).

Assim, enquanto se avançam as barbáries destes tempos, assoladas por crises de diversos aspectos onde a desumanização e o individualismo sufocam o cotidiano com suas expressões mais perversas, a poesia serve de apoio no enfrentar dos sofrimentos “e com a condição humana em seu mais alto nível: pensar, sentir, imaginar, sempre na contramão, hoje mais do que nunca...Poesia, continua a ser reino da liberdade, e liberdade quer dizer solidariedade, via de mão dupla” (Moisés, 2005, p. 135).

Portanto, conclui-se que o estado poético poderá fortalecer processos de acesso a esta deseducação libertária, essa aprendizagem do desaprender e a solidariedade revolucionária, medidas tão urgentes a serem reforçadas e aplicadas no dia a dia pelas assistentes sociais em seus mais variados campos de atuação quando da convivência com o público atendido.

Ao abrir espaço para a poesia ter lugar em seu dia a dia, a assistente social poderá fortificar-se em suas atitudes de indignação e revolta, em seu espírito de rebeldia, de liberdade, tão importante de serem pactuados quando no abraçar de um novo projeto societário.

É preciso somar forças e unir-se em uma autêntica postura poética e isso nada tem a ver com ser ou não poeta ou saber preencher papéis em branco com belas palavras e rimas com caneta de pena.

Isto tem a ver com o reconhecimento do papel social da poesia no fortalecimento das dimensões que cercam o cotidiano como o afeto, o olhar e o ouvir ao outro que está à frente, de forma atenta, alerta e aberta para, portanto, também poder olhar a si enquanto ser revolucionário e único e, em um ato de revolução, poder somar, dar as mãos ao outro no sentido de fazer junto, lado a lado, em relação de igualdade.

Dar lugar a poesia no dia a dia é poder olhar para a assistente social como profissional que pode transformar palavras para além de seus significados literários e utilizar a arte para além de um enfeite, seja esta materializada em poemas, seja em belos quadros pendurados na parede contendo barquinhos e pessoas com chapéus rendados navegando amorosamente por Veneza.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, L. R. O coordenador pedagógico e as relações interpessoais no ambiente escolar: entre acertos e desacertos. *In*: PLACCO, V. M. N. S; ALMEIDA, L. R. (org.). **O coordenador pedagógico e a legitimidade de sua atuação**. São Paulo, Loyola, 2017.
- ALVES, R. **O amor que acende a lua**. 8. ed. Campinas: Papyrus, 1999.
- ANDRÉ, M. E. D. A. de. Texto, contexto e significados: algumas questões na análise de dados qualitativos. **Cadernos de Pesquisa**, [s.l.], n. 45, p. 66 – 71, 1983.
- ARRUZZA, C. Considerações sobre Gênero: reabrindo o debate sobre o patriarcado e/ou capitalismo. **Revista Outubro**, [s.l.], n. 23, 2015.
- AUDEN, W. H. The poet and the city. *In*: SCULLY, J. (org.). **Modern Poetics**. Nova York: McGraw- Hill, 1965.
- BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Brasília: Plano, 2002.
- BILAC, O. **Antologia**: poesias. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- CARVALHO, M. C. B.; NETTO, J. P. **Cotidiano**: conhecimento e crítica. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- CONCEIÇÃO Evaristo. **Literafro**. Belo Horizonte: UFMG, 2009. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acesso em: 04 jun. 2023.
- CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL – CFESS. **Código de Ética profissional do/a Assistente Social**. Lei 8662/93 de regulamentação da profissional. 4. ed. Brasília, DF: CFESS, 1993.
- CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL – CFESS. **Perfil de assistentes sociais no Brasil**: formação, condições de trabalho e exercício profissional. Brasília, DF: CFESS, 2022. *E-book*. Disponível em: <https://www.cfess.org.br/arquivos/2022Cfess-PerfilAssistentesSociais-Ebook.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2023.
- DANTAS, A. Nossa irmã Carolina. *In*: JESUS, C. M. de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 6. ed. São Paulo: Francisco Alves, 1960.
- DELEUZE, G. **Cursos sobre Spinoza (Vincennes, 1978-1981)**. 3. ed. Fortaleza: EdUECE, 2019. Disponível em: <https://www.uece.br/eduece/wp-content/uploads/sites/88/2013/07/Cursos-Gilles-Deleuze-sobre-Spinoza-3-Edicao-10Mai2019.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2023.
- DUARTE, M. J. O. Subjetividade, marxismo e Serviço Social: um ensaio crítico. **Serviço Social & Sociedade**. São Paulo, n. 101, p. 5 - 24, jan/mar.2010. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/sssoc/a/V7ythTSw3t7nGDd3sc8XxJy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 jun. 2023.

EVARISTO, C. **Becos da memória**. Belo Horizonte: Mazza, 2006.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

GOMES, L. G. N.; JÚNIOR, N. da S. Experimentação política da amizade a partir da teoria dos afetos de espinosa. **Cadernos Espinosanos**, [S. l.], v. 1, n. 28, p. 39-58, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/espinosanos/article/view/81266>. Acesso em: 26 jun. 2023.

GORZ, A. **O Imaterial**: conhecimento, valor e capital. São Paulo: Annablume, 2005.

GRAFITTI. **Scrapbooking**: o que é isso? 2018. Disponível em: <https://blog.grafittiartes.com.br/scrapbooking-o-que-e-isso/>. Acesso em: 17 jul. 2023.

GRUBER, G.; MIRANDA, E. O cosmos das línguas indígenas perante a barbárie do antropoceno. **Revista Nanduty**, [S. l.], v. 11, n. 17, p. 89–117, 2023. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/nanduty/article/view/16820>. Acesso em: 6 set. 2023.

GUERRA, Y. A dimensão técnico operativa do exercício profissional. *In*: SANTOS, C. M. dos; BACKX, S.; GUERRA, Y. **A dimensão técnico-operativa no Serviço Social**: desafios contemporâneos. São Paulo: Cortez, 2017.

HELLER, A. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

IAMAMOTO, M V. **O Serviço Social na Contemporaneidade**: trabalho e formação profissional. São Paulo: Cortez, 2003.

LACERDA, L. E. P. **Era só mais um Silva**: fundamentos e defesa do exercício profissional crítico da assistente social. 2017. 441 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Centro Sócio-Econômico, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/188781>. Acesso em: 26 jun. 2023.

LEÃO, R. de H. **Estética marxista e mediação através da arte**: perspectivas do cotidiano do (a) assistente social. 2022. 345 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/26483>. Acesso em: 25 jun. 2023.

LEFEBVRE, H. **Lefebvre publica "Le droit à la ville"**. Cronologia do pensamento urbanístico. [s.l.: LEU, UFBA, 2023. Disponível em: <http://cronologiadourbanismo.ufba.br/biografia.php?idVerbete=1556&idBiografia=37>. Acesso em 16 jul. 2023.

LUKÁCS, G. **Marx e o Problema da decadência ideológica**: anuário Lukács 2015. São Paulo: Instituto Lukács, 2015.

LUKÁCS, G. **Para uma ontologia o ser social II**. São Paulo: Boitempo, 2013.

MANSANO, S. V. Dimensões afetivas atualizadas no trabalho do Assistente Social. **Serviço Social em Revista**, Londrina, v. 12, n. 2, p. 33 - 49, 2010. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/ssrevista/article/view/7541>. Acesso em: 24 mar. 2023.

MARTINELLI, M. L. **Pesquisa qualitativa**: um instigante desafio. São Paulo: Veras Editora, 1999.

MINAYO. M. C. de S. Ciência, Técnica e Arte: O desafio da pesquisa social. *In*: MINAYO. M. C. de S. (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MOISÉS, C. F. **Poesia pra quê**: a função social da poesia e do poeta- São Paulo: Unesp, 2019.

MORAES, E. S. **Subjetividade e serviço social**: desafios para a prática profissional. Curitiba: CRV, 2021.

MORIN, E. **Amor, poesia, sabedoria**. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasi, 2005.

MORRE Agnes Heller, a filósofa da vida cotidiana que sobreviveu ao Holocausto. **El País**, Madri, 2019. Cultura, Orbituário. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/20/cultura/1563613892_827024.html. Acesso em: 16 jul. 2023.

NEAM PUC-SP. **Home**. [2022]. Disponível em: <https://youtube.com/@neampucsp>. Acesso em: 04 set. 2023. YouTube Canal.

NEGRI, A.; HARDT, M. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

NETTO, J. P. **O leitor de Marx**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

PAZ, O. **Ao arco e a Lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PESSOA, F. **Poesias Inéditas (1919-1930)**. Lisboa: Ática, 1956.

PESSOA. F. **Poemas de Alberto Caieiro**. 3. ed. Lisboa: Ática, 1958.

RAYEL, M. L. Gesto, afeto e arte em Espinosa. **Algazarra**, São Paulo, n. 5, p. 196-214, nov., 2017.

REIS, M. F. dos. **Cantos à beira-mar e Gupeva**. São Luís: Academia Ludovicense de Letras, 2017.

RODRIGUES, V. **Versos para aumentar o mundo**. São Paulo: Edições do burro, 2013.

SAINT-EXUPÉRY, A. de. **O pequeno príncipe**. 48. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

SANTANA, T.; ZAPPAROLI, A. Conceição Evaristo – “A escrivência serve também para as pessoas pensarem”. **Itaú Social**, Agência de Notícias - Dez perguntas para.

9 nov. 2020. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/>. Acesso em: 19 maio 2023.

SIGALLA, L. A. A.; PLACCO, V. M. N. de S. Análise de prosa: uma forma de investigação em pesquisas qualitativas. **Revista Intersaberes**, 17, v. 40, p. 100-113, 2022. DOI: <https://doi.org/10.22169/revint.v17i40.2276>. Acesso em: 15 nov. 2022.

SOUZA, W. **Carolina Maria de Jesus**. Brasil Escola, UOL, Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/carolina-maria-jesus.htm>. Acesso em: 04 jun. 2023.

SOUZA, W. **Clarice Lispector**. Brasil Escola, UOL, Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/biografia/clarice-lispector.htm>. Acesso em: 04 jun. 2023.

TELLES, L. F. **Antes do baile verde**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

VASCONCELOS, E. M. (org.). **Saúde Mental e Serviço Social: o desafio da subjetividade e da interdisciplinaridade**. São Paulo: Cortez, 2022.

APÊNDICES

ORIENTAÇÕES SOBRE A PESQUISA

ESCREVER UM DIÁRIO DE ITINERÂNCIA

Pesquisa: A função social da poesia e seu lugar no cotidiano profissional da Assistente Social

Pesquisadora: Juliana Garcia de Brito de Lima e Silva

1-Faça a leitura da coletânea de textos a seguir:

- “O lugar da poesia no dia a dia da assistente social”, ensaio de Juliana Brito
- “Da construção de becos”, trecho de livro de Conceição Evaristo
- “Leve e suave”, música de Lenine

A coletânea de textos apresentados embasará você a exercer a escrevivência de um diário de itinerância. O primeiro texto trata-se de um ensaio reflexivo inspirado na presente pesquisa, fruto de nossa participação na disciplina “Cotidiano Profissional”, ministrado pela profa. Dra. Maria Lúcia Martinelli intitulado “O lugar da poesia no dia a dia da assistente social”. Já o segundo texto, refere-se a um pequeno trecho denominado “Da construção de becos”, do romance “Becos da Memória”, de Conceição Evaristo, onde a mesma traz a luz de forma clara e concisa o conceito de escrevivência para o exercício aqui proposto. O terceiro texto trata-se da letra de uma cação escrita pelo poeta e cantor Lenine, chamada “Leve e suave”, faixa 1 do álbum denominado “Em trânsito” do referido artista, lançado no ano de 2018.

2-Ao término, escreva um diário de itinerância com suas vivências do cotidiano profissional que dialoguem com a leitura

René Barbier (2007) define Diários de Itinerância como “blocos de apontamentos, no qual cada um anota o que sente, o que pensa, o que medita, o que poetiza, o que retém de uma teoria, de uma conversa, o que constrói para dar sentido

à vida”. A construção de Diários de Itinerância foi proposta por ele como técnica de pesquisa-ação e permite ao leitor, ao primeiro contato com os textos propostos, escrever um diário de suas trajetórias com os afetos, memórias, pensamentos e lembranças mobilizadas pela leitura.

Ao finalizar sua escrita, deixe seu texto por um ou dois dias e, após isso, retorne a ele. Caso ache necessário, faça alterações ou complementos de seus relatos. Se necessitar, podemos nos falar novamente para esclarecer quaisquer dúvidas sobre a estratégia dos Diários de Itinerância.

Boa leitura! Bom resgate de suas memórias afetivas! Boa escrita!

Aguardo a entrega do diário até a data.....para que possa dar sequência aos estudos sobre o tema.

Muito agradecida pela sua valiosa participação!

Juliana Garcia de Brito de Lima e Silva

Mestranda do Curso do Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social da Puc-SP.

TERMO DE CONSENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Decreto nº 93.933, de 14/01/1987; Resolução CNS nº 196/1996)

Título provisório da pesquisa: A função social da poesia e seu lugar dentro do cotidiano profissional da assistente social

Pesquisador responsável: Juliana Garcia de Brito de Lima e Silva

Orientadora responsável: Professora Dra. Maria Lúcia Martinelli

Objetivos da Pesquisa: Analisar, através da escrita de Diários de Itinerância, o lugar da poesia contida no cotidiano profissional das assistentes sociais.

Este termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) tem por objetivo solicitar a sua autorização para a realização da pesquisa acima citada, pelo pesquisadora Juliana Garcia de Brito de Lima e Silva, que é mestranda no Programa de Estudos Pós-graduados em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC/SP. Informamos que a autorização não é obrigatória, no entanto, espera-se que os resultados obtidos com a pesquisa possam contribuir para o estudo do tema no universo do Serviço Social.

Declaramos que não há nenhum tipo de risco (físico, emocional ou mental) para os participantes e que todas as informações pessoais ficarão em sigilo. A sua autorização pode ser retirada a qualquer momento e se tiver dúvidas pode esclarecê-las com o pesquisador, nos dados e identificação que estão no topo desse termo. Gostaríamos de agradecer pela atenção e pedimos que, caso autorize a realização da pesquisa, preencha os dados abaixo e assine as duas vias deste termo. Será encaminhado uma cópia assinada pelo pesquisador.

Eu, _____, **R.G.**
_____, **autorizo a realização e utilização das informações fornecidas
dessa pesquisa, por meio da escrita de diários de itinerância.**

Participante

Pesquisador

TEXTO DE FEMENAGEM PÓSTUMA À DONA RUFINA

A Lógica Cruel do “Mas”

*Querida amiga, eu quero lhe dizer publicamente que eu te amo e sinto muito
você ter perdido a sua mãe*

Estou muito triste, mesmo neste dia de alegria

Então, eu queria poder te abraçar através do que sei fazer direito: escrever

Nestas palavras, registrar algo que lhe conforte um pouco

E homenagear esta grande mulher que ela foi

E que partiu de forma tão inesperada e triste

Dona Rufina demorou a ser atendida em um momento crítico de saúde

Sua maior necessidade, naquela hora e naquele lugar, era a necessidade da

VIDA

MAS, ela estava já fraca e as suas veias desapareceram...

MAS, não conseguiam lhe coletar o sangue...

MAS, pediram para ela sair pra se alimentar e depois voltar...

*MAS, finalmente quando lhe atenderam, os exames demorariam ainda 4 horas
para ficarem prontos...*

MAS, daí então ela foi pra emergência e de lá já não saiu...

MAS...

MAS...

MAS e

MAS...

Foram muitos “MAS”, onde a soma de todos, como sempre,

Representou mais uma morte considerada “evitável”

*São tantas e tantas mulheres que já não conseguiríamos somar os “MAS” desta
sociedade de lógica tão cruel*

Das mulheres que passam por isso diariamente em nosso país

Das mulheres das mortes evitáveis...

Querida, saberá Deus a hora em que eu irei lhe encontrar

*Mas, quando isso acontecer, quero lhe levar bolo e as cintas que lhe prometi
naquela nossa conversa feliz de quinta, poucas horas antes desse terror acontecer*

*E vamos viver tudo sem evitar nada
Dona Rufina segue com a gente nessa estrada
Em nossa luta, nossa força, nossa ancestralidade
Viva Rufina, Viva Luciana!
Viva nosso amor e nossa amizade!*

Jú Brito nov/2023

